

SEMANA DE
**COMPETI
TIVIDADE**

CULTIVANDO A CULTURA COOPERATIVISTA

BRASÍLIA/DF

11-13 AGOSTO 2026

A cultura que sustenta o cooperativismo

Memória, princípios e
valores guiam o futuro das
cooperativas brasileiras

LIVROS PARA QUEM
FAZ O COOPERATIVISMO
ACONTECER. **TEM LER!**



Inovação, comunicação e cultura cooperativista são alguns dos temas presentes nessas publicações pensadas especialmente para quem vive o cooperativismo no dia a dia! Inspire-se com novas ideias e fortaleça a sua atuação cooperativista. Boa leitura!

Leia on-line
de forma
gratuita:



inova**coop**

somos**coop**

cultura**coop**



Sistema**OCB**

CNCOOP | OCB | SESCOOP

**REVISTA DA
SEMANA DE
COMPETITIVIDADE
2026**

**Presidente do Conselho de
Administração do Sistema OCB**
Márcio Lopes de Freitas

**Presidente Executiva
do Sistema OCB**
Tania Zanella

**Superintendente do
Sistema OCB**
Fabiola Nader Motta

Gerente geral da OCB
Clara Pedroso Maffia

Gerente geral do SESCOOP
Ivan Figueiredo Mafra

**Gerente de Comunicação
e Marketing**
Samara Caroline de Araujo

Equipe de comunicação
Rhayana Quintas
Lucas Badú

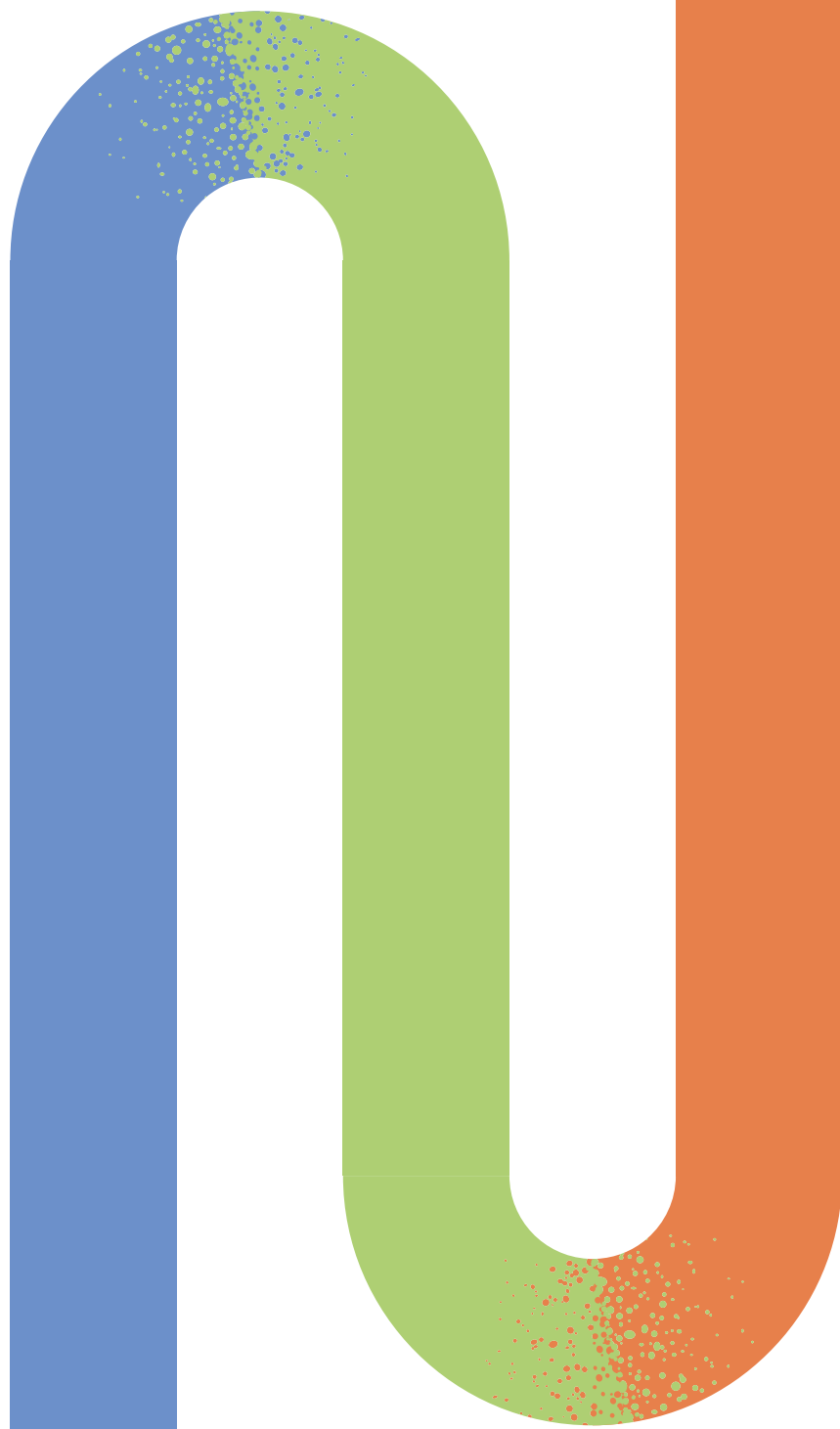
Jornalistas
Gustavo Bezerra
Júlia Pupo
Mariana Chagas
Romário Ferreira

**Projeto gráfico
e diagramação**
Mateus Valadares

Fotografia e edição
Robson Cesco Fotografia

Revisão
Coonecta

Esta publicação foi composta
em Inter e Intro em setembro
de 2026 para o Sistema OCB



18

PLENÁRIAS

18. O QUE É SER COOPERATIVISTA NO SÉCULO XXI
Clóvis de Barros Filho refletiu sobre confiança, generosidade e solidariedade no cooperativismo no mundo contemporâneo

22. AS RAÍZES DO COOP E A MEMÓRIA INSTITUCIONAL
Conhecer a trajetória do movimento e preservar seu legado ajudam a manter viva a cultura cooperativista e preparar as novas gerações

26. O COOPERATIVISMO QUE TRANSFORMA E AMPLIA O DESENVOLVIMENTO LOCAL
Painel reúne especialistas para discutir como as cooperativas geram renda, inclusão e acesso a serviços em suas comunidades

30. COMO ESTÁ A CULTURA NA SUA COOP?
Mapeamento apresentado na Semana de Competitividade propõe observar práticas, símbolos e relações que expressam os valores do movimento

34. UM RAIO-X DA CULTURA COOPERATIVISTA NO BRASIL

Diagnóstico inédito revela a força do vínculo dos cooperados, expõe a lacuna na integração de milhares de novos associados por dia e aponta a educação como motor do futuro do modelo

38. PRECISAMOS SER COOPERATIVISTAS, MAIS DO QUE NUNCA!
Sistema OCB dispõe de soluções sistêmicas para transformar cooperados em defensores reais do propósito, e detalha o caminho para educar as novas gerações

42. TENDÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO E OS CONFLITOS GERACIONAIS
O antropólogo Michel Alcoforado explicou que a cooperação entre gerações fortalece a inovação em um mundo em transformação

46. CULTURACOOP, UM COMPROMISSO COM O FUTURO
Ao encerrar a Semana de Competitividade 2026 com o balanço dos aprendizados, Tania Zanella convocou os participantes à ação

50

TRILHAS TEMÁTICAS

50. TRILHAS TEMÁTICAS: CAMINHOS PARA FORTALECER A CULTURA COOPERATIVISTA
Quatro eixos reuniram especialistas, lideranças e experiências para discutir educação, governança, comunicação, legado e os desafios para o futuro do movimento

58. GOVERNANÇA COOPERATIVISTA UNE CULTURA, LIDERANÇA, DIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE
Sala temática destacou pilares que fortalecem a governança e preparam as organizações para novos desafios

6

ABERTURA

6. PALAVRA DO PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO SISTEMA OCB

8. PALAVRA DA PRESIDENTE EXECUTIVA DO SISTEMA OCB

10. CULTIVANDO A CULTURA COOPERATIVISTA
Semana de Competitividade 2026 uniu passado, presente e futuro para discutir como preservar a identidade do movimento em pleno crescimento

Sumário



64. EDUCAÇÃO CULTIVA PERTENCIMENTO E FUTURO NO COOPERATIVISMO

Da primeira infância à inteligência artificial, a trilha que discutiu o 5º princípio mostrou que educar é criar condições para que o modelo seja compreendido e vivido

70. COMUNICAÇÃO COMO ATIVO ESTRATÉGICO DO COOPERATIVISMO
Sala temática abordou gestão de reputação, experiência do cooperado e estratégias para destacar o propósito cooperativo no mercado

76. LEGADO E SUCESSÃO:
CULTIVANDO A CONTINUIDADE DAS COOPERATIVAS
Cultura, memória e preparo de novas lideranças sustentam a continuidade das cooperativas

82. LABS INCENTIVAM PARTICIPANTES A FORTALECER A CULTURA COOPERATIVISTA
Experiências colaborativas transformaram os conteúdos das trilhas em atividades práticas sobre juventude, educação, comunicação e preservação da memória

88

LANÇAMENTOS

88. AS RAÍZES DO COOP REUNIDAS EM LIVRO
Obra lançada na Semana de Competitividade percorre mais de 360 anos de história e defende a memória como ferramenta estratégica para o futuro do movimento

92. COMUNIDADE CULTURACOOP: A CULTURA QUE CONTINUA DEPOIS DO EVENTO
Rede conecta agentes de cultura e participantes para transformar os aprendizados da Semana de Competitividade em ações dentro das cooperativas

94. DOCUMENTÁRIO COMPARTILHA TRAJETÓRIA DE PIONEIROS DO COOPERATIVISMO
Lançamento de produção audiovisual celebra a memória do movimento como ferramenta de formação e legado

96. CAPACITACOOP: HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA COOPERATIVISTA REUNIDAS EM NOVA TRILHA
Curso lançado na CapacitaCoop conecta trajetória do movimento, preservação do legado e fortalecimento da cultura nas cooperativas

98

ESPAÇOS E ATIVAÇÕES

98. VIVÊNCIA COOP NA PRÁTICA: ATIVAÇÕES GAMIFICADAS E ESPAÇOS

106. PRAÇA DOS PRINCÍPIOS: OS PILARES DO COOP EM VÍDEO

108. TÚNEL CULTURACOOP: UMA VIAGEM NO TEMPO

110. MARKETCOOP: A VITRINE DIGITAL DO COOPERATIVISMO

112. JOGAR+APRENDER: APRENDIZADO LÚDICO E MULTISSENSORIAL

114. SOMOSCOOP E SOLUÇÕES DO SISTEMA OCB: IDENTIDADE E FERRAMENTAS DO COOPERATIVISMO BRASILEIRO

116. SALA SENSORIAL: DIVERSIDADE E EMPATIA NA PRÁTICA

120. ESTÚDIO COOP: HISTÓRIAS QUE INSPIRAM

124

ENCERRAMENTO

124. APRENDIZADOS NA BAGAGEM
Representantes de cooperativas de todo o país compartilham insights e experiências da Semana de Competitividade 2026

130. UM EVENTO SUSTENTÁVEL E INCLUSIVO
Gestão de resíduos, compostagem e compensação de emissões marcaram a operação da Semana de Competitividade 2026

132. GENTE QUE COOPERA



Palavra do Presidente
do Conselho de Administração
MÁRCIO LOPES DE FREITAS

Cultivar todos os dias

Costumo dizer que o cooperativismo se parece com uma muda. Quando é plantada, ela ainda é pequena e frágil, e o seu crescimento depende do cuidado diário: água na medida certa, sol, terra boa e mãos atentas. Nenhuma árvore forte chegou até aqui sem ser regada, muito antes de dar sombra ou frutos. Com o cooperativismo acontece o mesmo. Ele cresce porque, geração após geração, há pessoas dispostas a cuidar.



Quando ouvimos as cooperativas sobre o que consideravam prioritário para o futuro do movimento, a cultura apareceu de forma recorrente”
– MÁRCIO LOPES DE FREITAS

Foi com essa convicção que escolhemos, para a Semana de Competitividade 2026, o tema *Cultivando a Cultura Cooperativista*. A palavra cultura vem justamente de cultivar. E, quando olhamos para o que sustenta o nosso movimento, encontramos as pessoas no centro, desde o início. São as raízes que seguram a árvore quando o vento aperta. Foi por reconhecer esse valor que dedicamos, no primeiro dia do evento, uma homenagem aos pioneiros do cooperativismo — aqueles que plantaram as primeiras mudas e cuidaram delas quando quase ninguém acreditava.

O que me alegra é que este tema não nasceu em um gabinete: veio da própria base. Quando ouvimos as cooperativas sobre o que consideravam prioritário para o futuro do movimento, a cultura apareceu de forma recorrente. Foram as próprias cooperativas que nos pediram para cultivá-la juntos. E esse é o solo mais fértil que existe: o de uma causa que a base reconhece como sua.

Hoje, o cooperativismo brasileiro reúne 4.400 cooperativas e 29 milhões de cooperados, presentes em todos os estados e nos mais diversos setores da economia. É uma árvore que cresceu, deu sombra e passou a alimentar milhões de brasileiros. Mas o tamanho de hoje não nos autoriza a descuidar do amanhã. Uma cultura permanece viva quando é praticada, transmitida e renovada. Se deixarmos de regar, mesmo a árvore mais robusta adoece.

Esta edição da revista é também um convite a olhar para esse movimento em permanente construção. Nas próximas páginas, você encontrará histórias, experiências, ideias e iniciativas que mostram como a cultura cooperativista ganha vida na prática e se renova a partir das pessoas que fazem parte dela. Cada conteúdo ajuda a compreender de onde viemos, o que estamos construindo e, principalmente, o que queremos cultivar para o futuro. Convido você a percorrer estas páginas com esse olhar. A conhecer as pessoas e experiências que dão vida ao cooperativismo e a refletir sobre o papel de cada um de nós na continuidade dessa história.

O cooperativismo que recebemos foi cuidado por quem veio antes. O cooperativismo que deixaremos será resultado do que cultivarmos agora. Que esta revista também seja uma semente: de conhecimento, de reflexão, de pertencimento e, sobretudo, de vontade de seguir cultivando, todos os dias, a cultura que nos trouxe até aqui.

Boa leitura!

Palavra da Presidente
Executiva do Sistema OCB

TANIA ZANELLA

A cultura que **nos conecta**

Há momentos em que é importante olhar para o caminho percorrido para entender melhor o próximo passo. Esta edição da revista é um convite a fazer justamente isso: conhecer histórias, reflexões e iniciativas que ajudam a compreender o que nos trouxe até aqui e, ao mesmo tempo, pensar sobre o cooperativismo que queremos construir para o futuro.

Esse olhar esteve no centro da Semana de Competitividade 2026. Ao longo de três dias, reforçamos uma convicção que acompanha o nosso movimento: muitas das respostas buscadas hoje pelas organizações — colocar as pessoas no centro, distribuir resultados com justiça, decidir de forma democrática e construir relações duradouras — fazem parte da essência do cooperativismo desde a sua origem. Nosso desafio é cuidar dessa essência para que ela permaneça viva, relevante e conectada às transformações da sociedade.

Foi por isso que colocamos a cultura como fio condutor da Semana. E, desta vez, partimos também de um conhecimento mais profundo sobre nós mesmos. Realizamos a nossa primeira Pesquisa Nacional de Cultura Cooperativista, um verdadeiro raio-X do movimento: foram 9.761 respondentes na etapa quantitativa e uma escuta qualitativa que percorreu 37 cooperativas em 26 estados e no Distrito Federal. Poucas vezes o cooperativismo brasileiro se debruçou sobre si mesmo com esse cuidado.

O retrato que emergiu tem forças e aponta caminhos. Entre as forças, o vínculo: o cooperado que encontra na cooperativa uma relação de longo prazo, de pertencimento e de confiança. Trata-se de uma herança valiosa, construída por quem veio antes de nós. A pesquisa também mostrou espaços importantes para avançarmos: aproximar gerações, renovar sentidos e fazer com que nossas práticas acompanhem um mundo em transformação. Conhecer esses desafios nos permite agir com mais clareza sobre onde estamos e onde queremos chegar.



“No cooperativismo, a gente tem com quem compartilhar. Não só a necessidade, mas também o resultado. Isso é nosso, e é isso que precisa ser valorizado” – TANIA ZANELLA

Cultura é o jeito de pensar, de se relacionar e de agir de um povo. No cooperativismo, ela conecta o nosso passado (a coragem dos pioneiros), o nosso presente (29 milhões de cooperados construindo prosperidade em todos os cantos do país) e o futuro que queremos deixar. É uma ponte, e pontes exigem manutenção constante.

Por isso, a Semana não terminou em palavras. Dela saíram entregas concretas para manter a cultura viva ao longo de todo o ano. Lançamos o primeiro volume da Trilogia Cultura Cooperativista, o livro “Raízes e Fundamentos do Cooperativismo – volume 1. Legado”, que recupera mais de 360 anos de história e memória do nosso movimento. Reestruturamos o eixo CulturaCoop, que organiza o nosso trabalho com o tema ao longo do ano. E levamos ao palco os nossos Agentes de Cultura de todo o Brasil, criando uma comunidade para mantê-los conectados. São sementes plantadas para que o cultivo não pare quando as luzes do evento se apagam.

É esse espírito de continuidade que também atravessa as páginas desta revista. Ao percorrê-las, o convite é olhar para a cultura cooperativista como algo que pertence a todos nós e que ganha significado nas escolhas que fazemos diariamente. Nas histórias, experiências e reflexões reunidas nesta edição, encontramos diferentes maneiras de reconhecer nossas raízes e, ao mesmo tempo, preparar o terreno para aquilo que ainda queremos construir.

A cultura se cultiva no cotidiano, no gesto de cada liderança e de cada cooperado que escolhe fazer diferente. Sigo com a certeza de que estamos no caminho certo. Juntos e juntas, vamos conectar o que fomos e o que somos para seguir cultivando o cooperativismo que queremos ser. Esse é o nosso compromisso com o futuro.

Como disse no encerramento da Semana de Competitividade, nossa missão está apenas começando, e espero que as próximas páginas inspirem cada leitor a fazer parte dela.

Desejo a todos uma ótima leitura!

Cultivando a cultura cooperativista



Mestre de Cerimônia Márcio Ballas durante a abertura da Semana de Competitividade 2026.

Semana de Competitividade 2026
uniu passado, presente e futuro para
discutir como preservar a identidade
do movimento em pleno crescimento



Todos os anos, a Semana de Competitividade, organizada pelo Sistema OCB, traz à tona temas centrais para o cooperativismo brasileiro. A edição de 2026 aconteceu entre os dias 11 e 13 de agosto, em Brasília, com o mote *Cultivando a cultura cooperativista*, e se dedicou a explorar os caminhos para fortalecer o legado, a identidade e a continuidade do movimento, conectando passado e presente para cultivar o futuro.

A programação foi completa e reuniu mais de 800 participantes no Centro Internacional de Convenções do Brasil (CICB). Ao longo dos três dias, uma plenária, quatro trilhas de conteúdo segmentado, laboratórios, gravação do videocast oficial e uma jornada de experiências cooperativistas discutiram educação, governança, comunicação, juventude, legado e sucessão.

Disseminar cultura para construir o futuro

Na abertura, o presidente do Conselho de Administração do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, lembrou que a escolha do tema não nasceu de um planejamento de gabinete, mas da própria base cooperativista. Durante o processo de escuta realizado pelo Sistema OCB antes do 15º Congresso Brasileiro do Cooperativismo (CBC), foram recebidas 1,9 mil sugestões para orientar as diretrizes de atuação do movimento no período de 2025-2030. A palavra “cultura” apareceu mais de 400 vezes nas contribuições, sinal de que o assunto já ocupava um lugar central nas preocupações das cooperativas espalhadas pelo país, muito antes de virar tema oficial do evento.

Para Freitas, falar de cultura é falar também daquilo que sustenta o movimento e da relação entre a cooperativa e quem está no centro do modelo: o cooperado. Ele recorreu a uma imagem do universo agrícola para explicar essa ideia. “Cooperativismo é uma planta que nasce muito melhor quando é muda do que quando é enxerto. Se ele não vier de uma origem, de um sentimento, só no campo das ideias, ele não se enraíza. A cultura cooperativista precisa ser cultivada diariamente”, afirmou.

A partir dessa escuta, a cultura passou a ocupar espaço estratégico no planejamento do Sistema OCB e ganhou uma programação específica ao longo da Semana, com trilhas, painéis e laboratórios dedicados ao tema. Para Márcio, o desafio está em conciliar o avanço das cooperativas, cada vez mais profissionalizadas e competitivas, com a preservação dos princípios que diferenciam o modelo de outros agentes econômicos.

“Precisamos surfar a onda da inovação, da profissionalização, da adequação. Precisamos de negócios grandes, de potência de negócio. Mas não podemos deixar que o negócio desequilibre o conceito com as bases, os princípios e os valores. Essa é a nossa diferença”, destacou.

Nesse contexto, o presidente chamou atenção para o papel do cooperado como origem e razão de ser da cooperativa, e não

“Cooperativismo é uma planta que nasce muito melhor quando é muda do que quando é enxerto.”

– MÁRCIO LOPES DE FREITAS

como consequência dela. “A cooperativa é a criatura do cooperado. A criatura não pode ser mais importante que o criador. A base do nosso negócio é a nossa gente, é o nosso cooperado”, disse. A fala também apontou para a necessidade de aproximar novamente as cooperativas de suas bases, sem renunciar à evolução necessária para competir em mercados cada vez mais complexos.

Segundo ele, a proposta do Ano CulturaCoop e da programação da Semana é justamente iniciar esse movimento de resgate. “Resgate do verdadeiro papel dos cooperados, de um sentimento cada vez mais forte de que essa é a nossa diferença. Essa semana é um motor de arranque nesse processo”, completou.

José Alves Neto, presidente da Aliança Cooperativa Internacional para as Américas, também participou da abertura e destacou que o crescimento do cooperativismo precisa caminhar junto com a preservação de sua identidade. Ao abordar o cenário brasileiro e internacional, ele afirmou que a preocupação com a cultura cooperativista não é exclusiva do Brasil, mas sim um tema recorrente em conversas que mantém com lideranças de outras regiões do mundo.

“A resposta dos encontros, tanto aqui no Brasil quanto nas conversas que tenho pelas Américas e na Ásia, é sempre a mesma: formar pessoas, formar lideranças conscientes, formar educadores capazes de disseminar a cultura cooperativista entre cooperados, colaboradores e comunidade, e formar cooperados que entendam, na prática, por que fazemos o que fazemos e da forma que fazemos”, afirmou.

A fala de José Alves reforça um ponto que atravessou toda a abertura do evento: a cultura cooperativista não se sustenta apenas em discursos ou princípios abstratos, mas em processos contínuos de formação de quem lidera, de quem trabalha nas cooperativas e de quem é cooperado. É esse processo formativo

Participantes
em momento
de descontração
na Plenária.



que garante que o crescimento do movimento não se distancie de sua identidade original.

A relação entre passado, presente e futuro também marcou a abertura da Semana, com o lançamento do documentário “Pioneiros do Cooperativismo Brasileiro”. Produzido pelo Sistema OCB como parte do Ano CulturaCoop, o filme reúne relatos de lideranças que ajudaram a construir o cooperativismo em diferentes ramos e regiões do país, registrando histórias e testemunhos que, de outra forma, correriam o risco de se perder com o tempo, demonstrando a importância do registro da memória como parte do fortalecimento da cultura cooperativista. Saiba mais sobre o documentário na página 94.

Plenária: o passado deixa alicerces para o futuro

Em três dias de evento, a plenária da Semana de Competitividade reuniu os participantes para acompanhar uma programação com seis palestras, um painel e sete lançamentos. As apresentações e debates com representantes do Sistema OCB e especialistas que compartilharam seus conhecimentos e experiências abordaram temas imprescindíveis para consolidar a cultura cooperativista no Brasil. Também houve o lançamento do livro “Raízes e Fundamentos do Cooperativismo – volume 1. Legado”, produzido pelo Sistema OCB, primeiro título da Trilogia Cultura Cooperativista, que reúne mais de 360 anos de história do movimento, de suas origens até a chegada ao Brasil, além das bases filosóficas, valores e símbolos.

Mais do que nunca, o cooperativismo brasileiro cresce em ritmo acelerado, mas esse avanço só é sustentável se vier acompanhado da preservação daquilo que diferencia o modelo: sua cultura, seus princípios e sua relação com o cooperado. Foi em torno dessa premissa que especialistas, lideranças do Sistema OCB e representantes de cooperativas de todo o Brasil se reuniram para discutir como cultivar essa identidade diariamente, sem abrir mão da inovação e da competitividade que o setor também precisa perseguir.

No primeiro dia, o professor Clóvis de Barros Filho refletiu sobre convivência, confiança e cooperação na palestra “O que é ser cooperativista no século XXI”, defendendo que amor, generosidade e solidariedade são formas de relação que sustentam o modelo cooperativista. Depois do almoço, “As raízes do coop e a memória institucional” reuniu Carolina Kuk, fundadora da Raiz Projetos e Pesquisas de História, Eduardo Queiroz e Débora Ingrisano, do Sistema OCB, que discutiram como a preservação da memória fortalece a identidade das cooperativas – momento que também marcou o lançamento do livro “Raízes e Fundamentos do Cooperativismo – volume 1. Legado”.

Em seguida, o painel “O impacto do coop nas comunidades”, com Clara Pedroso Maffia, Alison Pablo de Oliveira, Ivan Capra, Claudia Maria Morais e Marina Stoetzer Echeverria discutiu o poder



Participantes formaram uma bateria de escola de samba no encerramento do evento.

de transformação das cooperativas na prática, com os exemplos reais das cooperativas Sicoob Credisul, CCO Nacional e Agrária.

Para fechar o primeiro dia, Jessyca Bolzan e Thais Jerônimo se apresentaram com o tema “Como está a cultura na sua coop?”, lançando mais um serviço que propõe auxiliar as cooperativas na identificação de práticas, símbolos e relações que revelam a cultura cooperativista no cotidiano das organizações, com o Mapeamento de Artefatos Culturais.

O segundo dia teve a plenária concentrada em uma única apresentação, já que a programação seguiu para as salas temáticas e os labs. Fabíola Nader Motta, superintendente do Sistema OCB, trouxe os resultados da Pesquisa Nacional de Cultura Cooperativista, o primeiro diagnóstico de abrangência nacional sobre o tema, revelando tanto a força do vínculo entre cooperados e cooperativas quanto as lacunas na integração de novos associados e na preservação da memória institucional.

O último dia de evento começou com o antropólogo Michel Alcoforado, que discutiu as “Tendências de comunicação e os conflitos geracionais” defendendo que a convivência entre diferentes gerações pode se tornar motor de inovação para as cooperativas. Na sequência, Débora Ingrisano voltou ao palco com “CulturaCoop – precisamos ser cooperativistas, mais do que nunca!”, apresentando as soluções sistêmicas do Sistema OCB para transformar cooperados em verdadeiros cooperativistas, dos centros de memória à plataforma educativa Jogar+Aprender.

A programação se encerrou com “CulturaCoop – um compromisso com o futuro”, palestra de Tania Zanella, presidente executiva do Sistema OCB. Tania convocou os participantes a transformar os aprendizados dos três dias em ação dentro das cooperativas e anunciou o lançamento da Comunidade CulturaCoop, rede que vai conectar o Sistema Cooperativista Nacional às cooperativas do país inteiro. 

José Alves de Souza Neto, presidente da ACI Américas, destacou que preservar a identidade é um desafio comum ao cooperativismo mundial.

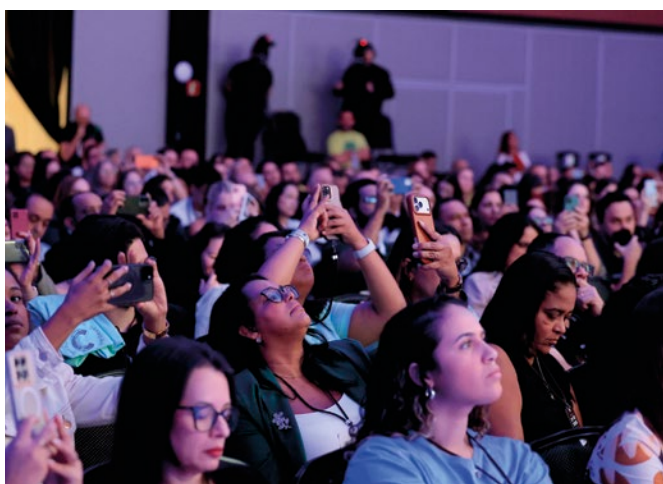
Márcio Lopes de Freitas abriu o evento defendendo que a cultura cooperativista precisa ser cultivada diariamente.



Representantes de cooperativas de todos os estados marcaram presença no evento.

O apresentador Márcio Ballas conduziu a plenária ao longo dos três dias de evento.

Equipe do Sistema OCB responsável pela organização da Semana de Competitividade 2026.



Mais de 800 participantes de todo o país acompanharam a programação da plenária.



Clima de mobilização marcou o encerramento dos três dias de evento.



O que é ser cooperativista no século XXI



Clóvis de Barros Filho refletiu sobre confiança, generosidade e solidariedade no cooperativismo no mundo contemporâneo

Clóvis de Barros Filho palestrando no primeiro dia da Semana de Competitividade.



O professor refletiu sobre as relações humanas e a cooperação.

Ninguém coopera sozinho. A própria ideia de cooperação pressupõe a presença do outro e, portanto, nos leva a pensar sobre convivência, confiança e sobre a maneira como as pessoas constroem relações. Foi a partir dessa reflexão que o professor Clóvis de Barros Filho conduziu a palestra “O que é ser cooperativista no século XXI”.

Ao explorar a origem da palavra “cooperação”, o professor chamou atenção para o prefixo “co”, presente também em termos como colaboração e coabitação. Em todos eles, existe a ideia de uma ação realizada por mais de uma pessoa. “Na cooperação temos uma operação que envolve pelo menos mais uma pessoa. Quando falamos de convivência, precisamos compreender a fertilidade e a riqueza da cooperação e, com isso, a riqueza desse modelo de organização social, profissional e produtiva”.

Segundo ele, existe uma crença disseminada de que o ser humano possui uma natureza essencialmente egoísta. O problema é que essa lógica modifica a maneira como enxergamos o outro. Se o próximo é considerado um inimigo em potencial, a vida passa a ser orientada pela proteção dos próprios interesses.

Essa lógica individualizada, porém, contrasta com a experiência cotidiana. O professor destacou que, embora situações de conflito e quebra de confiança recebam grande atenção, elas não são a regra das relações humanas. A convivência é construída



Quando falamos de convivência, precisamos compreender a fertilidade e a riqueza da cooperação e, com isso, a riqueza desse modelo de organização social, profissional e produtiva.”

– CLÓVIS DE BARROS FILHO

diariamente por pessoas que confiam umas nas outras, colaboram e estabelecem vínculos.

Fortalecer as organizações coletivas, portanto, é uma forma de ampliar essa capacidade de atuação conjunta. É nesse ponto que surge o conceito de cooperação virtuosa. Uma sociedade justa permite que cada pessoa desenvolva seus talentos e ofereça aos demais aquilo que faz de melhor. A cooperação não significa apagar as diferenças individuais, mas fazer com que elas contribuam para a construção coletiva.

Para aprofundar a discussão sobre as relações humanas, o professor apresentou diferentes formas de convivência. Entre elas, destacou três que favorecem diretamente a cooperação: amor, generosidade e solidariedade.

O amor é a relação em que a felicidade de uma pessoa importa diretamente para a outra, sem expectativa de contrapartida. A cooperação se torna natural pela consideração genuína pela vida e bem-estar do outro.

A generosidade, por sua vez, é apresentada como uma virtude moral. Envolve uma escolha consciente de agir em benefício de outra pessoa, mesmo sem vínculo afetivo. No ambiente cooperativista, essa perspectiva abre espaço para o papel das lideranças. Uma liderança generosa influencia a cultura organizacional e estimula comportamentos semelhantes na equipe.

O terceiro modelo é a solidariedade. Nesse caso, a cooperação nasce da compreensão de que determinados objetivos não podem ser alcançados individualmente. Cada pessoa mantém seus interesses, mas reconhece que o trabalho conjunto é necessário. “É perceber que o sucesso do coletivo pode ser condição para o seu próprio sucesso individual”, resumiu.

Ao final da palestra, o professor retomou a relação entre convivência, ética e felicidade. Se a vida acontece na relação com os outros, argumentou, não é possível pensar em uma vida feliz a partir do isolamento. “Estou absolutamente convencido de que o modelo socioprofissional da cooperativa é o que mais favorece a possibilidade de uma convivência feliz e, portanto, de uma vida feliz para todos os que participam dela”, concluiu, lembrando que o modelo exige “recheio contributivo” das pessoas para funcionar.

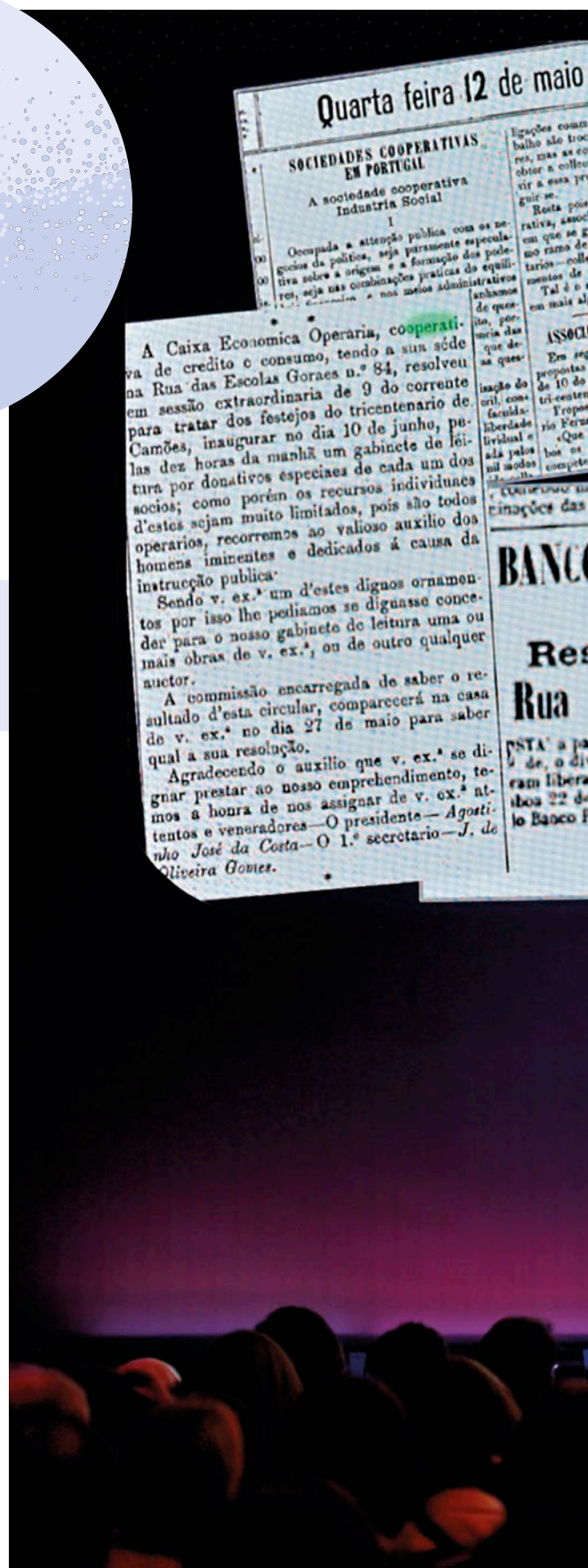
A mensagem deixada para o cooperativismo no século XXI passa pela compreensão de que cooperar é mais do que atuar lado a lado. É reconhecer que a realização individual depende do sucesso coletivo e que a qualidade das relações construídas influencia diretamente a capacidade de as organizações cumprirem seu propósito.

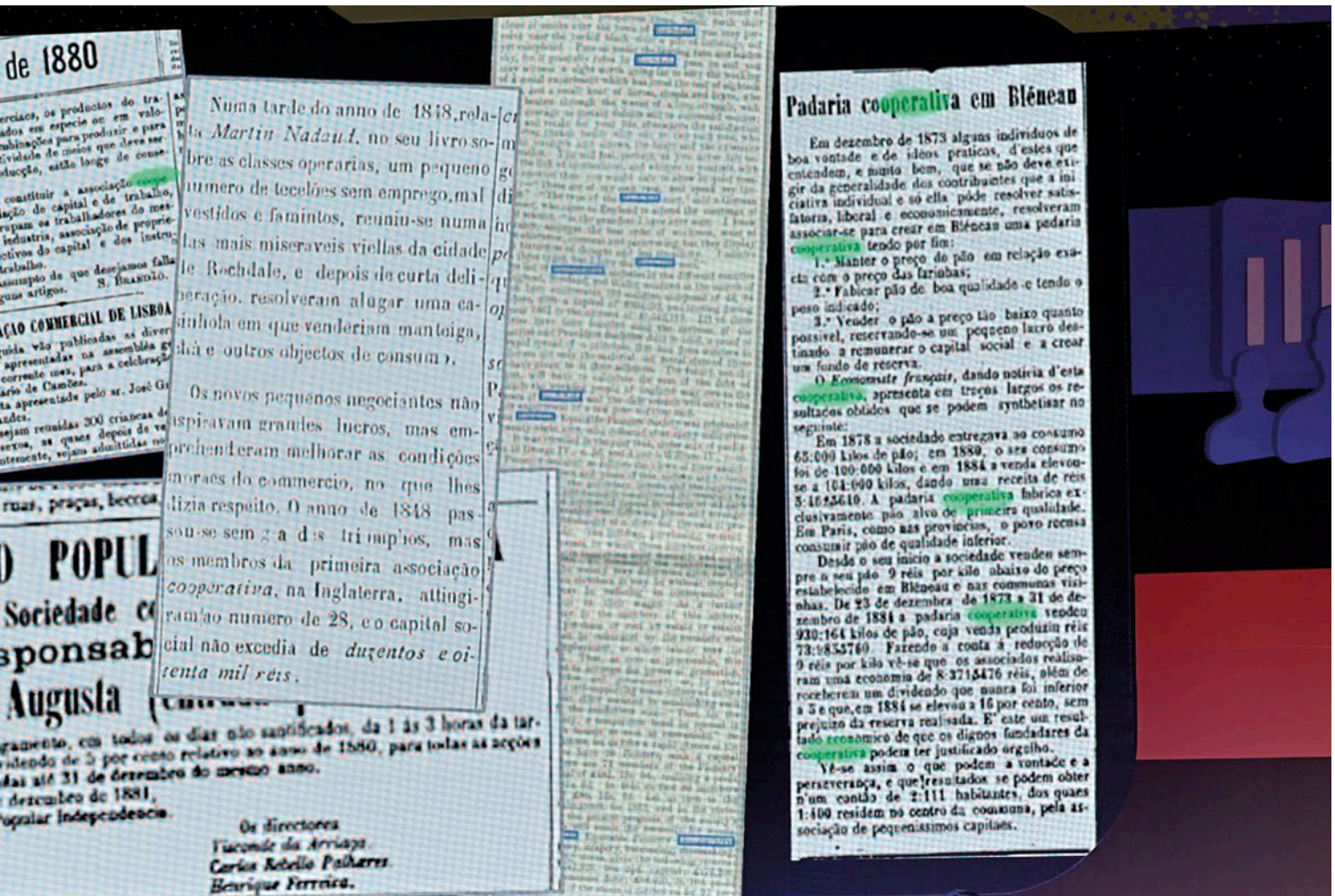
Aprendizados:

- A cooperação depende da convivência, da confiança e da capacidade de reconhecer a importância do outro.
- A força do coletivo permite que diferentes talentos contribuam para objetivos comuns.
- Generosidade e solidariedade podem fortalecer relações cooperativas e favorecer uma cultura de colaboração.
- Construir relações mais cooperativas dentro das organizações contribui para uma convivência mais feliz.

As raízes do coop e a memória institucional

Conhecer a trajetória do movimento e preservar seu legado ajudam a manter viva a cultura cooperativista e preparar as novas gerações





somos
coop

Sistema OCB
CNCOOP | OCB | SESCOOP

SEMANA DE
COMPETITIVIDADE
CULTIVANDO A CULTURA COOPERATIVISTA

OCB

Carolina Kuk palestrando sobre as raízes do cooperativismo e a importância de aprender com o passado.

O cooperativismo é construído por pessoas, comunidades, valores e experiências que atravessam gerações. Preservar essa trajetória é também uma forma de reforçar a identidade do movimento e fortalecer os elementos que ajudam a orientar seus próximos passos. Essa foi a reflexão central da palestra “As raízes do coop e a memória institucional”.

A atividade reuniu Carolina Kuk, fundadora da Raiz Projetos e Pesquisas de História; Eduardo Queiroz, gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB; e Débora Ingrisano, gerente de Desenvolvimento de Cooperativas. O encontro também marcou o lançamento do livro “Raízes e Fundamentos do Cooperativismo – volume 1. Legado”, primeiro título da Trilogia Cultura Cooperativista.

Carolina Kuk conduziu a discussão a partir da relação entre memória, identidade e legado. Segundo ela, documentos, construções, monumentos e outros registros podem adquirir significados que ultrapassam sua função original e ajudam a materializar trajetórias construídas por diferentes gerações.

“A cooperação acompanha a humanidade há muito tempo. Antes mesmo de existirem as cooperativas como conhecemos hoje, diferentes sociedades já criavam formas de ajuda mútua, organização coletiva e defesa de interesses comuns. Conhecer essas

“Antes mesmo de existirem as cooperativas como conhecemos hoje, diferentes sociedades já criavam formas de ajuda mútua, organização coletiva e defesa de interesses comuns.” – CAROLINA KUK



Débora Ingrisano apresentando o livro “Raízes e Fundamentos do Cooperativismo – volume 1. Legado”.



Eduardo Queiroz na palestra sobre a essência do movimento em conexão com sua história.

Aprendizados:

- Conhecer a história do cooperativismo ajuda a compreender sua identidade e seus valores.
- Preservar a memória institucional fortalece a conexão das novas gerações com a cultura cooperativista.
- O legado oferece referências para orientar o presente e preparar o movimento para o futuro.
- Revisitar as raízes do cooperativismo ajuda a conectar passado, presente e futuro.

experiências nos ajuda a compreender as raízes do cooperativismo e a dimensão dessa história”, afirmou.

Para a pesquisadora, conhecer as origens do movimento também ajuda a compreender o presente e projetar o futuro. A preservação da memória, nesse sentido, cria referências para que as novas gerações entendam os valores e princípios que sustentam o cooperativismo.

Eduardo Queiroz apresentou iniciativas do Sistema OCB voltadas à preservação do legado cooperativista, como o documentário “Histórias de um mundo melhor”, o livro fotográfico “Retratos de um mundo melhor” e a sanção da Lei 15.433/2026, que reconheceu o cooperativismo como manifestação da cultura nacional.

“Nosso negócio é, acima de tudo, feito de pessoas para pessoas, e essa essência precisa estar sempre conectada à nossa história e aos valores que não podem ser esquecidos. A junção da nossa identidade com o nosso legado nos dá bases consistentes para que as novas gerações assumam responsabilidades, renovem nosso propósito e deem continuidade a uma história construída por tantas pessoas”, afirmou.

A relação entre passado e futuro também esteve presente no lançamento do livro que reconstrói a história e as ideias que sustentam o cooperativismo, apresentado por Débora Ingrisano. A publicação recupera mais de 360 anos de experiências de cooperação e acompanha a evolução do pensamento cooperativista até a formação do modelo atual, passando por Rochdale, na Inglaterra, e pela chegada do cooperativismo ao Brasil. Saiba mais sobre o livro na reportagem da página 88. 

Geração de renda, inclusão e acesso a serviços mostram como a atuação das cooperativas ultrapassa os resultados do próprio negócio

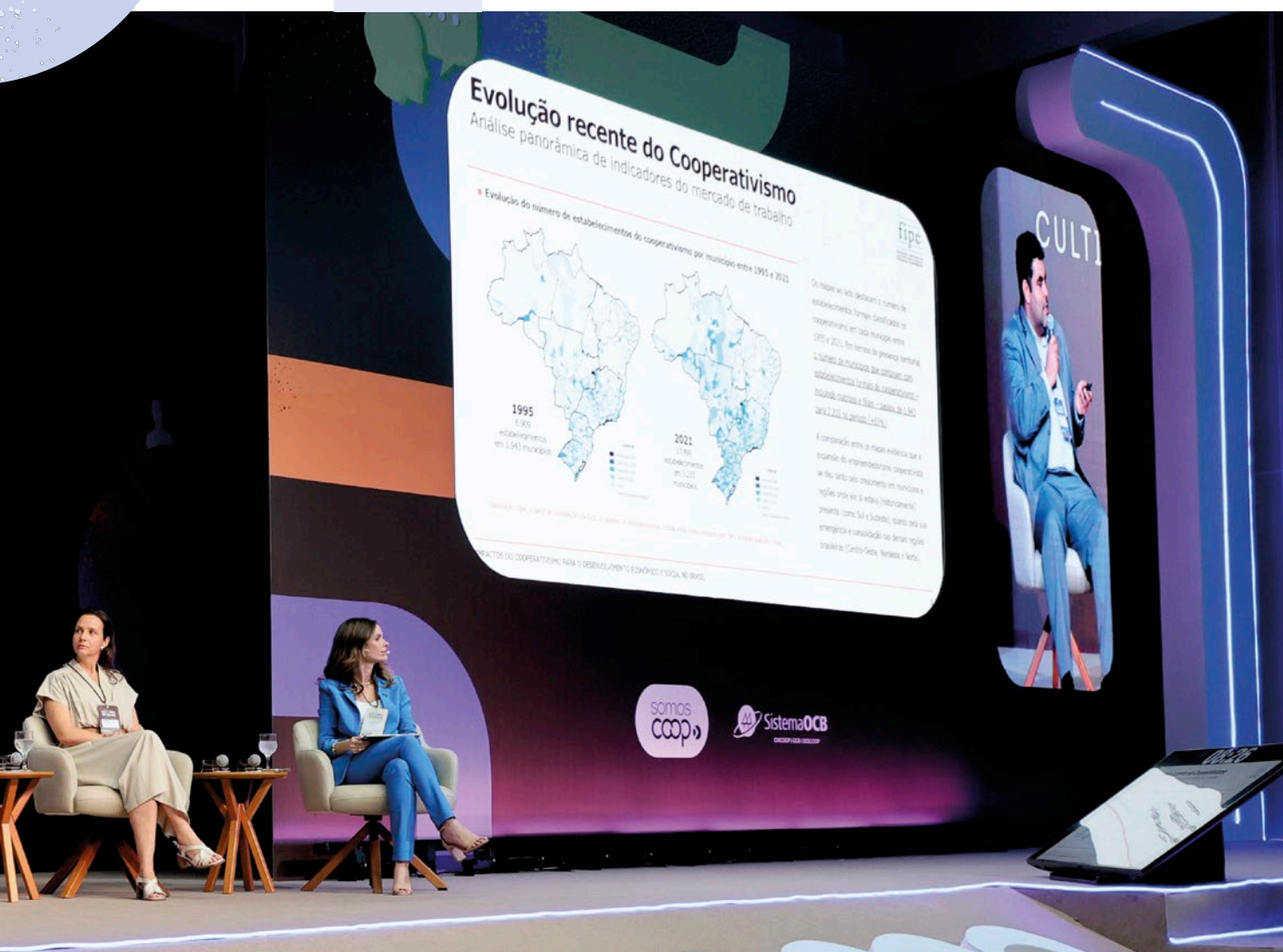
O cooperativismo que transforma e amplia **o desenvolvimento local**



Alison Oliveira, Ivan Capra, Claudia Morais, Marina Echeverria e Clara Maffia debatendo o papel social das cooperativas.

O impacto de uma cooperativa pode ir muito além dos resultados da própria organização. O modelo é capaz de movimentar a economia, gerar oportunidades, ampliar o acesso a serviços e estimular iniciativas que melhoram a qualidade de vida da população. Esse foi o tema do painel “O impacto do coop nas comunidades”.

A discussão reuniu Clara Pedrosa Maffia, gerente geral da OCB; Alison Pablo de Oliveira, pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe); Ivan Capra, presidente do Sicoob Credisul; Claudia Maria Moraes, diretora financeira da CCO Nacional; e Marina Stoetzer Echeverria, coordenadora da Cooperativa Agrária. Na abertura, Clara resumiu a proposta do encontro. “Essa cultura, essa forma de agir, relacionar e atuar junto com as pessoas, a partir de princípios e valores, certamente tem impacto nos municípios onde as cooperativas estão inseridas”, destacou.



Impacto que aparece nos dados

Os efeitos da presença das cooperativas nas economias locais foram apresentados por Alison Pablo de Oliveira, a partir de estudo da Fipe em parceria com o Sistema OCB. A pesquisa comparou municípios que passaram a contar com novas cooperativas àqueles sem essa presença, para medir os efeitos da expansão sobre indicadores econômicos. Entre 1995 e 2025, o número de municípios atendidos por cooperativas cresceu 65%. “A expansão permitiu observar mudanças em indicadores como emprego e renda”, relatou.

O levantamento também dimensionou a participação do cooperativismo na economia brasileira. Em 2021, os empreendimentos cooperativos estiveram associados a R\$ 866 bilhões em produção de bens e serviços e a R\$ 164 bilhões em valor adicionado, equivalente a 6,9% do total produzido no país, além de responderem por cerca de 10% dos empregos formais e informais. Para Oliveira, parte desse resultado decorre do próprio modelo, em que os cooperados são donos do empreendimento, participam das decisões e compartilham o que é gerado.

Alison Pablo de Oliveira, pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), apresentou dados sobre o impacto do cooperativismo nas comunidades.

Crédito que movimenta as cidades

A experiência do Sicoob Credisul mostrou como esse impacto pode ser sentido diretamente nas comunidades. Ivan Capra relatou iniciativas criadas a partir das necessidades apontadas pelos próprios moradores dos municípios onde a cooperativa atua. “Em todas as localidades em que a comunidade nos abraça, criamos ou encampamos projetos que essa própria comunidade julga importantes e damos sequência. É um DNA, um jeito de fazer que tem dado muito certo e nos tem levado a lugares fantásticos”, pontuou.

Entre os exemplos, em Vilhena (RO), a cooperativa apoiou a criação de uma estrutura educacional de 60 mil m², com atendimento do maternal ao ensino superior. Outro foi o Hospital Cooperar, erguido a partir da mobilização entre cooperados e comunidade. “Tínhamos uma deficiência na área da saúde e resolvemos. Criamos uma associação dentro da cooperativa para construir o hospital com doações dos cooperados”, contou Capra. Com 12 mil m² e área de expansão já preparada, a unidade opera em parceria com a Unimed, que viabilizou equipamentos. O dirigente citou ainda ações ambientais e esportivas, além da participação de jovens da região em um hackathon internacional promovido pela Nasa.



Catadores como protagonistas

O cooperativismo também transforma a realidade de grupos que historicamente enfrentam barreiras de acesso a oportunidades. Foi o que mostrou Claudia Maria Moraes ao apresentar a Central Centro-Oeste (CCO), formada por cinco cooperativas e cerca de 279 cooperados. Criada há três anos, a central nasceu para



Hoje nós temos mais força graças ao cooperativismo.”

– CLAUDIA MARIA MORAIS



Clara Pedroso Maffia,
gerente geral da OCB,
na mediação do painel.

fortalecer a atuação dos catadores e ampliar sua capacidade de negociação, permitindo que as cooperativas passassem a atuar em conjunto, inclusive na comercialização dos materiais.

“Formamos essa central para o catador se tornar protagonista de sua própria história. O catador tem que aparecer. Se ele não aparece, não tem importância para a reciclagem. Nós, catadores, sempre fomos mais esquecidos, mais excluídos. E hoje nós temos mais força graças ao cooperativismo”, relatou Claudia.

A atuação conjunta abriu espaço para a formação. Uma parceria com o Sescop e a Universidade Católica de Brasília viabilizou um curso superior de tecnologia em cooperativismo para cooperados e filhos de catadores, concluído por 23 dos 25 participantes. Na comercialização, as cooperativas venderam mais de 600 toneladas de materiais em conjunto nos três meses anteriores ao painel. O próximo passo é ampliar a autonomia econômica das organizações, com participação em editais e contratos de grandes geradores. “Juntos, somos mais fortes”, completou.

Desenvolvimento que atravessa gerações

Na Cooperativa Agrária, apresentada por Marina Stoetzer Echeverria, a relação com a comunidade remonta à própria origem da organização. Fundada há 75 anos por imigrantes alemães que chegaram ao Paraná após a Segunda Guerra Mundial, a cooperativa surgiu da necessidade de reconstruir a vida de centenas de famílias e garantir acesso à saúde, à educação e à preservação cultural.

Ao longo das décadas, esse esforço originou uma estrutura que inclui hospital, escola, museu e outras iniciativas comunitárias. O hospital se tornou referência regional e hoje realiza cerca de 70% dos atendimentos pelo SUS, serviço ainda mais relevante diante dos cerca de 45 minutos de distância até a cidade mais próxima. Na educação, a escola apoiada pela cooperativa atende estudantes dos dois anos de idade ao ensino médio, com ensino bilíngue em alemão, e o Programa Paz mobiliza colaboradores em ações voluntárias há mais de duas décadas. “Para a Agrária isso é tão importante que essa parte social hoje está dentro do planejamento estratégico da cooperativa”, finalizou.

As experiências reunidas no painel reforçam que o desenvolvimento local pode ser construído por diferentes frentes. Seja pelo crédito, pela geração de renda, pela educação, pela saúde ou pela organização coletiva, a presença cooperativista produz impactos que ultrapassam os limites do negócio e permanecem na comunidade. 

Aprendizados:

- O impacto do cooperativismo vai além dos resultados econômicos da cooperativa e contribui para o desenvolvimento dos municípios onde ela está presente.
- A atuação próxima da comunidade permite identificar necessidades locais e transformá-las em projetos concretos.
- A cooperação fortalece grupos e amplia sua capacidade de negociação, geração de renda e participação.
- O impacto social pode ser incorporado ao planejamento estratégico da organização.

Como está a cultura **na sua coop?**



Jessyca Bolzan e Thais Jerônimo debatendo a cultura cooperativista.

Mapeamento apresentado propõe observar práticas, símbolos e relações que expressam os valores do movimento

O que faz uma cooperativa ser reconhecida como cooperativa? A resposta pode estar em elementos que fazem parte do cotidiano, como a forma de receber novos cooperados, contar a própria história, realizar assembleias, se relacionar com a comunidade e até nos símbolos presentes nos espaços da organização. Foi a partir dessa reflexão que Jessyca Bolzan, coordenadora de Desenvolvimento de Cooperativas do Sistema OCB, e Thais Jerônimo, escritora e palestrante especialista em cultura, conduziram a apresentação “Como está a cultura na sua coop?”.

A discussão também marcou o lançamento da proposta de um mapeamento de artefatos da cultura cooperativista, que pretende identificar como os valores e princípios do movimento aparecem na prática. A iniciativa parte de uma característica própria da cultura: ela está em constante movimento e se manifesta nas relações, atitudes e experiências das pessoas.

Segundo Thais, uniformes, símbolos, formas de comunicação, rituais, comportamentos e práticas recorrentes podem revelar aspectos da cultura de uma cooperativa. “Nosso desafio é tornar visíveis esses sinais para entender como os valores e princípios do movimento estão presentes na vida das cooperativas”, explicou.

“O trabalho não pretende dizer quais cooperativas têm uma cultura melhor ou pior, mas identificar práticas, padrões e iniciativas que ajudam a manter a identidade cooperativista viva”, disse Thais. O mapeamento parte daquilo que pode ser percebido no cotidiano para, posteriormente, ampliar a compreensão sobre outros elementos da cultura.

Alguns exemplos apresentados por Thais mostraram como as manifestações culturais podem aparecer de formas inesperadas. Um deles foi a camiseta utilizada por participantes de Santa Catarina, com a frase “Em Santa Catarina, cooperar é cultural”.



“Nosso desafio é tornar visíveis esses sinais para entender como os valores e princípios do movimento estão presentes na vida das cooperativas.” – THAIS JERÔNIMO

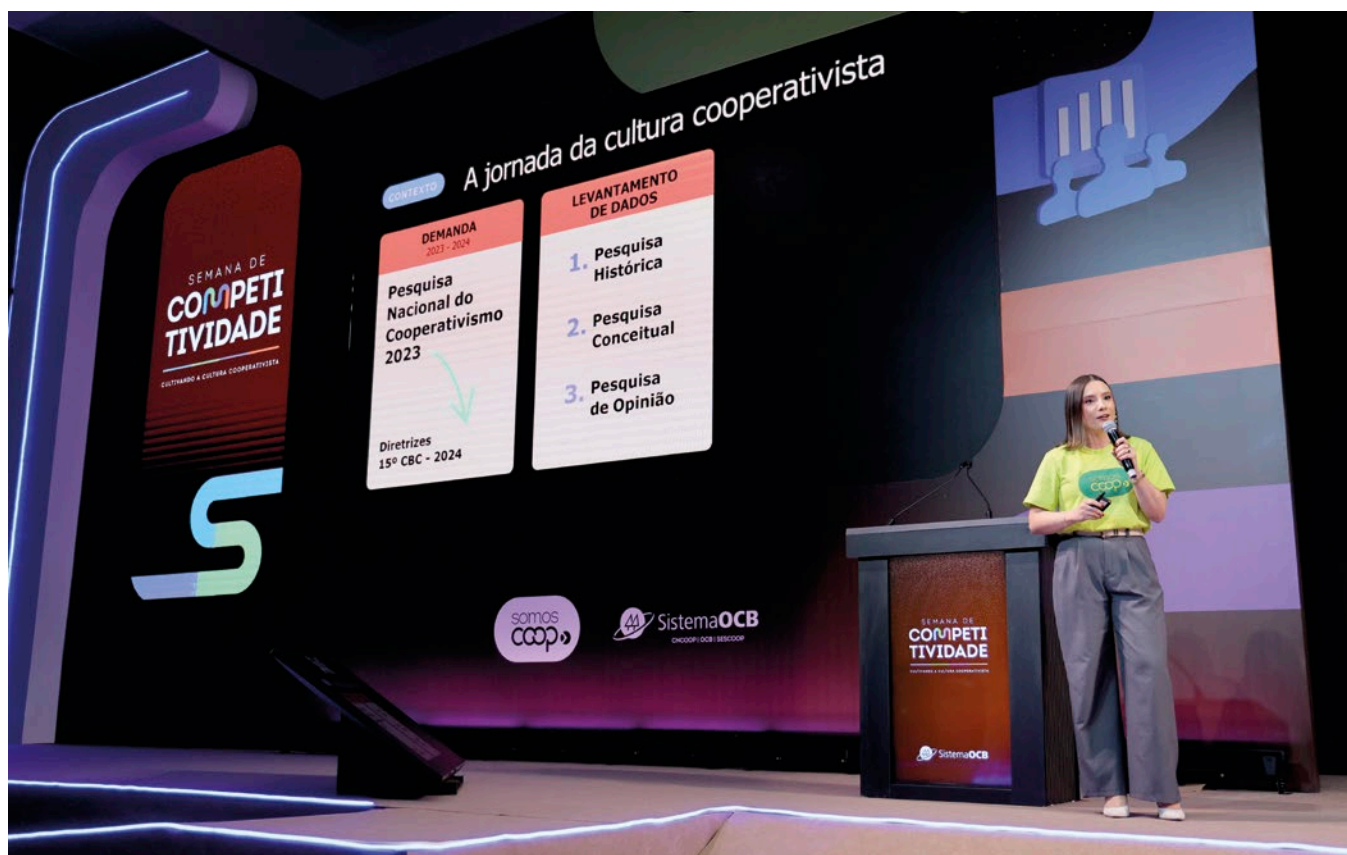
A iniciativa representa uma maneira de expressar a identidade cooperativista.

Outro exemplo veio de uma experiência com cooperados do Sicredi Vale do Piquiri. Durante uma celebração dos dez anos dos comitês de mulheres e jovens, uma cooperada afirmou que a cooperativa tinha um “cheiro” próprio. Para Thais, a percepção demonstra como a relação com uma organização pode ser construída também por elementos subjetivos, que dificilmente aparecem em indicadores tradicionais.

A partir dessas manifestações, Jessyca e Thais apresentaram cinco dimensões para observar a cultura nas cooperativas: comunicação e expressão; legado e memória; educação e formação; liderança e participação; e relações e vivências.

Na prática, essas dimensões permitem olhar para diferentes momentos da experiência cooperativista: como a organização declara sua identidade, preserva sua história, educa seus públicos, prepara novas lideranças e constrói relações com cooperados,

Jessyca Bolzan explica que é importante passar a cultura cooperativa para novos cooperados.





Thais Jerônimo fala sobre as manifestações culturais no cooperativismo.

Aprendizados:

- A cultura cooperativista se manifesta nas práticas, relações, símbolos e experiências do cotidiano.
- Observar como os valores aparecem na rotina ajuda a entender se eles estão presentes para além do discurso.
- A experiência de ser cooperado envolve engajamento, conhecimento e pertencimento.
- Cuidar da cultura exige intencionalidade e atenção ao comportamento das lideranças e às relações dentro da cooperativa.

colaboradores e comunidade. O objetivo é compreender se os valores estão presentes apenas no discurso ou também nas experiências vividas pelas pessoas.

A reflexão também passou pelo significado de ser cooperado. A associação formal é apenas o ponto de partida de uma experiência que envolve conhecimento, participação e pertencimento. Participar das assembleias, compreender os valores e princípios, acompanhar decisões e escolher a cooperativa como espaço para realizar negócios são atitudes que aproximam o cooperado do movimento.

Por isso, uma das provocações apresentadas durante a palestra foi: se uma pessoa se tornasse cooperada hoje, quanto tempo levaria para descobrir que faz parte de um movimento diferente das demais empresas?

Para Jessyca, a resposta começa na maneira como as cooperativas recebem e integram seus novos membros. “Não basta realizar uma atividade de integração; é preciso avaliar se ela consegue transmitir o que diferencia aquela organização e qual é o papel do cooperado dentro dela”, explicou.

A cultura também depende da atuação das lideranças. Para permanecer viva, ela precisa estar presente nos comportamentos de quem conduz a organização e nas relações construídas diariamente.

Ao encerrar a apresentação, Thais reforçou que o primeiro passo para compreender a cultura é observar o que já acontece dentro de cada cooperativa. “Antes de medir ou comparar, é preciso observar o que já acontece dentro de cada organização. Como as pessoas se relacionam, quais histórias são preservadas, que práticas se repetem e de que maneira a cooperativa é percebida por quem faz parte dela”, concluiu. 

Um raio-x da cultura **cooperativista** no Brasil



Fabiola Nader Motta, superintendente do Sistema OCB, faz um raio-x da cultura cooperativista.

Diagnóstico inédito revela a força do vínculo dos cooperados, expõe a lacuna na integração de novos associados por dia e aponta a educação como motor do futuro do coop

Qual lugar a cultura cooperativista ocupa no Brasil de hoje? A superintendente do Sistema OCB, Fabíola Nader Motta, transformou essa indagação no eixo de sua apresentação na Semana de Competitividade 2026. A resposta veio pela Pesquisa Nacional de Cultura Cooperativista, o primeiro diagnóstico de abrangência nacional a medir a maturidade dessa cultura a partir do olhar de quem vive o movimento por dentro.

Ao todo, a pesquisa ouviu 9.767 pessoas de todo o país, entre cooperados, empregados, dirigentes e conselheiros. Para dar



profundidade aos números, a etapa qualitativa reuniu 46 entrevistadas em 37 cooperativas, um recorte que ajudou a traduzir estatísticas em experiências concretas do cotidiano das organizações.

O levantamento chega num momento de crescimento acelerado. Em sete anos, a base do cooperativismo praticamente dobrou: passou de 15,5 milhões de cooperados, em 2019, para 29 milhões, em 2025.

O ritmo equivale a 6,1 mil ingressos por dia, uma expansão que, para a superintendente, cobra uma contrapartida imediata. “Esses mais de 6 mil novos cooperados todos os dias sabem que são cooperados? Eles sabem seus deveres, responsabilidades, direitos?”, provocou, ao defender que quem chega precisa compreender de fato o modelo que passa a integrar.

Apresentação discutiu desafios para consolidar a cultura cooperativa em meio ao crescimento do modelo de negócios.

Vínculo com o coop

Se há um ponto em que a pesquisa é enfática, é na solidez da relação entre cooperado e cooperativa. Boa parte dos entrevistados, 93%, declarou sentir o dever de honrar os compromissos firmados com a organização. Outros 89% desejam manter um vínculo duradouro, mesma proporção dos que recomendariam a cooperativa a amigos e familiares. E, mesmo diante de dificuldades, 87% seguem fiéis. É a tradução, em números, de uma máxima que Fabíola resumiu ao afirmar que “quem conhece, gosta”. A barreira principal não é a rejeição aos valores do cooperativismo, mas sim a comunicação deficiente. “O caminho é a educação cooperativista”, resumiu.

A contrapartida desse retrato aparece na participação. A presença ativa nas assembleias registrou o menor índice entre os cooperados, freada sobretudo pela falta de tempo, apontada por 36%, e pela falta de informação sobre como participar, citada por 22%. Somadas, as barreiras ligadas à informação ou ao conhecimento são citadas por três em cada dez cooperados e sobem para 43% no Ramo Crédito, um sinal de que o distanciamento tem menos a ver com desinteresse e mais com desinformação.

Não por acaso, educação, formação e informação despontou como o princípio mais valorizado pelos participantes. Entre os cooperados, 58% o elegeram como prioridade; entre os empregados, o índice sobe para 71%, e entre os dirigentes chega a 57%. Na faixa dos 18 aos 34 anos, 62% dos jovens fizeram a mesma escolha, um indício de que a demanda por conhecimento atravessa todas as gerações.

A conexão entre educação e comunicação é a engrenagem para assegurar a sucessão nas cooperativas. A continuidade do modelo de negócios exige a preparação de novas lideranças dispostas a assumir a gestão e a governança das organizações. Essa renovação depende diretamente da capacidade das instituições de dialogarem com seus cooperados, aproximando-os do dia a dia da cooperativa por meio do repasse de conhecimento.

Para engajar os membros e garantir a perenidade do sistema, o setor precisa alinhar a disseminação de informações claras com





Esses mais de 6 mil novos cooperados todos os dias sabem que são cooperados?

Eles sabem seus deveres, responsabilidades, direitos?” – FABÍOLA NADER MOTTA

a formação constante de sua base. Como alertou a superintendente, essa é uma construção interdependente e que exige foco no presente. “A nossa barreira maior é a comunicação, que é superável; o caminho para isso é a educação cooperativista; e o nosso futuro é a continuidade”, resumiu Fabíola.

Artefatos culturais e desafios reais

Para completar o diagnóstico, Fabíola apresentou os resultados do Mapeamento de Artefatos Culturais, com dados coletados no dia anterior durante a palestra de Jessyca Bolzan e Thais Jerônimo com as cooperativas presentes no evento. O resultado revelou uma distância entre o que as organizações dizem ser e o que efetivamente praticam. Quase 90% afirmaram usar elementos formais de identidade cooperativa, como nome e símbolo. A proporção despenca, porém, quando o olhar se volta para o planejamento: apenas 44% mantêm visão, missão ou valores alinhados à cultura cooperativista. Em outras palavras, o cooperativismo está estampado na marca, mas se perde na hora de orientar a estratégia.

Mais delicado ainda é o dado sobre memória. Somente 17% das cooperativas consultadas recorrem à própria história para reforçar a identidade, um esquecimento que, para Fabíola, é o achado mais sensível do estudo. Muitas dessas organizações nasceram em contextos de crise, quando uma comunidade só podia contar com a cooperação para atender às próprias necessidades, e abrir mão dessa origem significa perder parte da explicação sobre quem são.

“O que nos trouxe até aqui é a razão de estarmos aqui e também é um passo para nos levar para o futuro”, sustentou a superintendente. A leitura que ela extrai do conjunto de números é direta: o desafio não se resume a crescer, mas a garantir que cada novo cooperado entenda o movimento do qual passou a fazer parte.

A inquietação com o tema, vale lembrar, vem de antes. Em 2023, na Pesquisa Nacional do Cooperativismo, realizada para embasar o 15º Congresso Brasileiro do Cooperativismo (CBC), 65% dos dirigentes já haviam apontado o reforço da cultura cooperativista como prioridade para o futuro do movimento. O diagnóstico apresentado agora dá densidade a essa agenda e aponta por onde transformar intenção em ação, nas frentes de educação, comunicação, participação e formação de novas lideranças.

Aprendizados:

- Quem conhece o cooperativismo gosta, confia e se mantém fiel mesmo em tempos de crise.
- Problemas de engajamento refletem falhas de comunicação e desinformação sobre como atuar, e não apenas agendas cheias.
- Formação e informação formam o princípio mais exigido para engajar os cooperados de todas as faixas etárias.
- Atrair os jovens e prepará-los para a liderança tornou-se questão de sobrevivência para o movimento.

Sistema OCB estrutura soluções sistêmicas para transformar cooperados em defensores reais do propósito e detalha o caminho para educar as novas gerações

Precisamos ser cooperativistas, mais do que nunca!

Há uma diferença entre ter um papel assinado e ter uma cultura internalizada. Ser um cooperado – abrir uma conta, preencher uma ficha de matrícula e integralizar capital – é o passo básico do movimento. Mas ser, de fato, um cooperativista exige pertencimento. “O cooperativista é aquele que, além de participar da vida da cooperativa, como ir às assembleias, reuniões e demais atividades, internalizou os valores, cobra a aplicação dos princípios e é leal à cooperativa em tempos bons e nas dificuldades”, provocou Débora Ingrisano, gerente de Desenvolvimento de Cooperativas do Sistema OCB, durante sua apresentação na plenária.

Em sua fala, Débora fez convite à reflexão e à ação. Em um cenário onde o cooperativismo brasileiro já movimenta R\$ 850





Débora Ingrisano, gerente de Desenvolvimento de Cooperativas do Sistema OCB, destacou a importância de transformar cooperados em cooperativistas.

bilhões e reúne milhões de pessoas, Débora alertou que a fase da sobrevivência já ficou para trás. "Nós já passamos da fase de orientar todos os esforços baseados nos desafios iniciais da cooperativa e na escassez. Agora é a fase de inovar e investir em gente, em educação, em projetos diferenciados", afirmou.

Mas como identificar um cooperativista verdadeiro na multidão de cooperados? Segundo a gerente, esse perfil se sustenta em quatro pilares inegociáveis: agir orientado pelos dez valores (fundamentais e éticos), cobrar a realização dos sete princípios, atuar como um portador vivo da cultura e, acima de tudo, ter fidelidade.

A lealdade, no entanto, é uma via de mão dupla. O cooperativista real não abandona a instituição por conta de centavos na concorrência, mas a cooperativa precisa fazer a sua parte.

“Cooperativista é leal, só que para ser leal é importante também que tenhamos uma atenção. É nosso serviço ter um portfólio atraente, que o cooperado consiga ver de maneira geral tudo que a cooperativa oferece”, destacou Débora. No Ramo Crédito, por exemplo, essa fidelidade tem sido traduzida no conceito de “principalidade”, quando o cooperado escolhe a cooperativa como sua instituição financeira central.

Para que tudo isso aconteça, as pessoas precisam assumir a responsabilidade pela propagação do modelo. “Nós todos temos que ser os agentes de transmissão e renovação, se queremos ter cooperativistas que saibam dos nossos valores, cobrem os princípios e sejam leais nas cooperativas”, convocou.

Soluções sistêmicas

Para transformar os cooperados em cooperativistas, o Sistema Cooperativista Nacional deve atuar com base no princípio da Intercooperação. O esforço não pode ser isolado. Débora reforçou que o Sistema OCB desenvolveu um portfólio de soluções sistêmicas baseado nos três benefícios da atuação sistêmica.

O primeiro é a economia de escala na disponibilização de soluções. “É isso que nos potencializa e nos viabiliza enquanto sistema”, explicou. O segundo é o alinhamento de discurso, fundamental para nos explicarmos para cooperados, sociedade e, destaque, com o poder público, com quem temos que nos defender continuamente. Por fim, a comparabilidade e a consolidação dos dados é crucial. “Não defenderemos quem não conhecemos, quem não sabemos que existe. É mais um serviço que a gente faz”, pontuou a gerente.

Dentre as soluções existentes, Débora relançou o eixo CulturaCoop, reforçando que cultura cooperativista é o jeito como as pessoas pensam, se relacionam e agem tendo como base os valores e princípios do cooperativismo. Além disso, a cultura tem raiz na memória, já que são as histórias vividas e as experiências compartilhadas ao longo do tempo que dão sentido às práticas do presente. Nesse sentido, a memória no cooperativismo tem uma finalidade estratégica: se por um lado celebra o passado, por outro organiza o presente e projeta o futuro.

Com base nisso, o Sistema OCB lançou três soluções, considerando as diferentes dimensões do tempo: o passado, com a solução Legado, que tem a meta de preservar as histórias de todas as cooperativas brasileiras; o presente, por meio da solução Educação Cooperativista, com a formação de educadores; e o futuro, a partir da formação de novas lideranças qualificadas e alinhadas ao cooperativismo, com a solução Futuras Lideranças.

O primeiro dia de evento já exemplificou como a solução Legado se materializa na prática, com o lançamento do documentário “Pioneiros do Cooperativismo” e do livro “Raízes e Fundamentos do Cooperativismo – volume 1. Legado”, que servem como base de conhecimento, alinhamento e preservação da história do cooperativismo.

Aprendizados:

- O verdadeiro cooperativista internaliza os valores éticos, exige os princípios e é fiel à instituição.
- Preservar o passado em centros de memória é uma ferramenta estratégica para organizar o presente e orientar as decisões do futuro.
- Adotar soluções educacionais e de gestão em rede gera economia financeira brutal e unifica o discurso de todas as cooperativas do país.
- A construção de uma cultura cooperativista tem base na educação e deve começar desde cedo.

“Cooperativista é leal, só que para ser leal é importante também que tenhamos uma atenção. É nosso serviço ter um portfólio atraente, que o cooperado consiga ver de maneira geral tudo que a cooperativa oferece.” – DÉBORA INGRISANO

A apresentação também destacou uma solução do exo CapacitaCoop que tem total consonância com a cultura, que é a Jogar+Aprender, estratégia digital, gratuita e acessível criada para aproximar crianças e jovens do cooperativismo de maneira lúdica. A iniciativa reúne mais de 290 ferramentas, entre vídeos, jogos, materiais para impressão, cursos e guias pedagógicos. A proposta é que os recursos possam ser utilizados em escolas, cooperativas mirins e escolares, projetos com jovens, eventos comunitários e outras iniciativas educacionais. A solução também conta com jogos como o Roblox, além de trilhas para docentes e materiais pedagógicos.

Débora reforçou que essas iniciativas não substituem o que as cooperativas já fazem, mas que contribuem para potencializar essa jornada. “Temos que ser agentes de transmissão e renovação da cultura se queremos ter cooperativistas que conheçam nossos valores, cobrem nossos princípios e sejam leais às cooperativas. É fazer com que essa cultura continue viva e que a gente consiga olhar para o passado, organizar o presente e projetar o futuro”, finalizou.

Lançamento do livro
“Raízes e Fundamentos
do Cooperativismo –
volume 1. Legado”.



O antropólogo Michel Alcoforado explicou que a cooperação entre gerações fortalece a inovação em um mundo em transformação

Tendências de comunicação e os **conflitos geracionais**



A convivência de diferentes gerações no ambiente de trabalho deixou de ser uma escolha e passou a fazer parte da rotina das organizações. Para o antropólogo Michel Alcoforado, o desafio agora é transformar as diferenças de comportamento, comunicação e expectativas profissionais em uma oportunidade de renovação para as cooperativas.

O tema abriu a programação do terceiro e último dia do, em Brasília. Na palestra “Tendências de comunicação e os conflitos geracionais”, Alcoforado analisou como as transformações sociais, tecnológicas e demográficas alteraram a forma como diferentes gerações enxergam carreira, liderança e propósito.

Segundo o antropólogo, as organizações vivem uma situação inédita, com três, quatro e, em alguns casos, até cinco gerações dividindo o mesmo ambiente profissional. Ele apontou que 77% das organizações do mundo já reúnem equipes com pelo menos três gerações diferentes, número que tende a crescer com o envelhecimento da população. No Brasil, a projeção é de que, em 2030, haja mais gente com mais de 60 anos do que com menos de 14, uma inversão da pirâmide etária que tornará o convívio entre múltiplas gerações cada vez mais comum. “Você vai ter que lidar com gente que pensa diferente de você. E isso não é uma escolha”, afirmou.

Para Alcoforado, um dos principais erros é julgar as novas gerações a partir da ideia de que os comportamentos do passado eram necessariamente melhores. O discurso de que “no meu tempo era melhor” dificulta a compreensão das mudanças e amplia os conflitos, algo que não é exclusividade de nenhuma geração, já que 55% dos profissionais hoje dizem achar desafiador lidar com colegas mais velhos ou mais jovens.

“O mesmo fenômeno já ocorreu com outras gerações. Os milennials também foram recebidos com desconfiança quando começaram a ocupar espaço nas organizações, especialmente por questionarem estruturas hierárquicas e demonstrarem expectativas diferentes sobre carreira. Tudo que é novo é desafiador”, disse.

Conflito pode estimular inovação

Alcoforado defendeu que as divergências não sejam tratadas apenas como problemas. Quando bem administrado, o conflito evita a acomodação das equipes e estimula novas soluções, em um processo que ele chamou de fricção produtiva, o encontro entre pessoas com experiências, referências e visões distintas que obriga a organização a questionar práticas consolidadas. “Toda vez que temos divergência de opinião, que alguém sabe uma coisa que o outro não sabe, temos também a possibilidade de abrir caminho para inovações e novas possibilidades”, defendeu.

Para as cooperativas, esse processo ganha relevância porque a renovação precisa ocorrer sem que o conhecimento acumulado ao longo dos anos se perca. Equipes formadas apenas por pessoas com referências semelhantes, alertou, correm maior risco de repetir as mesmas respostas para problemas que mudam rapidamente. “A alternativa está no intercâmbio geracional, criar



espaços nos quais profissionais mais experientes compartilhem conhecimento e memória institucional, enquanto os mais jovens contribuam com novas linguagens, tecnologias e formas de enxergar o trabalho”, completou.

Experiência e memória

Ao tratar da geração X e dos baby boomers, Alcoforado chamou atenção para uma mudança de mercado. Profissionais que antes estariam perto da aposentadoria seguem ativos e se veem no auge da carreira, o que pressiona os processos de sucessão, mas também preserva conhecimento valioso. Nas cooperativas, a memória tem valor ainda maior, porque as organizações se constroem a partir de relações de longo prazo com cooperados, comunidades e setores produtivos. “A mentoria dos mais velhos é fundamental para a vida da cooperativa. Com o avanço da inteligência artificial, os jovens podem dominar rapidamente as ferramentas, mas o repertório acumulado é necessário para avaliar criticamente as respostas produzidas”, disse.

Já os millennials, segundo ele, carregam o peso do propósito, pois passaram a questionar não apenas o que fazem, mas por que realizam determinado trabalho. Nesse ponto, o cooperativismo parte de uma posição privilegiada em relação a organizações que precisam construir artificialmente uma narrativa de propósito. “É mais fácil fazer isso com cooperativas, uma vez que elas têm um senso de porquê, de impacto na vida das pessoas, dos colaboradores, dos cooperados e da comunidade”, defendeu.

Com a geração Z, a lógica muda novamente. Alcoforado apontou que os jovens valorizam autonomia, responsabilidades concretas e reconhecimento, e que 87% deles acreditam que terão várias carreiras ao longo da vida. A resposta das lideranças, para

Aprendizados:

- Nenhuma geração, isoladamente, tem repertório suficiente para acompanhar a velocidade das transformações do mundo do trabalho.
- O conflito entre gerações pode ser produtivo, e divergências de opinião abrem caminho para a inovação.
- A memória institucional dos profissionais mais experientes deve ser preservada, pois é um ativo estratégico para as organizações.
- Reconhecer o propósito como diferencial das cooperativas e oferecer autonomia às novas gerações são caminhos para reter talentos.



Para Alcoforado, unir experiência e inovação é o caminho para a renovação das cooperativas.

ele, passa por oferecer responsabilidades progressivas, experimentação, feedback frequente e espaço para propor, de modo que esses profissionais percebam a própria contribuição.

Comunicação entre gerações

As diferenças aparecem até nas situações mais simples de comunicação. Durante a palestra, Alcoforado usou exemplos bem-humorados sobre a maneira como pessoas de idades distintas utilizam WhatsApp, emojis, áudios e abreviações. Embora estejam nas mesmas plataformas, as gerações atribuem significados diferentes às mensagens e adotam códigos próprios. No ambiente profissional, ignorar essas distinções pode gerar ruídos, interpretações equivocadas e conflitos, razão pela qual as cooperativas precisam criar canais capazes de aproximar os diferentes grupos.

Ao concluir, o antropólogo relacionou o debate diretamente à continuidade das cooperativas, ao lembrar que nenhuma geração, isoladamente, tem repertório suficiente para acompanhar a velocidade das transformações atuais. “Profissionais mais experientes podem oferecer memória, conhecimento do setor e capacidade de avaliar novidades. Os millennials ajudam a reforçar propósito e conexão com a comunidade. Já os mais jovens trazem novas formas de trabalhar, maior demanda por autonomia e disposição para testar modelos diferentes”, relacionou.

Essa combinação, para ele, deve substituir a disputa sobre qual geração trabalha melhor. “O mundo ficou complexo demais para só quem tem cabelo branco resolver, ou só para quem está cheio de cabelo na cabeça resolver. A gente precisa unir a experiência de alguém que já viu muito com a novidade de quem chegou agora”, finalizou. 



CulturaCoop,
um compromisso
com o futuro

A presidente executiva do Sistema OCB reforçou a importância de disseminar a cultura cooperativista.

Ao encerrar a Semana de Competitividade 2026 com o balanço dos aprendizados, Tania Zanella convocou os participantes à ação

A Semana de Competitividade 2026 chegou ao fim com um chamado para que os debates dos três dias se transformem em ações dentro das cooperativas. No encerramento, Tania Zanella, presidente executiva do Sistema OCB, afirmou que fortalecer a cultura cooperativista será decisivo para sustentar o crescimento do movimento nos próximos anos.

Realizada em Brasília, sob o tema *Cultivando a Cultura Cooperativista*, a edição reuniu cerca de 800 participantes de todo o país. Ao fazer o balanço do evento, Tania afirmou que a discussão sobre cultura ganhou urgência diante das transformações vividas pelo cooperativismo. Segundo ela, o desafio não está apenas em ampliar números, negócios ou participação de mercado, mas em garantir que esse crescimento preserve o que diferencia as cooperativas de outros modelos econômicos. “O nosso modelo é a nossa diferença, é o que nos faz únicos”, afirmou.

A presidente executiva destacou que tendências hoje valorizadas pela sociedade, como economia colaborativa, compartilhamento, propósito e preocupação com as pessoas, estão diretamente ligadas aos fundamentos do cooperativismo. Para ela, uma das forças do modelo está na capacidade de compartilhar resultados, característica que ajuda a explicar tanto a resiliência das cooperativas em períodos de crise quanto a presença do movimento em comunidades onde outros agentes econômicos muitas vezes não chegam.

O avanço, porém, aumenta a responsabilidade. Tania recuperou um dado apresentado ao longo da semana, o de que, nos últimos sete anos, cerca de 6 mil pessoas ingressaram por dia nas cooperativas brasileiras, que hoje somam 29 milhões de cooperados. “Você imaginar que, nos últimos sete anos, a cada dia 6 mil pessoas ingressaram nas nossas cooperativas é um desafio. A gente talvez nunca tenha parado para pensar nisso”, disse.

Para ela, esse avanço quantitativo precisa vir acompanhado de uma conexão maior entre o cooperado, a cooperativa e os princípios do movimento, de modo que quem utiliza os serviços de uma cooperativa compreenda por que aquele modelo é diferente e qual é o seu papel dentro dele. “Precisamos fazer com que o olho brilhe, se encha de orgulho e a pessoa diga: eu estou no modelo que transforma a minha vida, que transforma realidades. Eu estou no cooperativismo”, afirmou.



O nosso modelo é a nossa diferença, é o que nos faz únicos.” – TANIA ZANELLA

Tania Zanella reunida com os agentes de cultura das Organizações Estaduais do Sistema OCB.



De dentro para fora

Essa construção, segundo Tania, precisa começar dentro das próprias organizações, fortalecendo primeiro o orgulho de ser cooperativista entre dirigentes, colaboradores e cooperados para, depois, ampliar a percepção da sociedade sobre o modelo. “Primeiro temos que trabalhar internamente, desdobrar o orgulho de ser cooperativista, para depois conversar e abrir as mentes e os corações dos brasileiros para o movimento”, defendeu.

A reflexão dialogou com diferentes momentos da programação, que ao longo dos três dias discutiu liderança, participação, educação cooperativista, comunicação, memória institucional, sucessão e engajamento de novas gerações. No último dia, o antropólogo Michel Alcoforado abordou as transformações no mundo do trabalho e as diferenças de expectativas entre as gerações, tema que Tania retomou ao defender que a convivência entre elas seja encarada como oportunidade.

“Tenho uma equipe também muito jovem e isso, para mim, é uma experiência formidável. Eu aprendo todo santo dia. Acho que essa diversidade é o que tem de mais bonito”, disse. Ela relacionou ainda o fortalecimento da cultura interna à necessidade de representação institucional do movimento, ao ponderar que, quanto maior a presença econômica e social das cooperativas, maior será também a necessidade de explicar suas diferenças e defender o modelo perante a sociedade e o poder público.

Aprendizados:

- O crescimento do cooperativismo só é sustentável se vier acompanhado do fortalecimento da cultura cooperativista.
- Compartilhar resultados é o que explica a resiliência das cooperativas em crises e sua presença em territórios onde outros agentes não chegam.
- O orgulho de ser cooperativista precisa ser cultivado primeiro dentro da organização, para depois se converter em representação perante a sociedade.
- Transformar aprendizado em ação depende da mobilização de quem agora volta para as suas cooperativas após a Semana de Competitividade 2026.

O trabalho começa agora

O encerramento marcou a passagem da discussão para uma etapa prática. Tania chamou ao palco os agentes de cultura das Organizações Estaduais do Sistema OCB, que terão a missão de levar aos estados e às cooperativas os conceitos e as ferramentas debatidos na Semana, reforçando que o trabalho de fortalecer a cultura cooperativista, de forma coletiva, começa agora em cada cooperativa.

Como parte dessa estratégia, a presidente anunciou o lançamento da Comunidade CulturaCoop, que vai conectar Sistema OCB e cooperativas. Inspirada na comunidade criada anteriormente para os profissionais de comunicação do Sistema OCB, a iniciativa reunirá materiais, comunicados, experiências e boas práticas, além de manter a troca entre os participantes após o evento.

Samba e cooperação

Para traduzir mais uma vez a força da cooperação, o grupo Batucada S/A mostrou como o funcionamento de uma bateria de samba depende de colaboração para garantir ritmo e sonoridade. Os participantes foram integrados à banda e tocaram instrumentos cedidos pelo grupo, em um exercício coletivo que fechou a programação. A metáfora da bateria reforçou a missão proposta ao final do evento, a de atuar em conjunto, de forma coordenada e com um propósito comum, para cultivar e fortalecer a cultura cooperativista em todo o Brasil. 

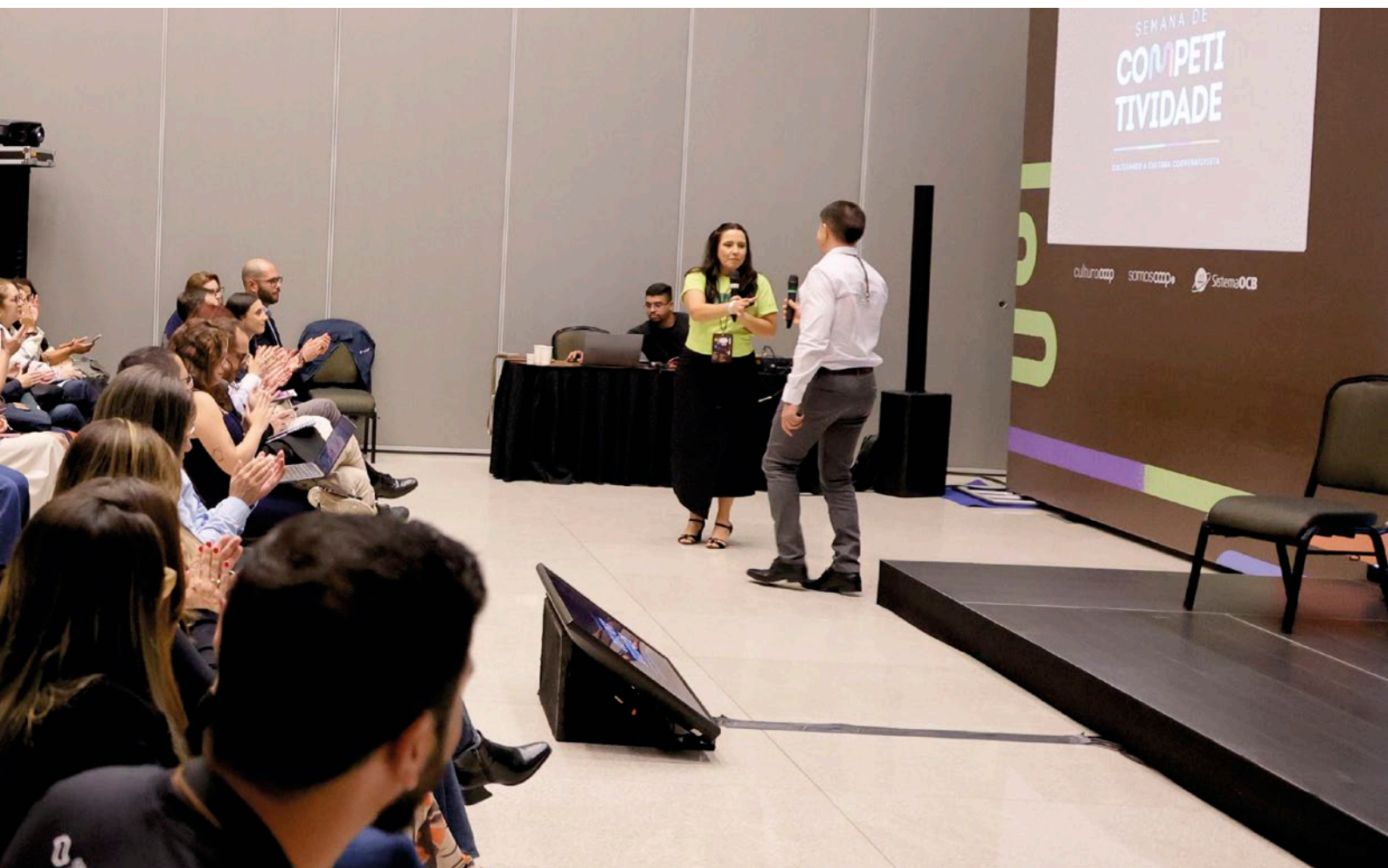
Grupo Batucada S/A encerrou o evento fazendo da plateia uma bateria de escola de samba, para demonstrar, na prática, o poder da colaboração.





Participantes puderam escolher entre quatro salas temáticas para aprofundar seus conhecimentos.

Quatro eixos reuniram especialistas, lideranças e experiências para discutir educação, governança, comunicação, legado e os desafios para o futuro do movimento



Trilhas temáticas:
caminhos para
fortalecer a cultura
cooperativista

O segundo dia da Semana de Competitividade 2026 trouxe uma nova dinâmica para a programação. Depois das plenárias que reuniram grandes reflexões sobre os desafios do cooperativismo, os participantes puderam escolher entre quatro trilhas temáticas e acompanhar discussões mais aprofundadas sobre diferentes dimensões da vida das cooperativas. Em salas simultâneas, especialistas e representantes do movimento compartilharam conhecimentos, experiências e cases sobre temas fundamentais para fortalecer as organizações e prepará-las para os próximos anos.

A programação foi organizada em quatro eixos: Governança Cooperativa, Educação Cooperativista, Comunicação e Experiência e Legado e Sucessão. Embora cada trilha tenha partido de uma perspectiva diferente, os debates se conectaram por uma preocupação comum: como preservar a essência do cooperativismo enquanto as organizações crescem, incorporam novas tecnologias, recebem novas gerações e se relacionam com uma sociedade em constante transformação.

As trilhas trouxeram experiências concretas e reflexões sobre como os valores e princípios cooperativistas aparecem no cotidiano das organizações. Cultura, participação, liderança, educação, comunicação, memória e sucessão foram alguns dos temas que atravessaram as apresentações, mostrando que a competitividade das cooperativas também depende da capacidade de manter vivo aquilo que diferencia o modelo.

A Governança Cooperativa colocou em debate a relação entre cultura, liderança, diversidade e sustentabilidade. As discussões mostraram que governar uma cooperativa vai além de estruturas, regras e processos: envolve comportamentos, escolhas e a capacidade de construir ambientes coerentes com os valores do movimento. A preparação de lideranças e a incorporação da sustentabilidade à gestão também apareceram como elementos importantes para organizações que precisam responder a novos desafios sem perder sua identidade.

Na trilha de Educação Cooperativista, o foco esteve na construção de pertencimento e na formação das pessoas que fazem parte do movimento. Os participantes conheceram iniciativas voltadas a cooperados, crianças, jovens e lideranças e discutiram como transformar conhecimento em participação efetiva. A educação apareceu como uma ferramenta para aproximar cooperados, fortalecer a cultura e preparar novas gerações para assumir responsabilidades dentro das cooperativas.

Já a trilha de Comunicação e Experiência trouxe a discussão sobre como traduzir os valores do cooperativismo para diferentes públicos e construir relações mais próximas e relevantes. Comunicar com propósito, compreender as pessoas e transformar conceitos muitas vezes complexos em mensagens acessíveis foram alguns dos desafios apresentados. A experiência do cooperado também esteve no centro das reflexões, reforçando que a comunicação não acontece apenas nos canais oficiais, mas em cada contato que uma pessoa estabelece com a organização.



As trilhas temáticas também contaram com laboratórios de atividades práticas.



Por fim, a trilha de Legado e Sucessão olhou para a continuidade do movimento. As apresentações mostraram que preservar a história não significa manter as cooperativas presas ao passado. Conhecer as próprias raízes, compreender a cultura construída ao longo do tempo e preparar novas lideranças são etapas de um mesmo processo de construção do futuro. A sucessão, nesse contexto, foi apresentada como uma estratégia para garantir a perenidade das organizações e a renovação de seus espaços de liderança.

As quatro trilhas, portanto, partiram de diferentes pontos para chegar a uma questão comum: como fazer o cooperativismo continuar relevante sem abrir mão de sua identidade? Entre formação, participação, cultura, liderança, comunicação, memória e sucessão, os debates mostraram que o futuro das cooperativas é construído a partir de escolhas feitas no presente.

Governança Cooperativa: cultura e liderança para transformar a gestão

A trilha de Governança Cooperativa reuniu discussões sobre alguns dos elementos que sustentam a atuação das cooperativas no presente e podem determinar sua capacidade de enfrentar os desafios do futuro. Cultura, liderança, diversidade e sustentabilidade estiveram entre os principais assuntos abordados pelos especialistas e representantes do movimento.

Um dos pontos que atravessou os debates foi a necessidade de aproximar os valores cooperativistas das práticas cotidianas. A cultura não se constrói apenas por discursos ou documentos institucionais. Ela aparece na maneira como as pessoas tomam decisões, se relacionam, exercem a liderança e lidam com as transformações dentro da organização.

A liderança ganhou destaque nesse processo. As discussões mostraram que os líderes têm papel importante na construção e na transmissão da cultura, especialmente em momentos de mudança. Preparar pessoas para assumir responsabilidades e criar ambientes capazes de estimular participação e confiança são desafios que se conectam diretamente à governança.

A diversidade também foi apresentada como parte dessa construção. Ampliar a presença de diferentes perfis nos espaços de decisão significa criar condições para que mais perspectivas façam parte dos debates e das escolhas das cooperativas. Ao mesmo tempo, a sustentabilidade apareceu como uma dimensão que precisa estar integrada à gestão, aos processos e às decisões estratégicas.

Assim, a trilha mostrou que a governança cooperativa não diz respeito somente à estrutura formal da organização. Ela também passa pela cultura que orienta comportamentos, pelas pessoas que ocupam posições de liderança e pela capacidade de tomar decisões alinhadas aos princípios que sustentam o modelo.

Educação Cooperativista: conhecimento que gera pertencimento

Se a cultura precisa ser vivenciada para permanecer viva, a educação tem papel central nesse processo. A trilha de Educação Cooperativista discutiu como iniciativas de formação podem aproximar cooperados, fortalecer o sentimento de pertencimento e preparar novas gerações para participar ativamente do movimento.

A programação trouxe experiências voltadas a diferentes públicos. A educação pode acompanhar o crescimento das cooperativas e ajudar a manter os cooperados próximos do modelo de negócio. A formação de crianças e jovens também esteve presente. A trilha evidenciou que princípios da cooperação podem ser apresentados de maneira prática desde cedo, criando oportunidades para que novas gerações conheçam e experimentem o modelo.

Outro eixo da trilha foi a relação entre educação e cultura. Pesquisas e experiências apresentadas ao longo da programação reforçaram que conhecer os valores do cooperativismo é apenas uma parte do processo. É preciso criar espaços para que eles sejam praticados por meio da participação, da formação de lideranças e das relações construídas dentro das organizações. As discussões também avançaram para os impactos das novas tecnologias na educação.

No conjunto, a trilha reforçou que formar cooperados e lideranças não é apenas transmitir informações sobre o cooperativismo. É criar condições para que as pessoas compreendam seu papel, participem das decisões e reconheçam que fazem parte de um movimento que precisa continuar sendo construído.

Comunicação e Experiência: conexões que aproximam o cooperativismo

A trilha de Comunicação e Experiência partiu de um desafio essencial para o movimento: fazer com que o cooperativismo seja compreendido, reconhecido e valorizado por diferentes públicos. Para isso, não basta comunicar mais. É preciso encontrar maneiras de traduzir seus valores, tornar suas mensagens acessíveis e construir experiências que aproximem as pessoas das cooperativas.

As discussões mostraram que existe uma responsabilidade especial ao comunicar um modelo que, muitas vezes, ainda é pouco conhecido fora do próprio movimento. Antes de apresentar produtos, serviços ou iniciativas, é necessário explicar o que está por trás deles e por que o cooperativismo funciona de uma maneira diferente.

A comunicação com propósito apareceu como um dos caminhos para esse desafio. Mais do que transmitir informações, comunicar significa construir conexões e gerar impacto. Isso exige estratégia, conhecimento sobre os públicos e capacidade de adaptar a linguagem sem perder a essência da mensagem.



Participantes não deixaram de anotar os melhores insights das palestras e dos painéis.



A experiência também ocupa um papel importante nessa relação. O contato de um cooperado com a organização acontece em diferentes momentos e canais, e cada interação contribui para construir sua percepção sobre a cooperativa. Por isso, a experiência precisa estar conectada àquilo que a marca e a comunicação prometem.

As discussões também reforçaram a importância de sair do olhar interno. Para falar com quem ainda não conhece o cooperativismo, é necessário compreender quais conceitos são desconhecidos e encontrar formas simples de explicá-los. O que parece óbvio para quem vive o movimento diariamente pode não ser para quem não está tão presente no movimento.

Legado e Sucessão: preservar o passado para construir o futuro

A quarta trilha temática, Legado e Sucessão, colocou em discussão uma questão essencial para organizações que desejam permanecer relevantes ao longo do tempo: como garantir continuidade sem impedir a renovação?

A programação mostrou que olhar para o passado é parte importante desse processo. Conhecer a história, preservar a memória e compreender como os valores foram construídos ao longo das gerações ajudam as cooperativas a reconhecer aquilo que não pode ser perdido, mesmo quando novas pessoas, tecnologias e estratégias passam a fazer parte da organização.

A relação entre cultura e sucessão foi um dos pontos destacados. A sucessão não deve ser compreendida apenas como a substituição de uma pessoa por outra em uma posição de liderança. Ela envolve preparar novas gerações para assumir responsabilidades e garantir que o “DNA” da organização continue presente mesmo quando seus líderes mudam.

Experiências apresentadas durante a trilha mostraram diferentes formas de fazer isso. A preservação de patrimônios históricos, a valorização da memória institucional e iniciativas de formação são maneiras de manter o legado em movimento. Ao mesmo tempo, projetos voltados à participação de jovens ajudam a criar caminhos para que eles se aproximem das cooperativas e, futuramente, ocupem espaços de liderança.

A sucessão também foi discutida no contexto das cooperativas agropecuárias e das propriedades familiares. Preparar quem vem depois significa antecipar desafios, abrir espaço para a participação das novas gerações e construir condições para que elas possam assumir responsabilidades tanto na atividade econômica quanto no próprio cooperativismo.

A sustentabilidade ampliou ainda mais essa discussão. Pensar na perenidade de uma cooperativa significa olhar para além dos resultados imediatos e considerar governança, gestão de riscos, responsabilidade social, aspectos ambientais e, principalmente, quem estará preparado para conduzir a organização no futuro. 



GOVERNANÇA COOPERATIVA

COMO A LIDERANÇA PODE PROMOVER A CULTURA COOP

Silvio Giusti (Giacoo)



FORTALECIMENTO DA GOVERNANÇA

Simone Montandon (Sistema OCB - Mediadora)

Ederson Madruga (Certaja Energia)

Magno Braz (Coopersino)

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NOS CONSELHOS

Gisele Gomes (Parônima)

PROTAGONISMO FEMININO

Divani Ferreira (Sistema OCB - Mediadora)

Iandra Mendes (Cocatrel)

Solange Martins (Sicoob Meridional)

ESG E O 7º PRINCÍPIO DO COOPERATIVISMO

Rosilene Rosado (Gália)

BOAS PRÁTICAS DE GOVERNANÇA

Ricardo Voltolini (Ideia Sustentável)

EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA

EDUCAÇÃO DO QUADRO SOCIAL

José Máximo (Escoop)



PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO COOP

Hugo Andrade (Sistema OCB - Mediador)

Rogério Machado (Fundação Sicredi)

Fernanda Paiva (Instituto Sicoob)

EDUCAÇÃO COMO ORIENTADORA DA CULTURA COOPERATIVISTA

Débora Ingrisano (Sistema OCB - Mediadora)

Helena Soares (TM20)

Tania Savaget (Zaic)

O 5º PRINCÍPIO E AS ESTRATÉGIAS DE IMPLEMENTAÇÃO

Cláudia Moreno (Sistema OCB - Mediadora)

Itamar Vodzicki (Cresol Instituto)

Thaís Cristina (Cooper)

O PAPEL DO EDUCADOR COOPERATIVISTA

Ricardo Leite (Resultte Educação Corporativa)

COMO PROMOVER CULTURA EM UM MUNDO DE DADOS E IA

Ricardo Cappra (Cappra Institute)

COMUNICAÇÃO E EXPERIÊNCIA

O PAPEL DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL NA CULTURA COOPERATIVISTA
Patrícia Marins (Oficina Consultoria)



SOMOSCOOP - O MOVIMENTO QUE CONECTA E TRANSFORMA
Samara Araujo (Sistema OCB - Mediadora)
Julio Cesar Pollaria (Aurora Coop)
Dr. Gualter Ramalho (Unimed do Brasil)

FIDELIZAÇÃO DE COOPERADOS E CENTRALIDADE
Thais Jerônimo (Palestrante)

CONSTRUÇÃO DE RELACIONAMENTO E PERTENCIMENTO DOS COOPERADOS
Jessyca Bolzan (Sistema OCB - Mediadora)
João Sadao (Cocamar)
Ângelo Mácio (Arteza)

CLIENTES (E COOPERADOS) SATISFEITOS DÃO RESULTADOS
Gisele Paula (Cliente Feliz)

COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA PARA ENGAJAR COOPERADOS E IMPULSIONAR OS NEGÓCIOS DA SUA COOP
Marcelo Minutti (professor do Insper, Ibmecc e FGV)

LEGADO E SUCESSÃO

CULTURA: O MOTOR INVISÍVEL DO SUCESSO
Dafna Blaschkauer (Escritora e palestrante)



A PRESERVAÇÃO DO LEGADO COOPERATIVISTA
Jessyca Bolzan (Sistema OCB - Mediadora)
Heloisa Lopes (Casa Cooperativa)
Alberto Oppata (Camta)

COMO PLANEJAR A SUCESSÃO NAS COOPERATIVAS?
Larissa Zambiasi (CooperConcórdia)

PREPARAÇÃO PARA A SUCESSÃO
Rodolfo Jordão (Sistema OCB - Mediador)
Bruno Rangel (Coplana)
Tiago Schmidt (Pioneira)

SUCESSÃO COM PROPÓSITO
Gabriela Olinda (Coopexvale)

SUCESSÃO PARA A SUSTENTABILIDADE
Marcus Nakagawa (Palestrante)

Governança cooperativista

une cultura, liderança, diversidade e sustentabilidade



Sala temática destaca pilares que fortalecem a governança e preparam as organizações para novos desafios

A trilha de Governança Cooperativista gerou diferentes debates. Ao longo da programação, especialistas e representantes de cooperativas discutiram como fortalecer a cultura cooperativista, ampliar a inclusão nos espaços de decisão, incorporar a sustentabilidade à gestão e preparar as organizações para os desafios de um ambiente em transformação.

Entre os pontos em comum apresentados nas palestras está a necessidade de aproximar princípios e práticas. Para os participantes, uma governança efetiva depende não apenas de estruturas e regras, mas também da cultura, da liderança, da participação dos cooperados e da capacidade de transformar valores cooperativistas em decisões e comportamentos cotidianos.

Liderança como motor da cultura cooperativista

Na palestra “Como a liderança pode promover a cultura coop”, o consultor em cooperativismo Silvio Giusti destacou que a cultura precisa ser vivenciada dentro da cooperativa para que possa ser transmitida.

Segundo ele, não é possível promover uma cultura que a própria organização não pratica. O primeiro passo para as lideranças é fazer uma reflexão sobre os princípios e valores presentes no dia a dia da cooperativa. “As lideranças são modeladoras sociais, são modeladoras do comportamento e enriquecem a cultura cooperativista com suas atitudes”, refletiu.

Giusti também chamou atenção para a gestão democrática. Para ele, a participação dos cooperados não pode se limitar à assembleia anual, já que o exercício da propriedade deve acontecer ao longo de todo o ano. Nesse processo, os colaboradores têm papel importante como multiplicadores da cultura, pois são eles que vivenciam e reproduzem diariamente os princípios, valores e propósitos da organização.

Outro ponto destacado pelo consultor foi a relação entre eficiência e propósito. Giusti defendeu que uma cooperativa precisa ser eficiente naquilo que se propõe a fazer e, a partir disso, transformar seus resultados em prosperidade compartilhada e impacto positivo nas comunidades. Para ele, o resultado financeiro é um meio para que a organização cumpra sua proposta de valor e contribua para a transformação do território onde está inserida.

“O que estamos apresentando para a sociedade como identidade das nossas cooperativas?”, questionou Silvio Giusti.



“As lideranças são modeladoras sociais, são modeladoras do comportamento e enriquecem a cultura cooperativista com suas atitudes.” – SILVIO GIUSTI

Fortalecimento da Governança

Simone Montandon mediou o painel “Fortalecimento da governança”, com participação de Ederson Madruga, da Certaja Energia, e Magno Braz, da Coopersino. Eles compartilharam experiências sobre formação e fortalecimento da governança nas cooperativas.

Madruga contou que mudanças na regulamentação do setor elétrico levaram a cooperativa a enfrentar um distanciamento dos cooperados, que passaram a enxergá-la como uma distribuidora comum. Para recuperar o senso de pertencimento e ampliar a participação, a cooperativa organizou seus 30 mil cooperados em dez grupos regionais, com encontros e pré-assembleias.

A estratégia contribuiu para ampliar a participação, que passou de 323 pessoas em 2022 para quase 4 mil no ano seguinte. Entre os próximos passos estão a instituição do voto delegado e a realização de assembleias híbridas, além do voto por aplicativo.

Magno Braz apresentou o Programa Educoop, desenvolvido para apoiar cooperativas educacionais do Mato Grosso por meio de diagnóstico, formação e capacitação. O programa buscou fortalecer a estrutura e a gestão das cooperativas, com resultados como documentação adequada, planejamento estratégico estruturado e ampliação do portfólio de negócios.

Painel sobre fortalecimento da governança, mediado por Simone Montandon, com Ederson Madruga, presidente da Certaja, e Magno Braz, presidente da Coopersino e representante do Ramo Trabalho no Sistema OCB/MT.





Gisele Gomes, CEO da Parônima, falando sobre diversidade no cooperativismo.

Diversidade nos espaços de decisão

A composição dos espaços de liderança esteve em debate na palestra “Diversidade e inclusão nos conselhos”, apresentada por Gisele Gomes, CEO da Parônima. Ela propôs uma reflexão sobre como transformar inclusão e diversidade em práticas concretas de liderança nas cooperativas, reforçando que participar de uma palestra ou conhecer novos conceitos só ganha sentido quando esse aprendizado é levado para a realidade das organizações.

Para Gisele, discutir diversidade nos conselhos passa também por fazer perguntas sobre quem está efetivamente representado nesses espaços e sobre o que as cooperativas podem fazer para ampliar essa participação. A reflexão se conecta ao desafio de aproximar as organizações das pessoas que compõem suas comunidades e de compreender como elas percebem o cooperativismo.

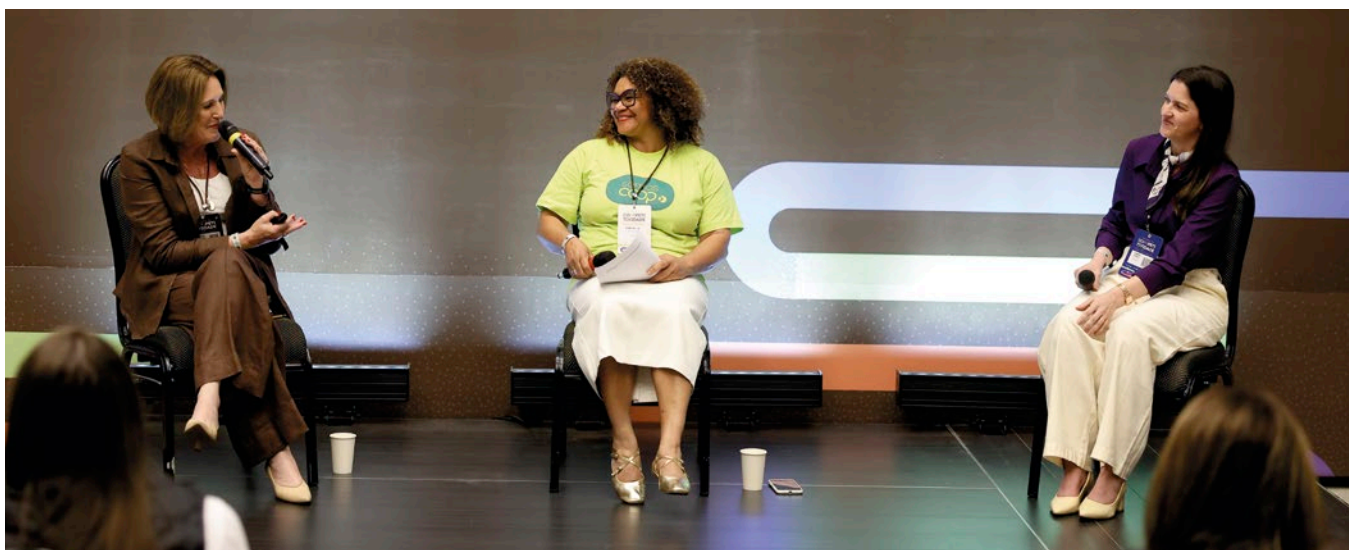
“Cooperativa é organização de gestão democrática por princípio doutrinário, não opção de mercado. Assimetria de representação é uma contradição interna ao modelo, independente de resultados”, alertou.

O tema ganhou dimensão prática no painel “Protagonismo feminino”, mediado por Divani Ferreira, que reuniu Iandra Mendes, da Cocatrel (MG), e Solange Martins, do Sicoob Meridional (PR).

Iandra Mendes apresentou a experiência do Grupo Cafeína, iniciativa voltada à participação e ao protagonismo de mulheres cafeicultoras. Segundo ela, o movimento ajudou a mudar a percepção sobre o papel das mulheres dentro da cooperativa, mostrando que elas não estão apenas em uma posição de apoio, mas também são titulares, comercializam sua produção e participam diretamente dos negócios.

A sucessão também apareceu como parte desse processo. Iandra contou sobre o projeto Primeiros Passos, criado para apoiar mulheres que assumiram propriedades após a perda de familiares que estavam à frente dos negócios. A iniciativa buscou oferecer conhecimento e apoio para que essas mulheres pudessem continuar os negócios e assumir o protagonismo de suas próprias trajetórias.

“Cooperativa é organização de gestão democrática por princípio doutrinário, não opção de mercado.” – GISELE GOMES



Painel “Protagonismo feminino”, mediado por Divani Ferreira, com Iandra Mendes, da Cocatrel (MG), e Solange Martins, do Sicoob Meridional (PR).

Já Solange Martins compartilhou experiências relacionadas à criação de espaços de participação feminina. Entre as iniciativas mencionadas por ela estão a constituição de um comitê feminino e ações para estimular mulheres a se candidatarem a delegadas, entendendo essa participação como um primeiro passo para que possam posteriormente ocupar posições nos conselhos.

Segundo Solange, os resultados desse trabalho incluem a presença de mulheres como delegadas e conselheiras em cooperativas. Para ela, ampliar a participação feminina na liderança exige criar caminhos para que as mulheres tenham acesso aos espaços de representação e decisão.

ESG também é uma questão de governança

A relação entre sustentabilidade e governança foi abordada por Rosilene Rosado, na palestra “ESG e o 7º princípio do cooperativismo”. Ela destacou que as atividades econômicas fazem parte de sistemas interdependentes e dependem de recursos ambientais e serviços ecossistêmicos. Por isso, sustentabilidade não deve ser tratada apenas como uma declaração, mas como uma condição para a continuidade dos negócios.

Na avaliação de Rosilene, uma cooperativa precisa ser economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente correta de forma simultânea. Isso significa considerar os riscos e impactos relacionados às atividades da organização e incorporar seus custos à gestão, sem abrir mão da viabilidade econômica.

Nesse contexto, o ESG oferece ferramentas para avaliar riscos e oportunidades relacionados às dimensões ambiental, social e de governança e compreender como eles podem afetar a capacidade de gerar e distribuir valor no curto, médio e longo prazo. Rosilene citou temas como relações de trabalho, saúde e

segurança, treinamento, diversidade, emissões, resíduos, recursos hídricos e preservação dos recursos naturais.

A governança aparece, portanto, como o elemento responsável por estruturar as decisões relacionadas a essas dimensões. Rosilene explicou que cabe à governança definir políticas, mecanismos e componentes de gestão capazes de tratar adequadamente os temas relevantes, reduzir riscos e aproveitar oportunidades para as cooperativas.

Governança precisa acompanhar as transformações

A influência entre cultura, estratégia e governança foi central na palestra “Boas práticas de governança”, conduzida por Ricardo Voltolini. “Estratégia define o que fazer. Governança define quem tem o direito de escolher, dentro de quais limites e como prestar contas”, explicou.

Para Voltolini, essa relação é fundamental porque as regras estabelecidas pela governança podem não ser suficientes quando não existe coerência com a cultura organizacional. Ele definiu a cultura como um conjunto de valores, crenças, normas e hábitos que orientam a forma como as pessoas pensam, decidem e trabalham juntas, funcionando como um “filtro invisível” da organização.

O especialista também questionou algumas crenças que podem limitar a evolução das cooperativas. Entre elas está a ideia de que profissionalizar a gestão necessariamente afasta a organização da essência cooperativista. De acordo com Voltolini, a questão está relacionada à qualidade da governança e à capacidade de preparar a cooperativa para os desafios do mercado, sem abandonar suas características próprias.

Outra reflexão apresentada por ele envolve a relação com o legado. Na visão dele, adaptar modelos de negócio às novas exigências não significa desrespeitar os fundadores. Ao contrário, pode representar uma forma de preservar e multiplicar aquilo que foi construído por eles, incorporando novos comportamentos, funções e habilidades às necessidades atuais.

Uma governança cooperativista

As diferentes discussões mostram que fortalecer a governança envolve mais do que aperfeiçoar estruturas formais de decisão. Nesse sentido, as boas práticas de governança passam pela capacidade de transformar princípios em comportamentos, ampliar a participação das pessoas e tomar decisões considerando os impactos sobre a cooperativa e seu entorno.

A governança deixa, assim, de ser apenas uma estrutura de controle para se tornar parte da própria forma como a cooperativa preserva sua identidade, enfrenta novos desafios e constrói seu futuro. 

Ricardo Voltolini finaliza a trilha com palestra sobre boas práticas de governança.





Educação cultiva
pertencimento
e futuro
no cooperativismo

José Máximo Daronco destacou a importância de preservar a identidade cooperativista.

Da primeira infância à inteligência artificial, a trilha que discutiu o 5º princípio mostrou que educar é criar condições para que o modelo seja compreendido e vivido

Manter viva a essência do cooperativismo em organizações que crescem, recebem novas gerações e convivem com transformações aceleradas exige intenção, aprendizado e participação. Na trilha de Educação Cooperativista, especialistas e representantes do movimento mostraram como a educação fortalece o pertencimento, aproxima cooperados, forma lideranças e traduz valores em práticas capazes de atravessar gerações.

Na abertura, José Máximo Daronco, diretor-geral da Escoop, defendeu que a educação sustenta a identidade cooperativista à medida que as organizações ganham escala. Quanto maior a cooperativa, argumentou, mais difícil se torna a relação próxima que as pequenas mantêm com os cooperados, o que exige tornar a construção da cultura algo intencional.

“Se eu tirar o meu logotipo, a gente vai se reconhecer pelas nossas práticas cooperativistas?”, provocou, ao lembrar que colocar o carimbo SomosCoop não basta sem vivência cooperativa no dia a dia. Para ele, a identidade é a bússola que aponta o norte e a cultura é o que sustenta o caminho, razão pela qual a educação deve ser política permanente das cooperativas, com previsão orçamentária e continuidade.

Educação e pertencimento

Rogério Machado, superintendente da Fundação Sicredi, apresentou o Programa Crescer partindo da dimensão do sistema, que conta com mais de 10 milhões de cooperados. O crescimento encadeia uma lógica que a educação precisa enfrentar: a escala aumenta a complexidade, o que pode afastar o cooperado, e é a formação que reconecta. “É impossível as pessoas se apaixonarem por aquilo que não conhecem”, observou.

Criado em 2007, o programa se organiza em conteúdos básicos, avançados e complementares, adaptáveis à realidade de cada cooperativa. Ao integrar a jornada de educação ao novo aplicativo do Sicredi, o sistema registrou 7,8 milhões de acessos



em sete meses, a maioria em cursos de educação cooperativista e financeira. Segundo Machado, cooperados que passaram pela formação melhoraram seus negócios com a cooperativa em 51% após 18 meses. “O crescimento se dá em escala, e a educação constrói o pertencimento. E o pertencimento é o que sustenta uma cooperativa”, concluiu.

Rogério Machado, da Fundação Sicredi, e Fernanda Paiva, do Instituto Sicoob, participaram de painel sobre promoção da educação cooperativista.

Novas gerações

A formação de crianças e jovens foi o foco de Fernanda Paiva, analista do Instituto Sicoob, que apresentou o Programa Cooperativa Mirim. Ela abriu com uma provocação atribuída a Leonardo Neves Ramos, ex-membro do Conselho Nacional de Educação: “Nós temos uma escola do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI”. A frase serviu para criticar um modelo escolar herdado da Revolução Industrial, que já não responde ao que o mundo cobra de quem sai da escola.

Apoiada no relatório “O Futuro do Trabalho”, do Fórum Econômico Mundial, ela lembrou que 39% das principais competências exigidas pelo mercado devem mudar até 2030, com habilidades como curiosidade, aprendizado contínuo e inteligência emocional em ascensão. O mundo pede conteúdo, ponderou, mas também pessoas que saibam pensar, colaborar e se adaptar, exatamente o que a educação cooperativista propõe ao construir o conhecimento de forma coletiva, com o aluno como protagonista.

“A gente só consegue transformar uma cultura com intenção e consciência.” – TANIA SAVAGET

Com mediação de Débora Ingrisano, painel reuniu Tania Savaget, da Zaic, e Helena Soares, da TM20.

O programa leva essa proposta a crianças e adolescentes de 8 a 17 anos, que criam e gerenciam suas próprias cooperativas, do nome ao estatuto, sob a condução de um professor orientador que traz perguntas em vez de respostas prontas. A metodologia se adapta a diferentes contextos, incluindo comunidades quilombolas, rurais, ribeirinhas e indígenas. Fernanda destacou a primeira cooperativa mirim constituída em uma APAE, em Londrina (PR), em 2024, formada por cooperados com deficiências múltiplas.

A cultura tem luz e sombra

A relação entre educação e cultura foi conduzida por Helena Soares, pesquisadora da TM20, e Tania Savaget, CSO da Zaic, que apresentaram leituras da Pesquisa Nacional de Cultura Cooperativista, com 9.767 respondentes na etapa quantitativa. Helena contou que a expectativa inicial era encontrar um problema de comunicação, mas o que emergiu foi uma cultura viva e forte, sustentada nas histórias de fundação que circulam entre os conselhos.

Essa força tem contrapartida. Helena chamou de “lado sombra” os desafios que a própria robustez cultural ajuda a mascarar, como a dificuldade de sucessão e as lacunas de diversidade. “Essa energia é o que trouxe a gente até aqui, mas não necessariamente é o que vai levar a gente daqui para diante”, ponderou,



ao apontar o desafio de tornar o cooperativismo relevante para gerações que não viveram a crise que originou o movimento.

Tania Savaget propôs que comunicadores e educadores se enxerguem como mediadores da cultura, e não como professores que apenas transmitem conteúdo. “A gente só consegue transformar uma cultura com intenção e consciência”, afirmou. Para ela, a figura do mediador organiza, estimula e questiona, apoiado em escuta, presença e diálogo, e recorre a ferramentas simples: rodas de conversa, contação de histórias, rituais e apadrinhamento de novos cooperados. A memória, acrescentou, precisa ser cuidada para que a identidade se mantenha viva quando os fundadores não estiverem mais à frente.

Participação que se cultiva todos os dias

O painel seguinte reuniu Thaís Cristina, da Rede Cooper, e Itamar Vodzicki, do Cresol Instituto. A Cooper, cooperativa de consumo de São Miguel do Oeste (SC), estruturou seus núcleos como espaço de participação e formação de lideranças. O que começou, em 2014, com uma turma de mulheres, evoluiu para núcleos feminino, cooperativo e agro, reunindo pessoas de 18 a 88 anos em encontros definidos pelos próprios participantes. Entre 2023 e 2025, os núcleos somaram mais de 1.740 participações em formações e levaram cooperados ao Conselho Fiscal. “Numa cooperativa com milhares de cooperados, a participação não sobrevive por inércia. Ela precisa de espaço, de escuta e de gente disposta a cultivá-la todos os dias”, resumiu Thaís.

Itamar Vodzicki apresentou a atuação educacional da Cresol, cooperativa de crédito nascida da iniciativa de agricultores no sudoeste do Paraná. O foco recaiu sobre quatro projetos desenvolvidos dentro das escolas, que unem educação financeira e cooperativista. De quatro escolas, em 2011, a iniciativa chegou a 700 em 2024, saltando de 270 para 33 mil crianças atendidas em um único ano e somando cerca de 159 mil ao longo do período. Para ele, estar na comunidade é parte do negócio da cooperativa.

O educador diante da mudança

Ricardo Leite, da Resultte Educação Corporativa, trabalhou o papel do educador cooperativista em uma dinâmica com a plateia. Sua tese é que ser educador não é atribuição exclusiva de quem ocupa essa função formal, já que a educação acontece nas relações, nas decisões e nos exemplos que cada pessoa multiplica no cotidiano. Lembrando, com Heráclito, que a única constante é a mudança, defendeu que a resistência se vence com educação e comunicação clara. “Informar é educar”, sintetizou, ao concluir que o desafio é fazer o cooperativismo ser experimentado na prática, e não apenas ensinado.



Ricardo Cappra, fundador do Cappra Institute, falou dos desafios de cultura na era da inteligência artificial.

No encerramento, Ricardo Cappra, fundador do Cappra Institute, discutiu como o excesso de informação e a inteligência artificial remodelam a maneira de decidir e de aprender. Ele descreveu a “infoxicação”, a intoxicação por consumo excessivo de informação, e o colapso decisório, em que o volume de dados paralisa as escolhas. A saída passa pelo pensamento analítico, apontado pelo Fórum Econômico Mundial como a competência mais requisitada dos últimos anos, que combina raciocínio lógico e a capacidade de fazer boas perguntas.

Para Cappra, vivemos uma terceira revolução do trabalho, desta vez invisível. Cada pessoa passa a complementar o próprio raciocínio com recursos artificiais que carrega no bolso, dando origem aos “seres híbridos” e a ambientes em que agentes artificiais já são tratados como colaboradores. O cenário levanta questões de responsabilidade moral e traz um risco à educação, já que os atalhos da tecnologia geram uma “ilusão de completude” que pode reduzir o conhecimento. Diante disso, ele defendeu preparar as pessoas para agir com consciência e senso crítico, sem recusar a tecnologia nem se render a ela.

Da primeira infância à formação de conselheiros, da memória institucional aos agentes de inteligência artificial, a trilha percorreu todas as pontas da jornada educativa de uma cooperativa e mostrou que educar para o cooperativismo é menos transmitir conteúdo e mais criar condições para que seus princípios sejam compreendidos e vividos. 

Comunicação

como ativo
estratégico do
cooperativismo



Sala temática abordou gestão de reputação, experiência do cooperado e estratégias para destacar o propósito cooperativo no mercado

“Quando a comunicação entra na decisão, a reputação deixa de ser um acaso.” – PATRÍCIA MARINS

A trilha de Comunicação e Experiência reuniu especialistas e lideranças para discutir o papel da comunicação diante da disputa contínua pela atenção do público. Ao longo da programação, as apresentações mostraram que a comunicação deixou de ser uma área meramente operacional para se consolidar como um ativo estratégico de gestão de reputação, fidelização e diferenciação competitiva no mercado.

Entre os pontos em comum das palestras está a ideia de que comunicar bem, no cooperativismo, é menos uma questão de volume e mais de vínculo. Da gestão preventiva da reputação à experiência cotidiana do cooperado, os participantes defenderam que a força de uma cooperativa depende da qualidade da relação que ela constrói com sua base e da capacidade de traduzir o propósito cooperativo em valor percebido.

Comunicação como gestora da reputação

A mudança do papel dos comunicadores dentro das organizações norteou as primeiras discussões. Patrícia Marins, fundadora da Oficina Consultoria, ressaltou que a área de comunicação precisa integrar o processo decisório antes que diretrizes sejam lançadas ou problemas aconteçam. “Comunicação não pode ser bombeiro. Você não pode ser o último a ser chamado quando a casa já pegou fogo”, destacou. A palestrante defendeu a elaboração de mapas de vulnerabilidade para antecipar riscos e expectativas antes do lançamento de produtos ou de mudanças estruturais.

Patrícia também tratou da transição da assessoria tradicional para a gestão preventiva de reputação. Segundo ela, ao integrar a comunicação aos processos estratégicos, as cooperativas protegem sua imagem e fortalecem o pertencimento dos cooperados.

Patrícia Marins abriu as discussões ressaltando o papel da comunicação na tomada de decisões e na gestão de reputação.



SomosCoop, o elo entre essência e mercado

Dr. Gualter Ramalho,
Samara Araujo e Julio
Cesar Pollaria no
painel "SomosCoop
– o movimento que
conecta e transforma".

Em seguida, o painel dedicado ao movimento SomosCoop reuniu Gualter Ramalho, diretor de Mercado e Marketing da Unimed do Brasil, e Julio Cesar Pollaria, gestor de marca e comunicação da Aurora Coop. Mediado por Samara Araujo, gerente de Comunicação e Marketing do Sistema OCB, o debate discutiu como grandes sistemas traduzem os princípios cooperativistas em valor de marca e competitividade comercial.

Ramalho abordou a governança e a cultura sistêmica da Unimed, com destaque para o Jeito de Cuidar Unimed, modelo de gestão que coloca o cliente no centro. "A vida é o maior desafio humano. A vida boa deve ser acessível a todos e ela passa essencialmente pela saúde", afirmou o médico, ao defender o alinhamento da governança aos princípios socioambientais e ao senso comunitário.

Já Pollaria explicou a estratégia da Aurora Coop de separar a marca institucional da comercial e integrar o carimbo SomosCoop nas embalagens. O executivo defendeu a profissionalização da área de comunicação como peça-chave no desempenho financeiro. "É preciso olhar a comunicação como um asset de negócio", pontuou. Para ele, a essência cooperativa se tornou fator decisivo de diferenciação em mercados altamente concorridos. Um exemplo dessa abordagem foi o redirecionamento do posicionamento da marca, que migrou de uma comunicação institucional para uma perspectiva comunitária, capaz de representar os cooperados e suas famílias, sintetizada no mote "A gente faz com gosto tudo que você gosta".

"A verdade é que a fidelização se concretiza na relação, não na transação."
@athaisjeronimo



Thais Jerônimo durante a palestra "Fidelização de cooperados e centralidade".

A armadilha da centralidade e como evitá-la

Se o fortalecimento da marca projeta a cooperativa para o mercado, a permanência do cooperado depende da qualidade do vínculo construído no cotidiano. Na conversa sobre fidelização, a palestrante Thais Jerônimo provocou o público a rever o conceito de colocar o cooperado no centro. Ela alertou os comunicadores sobre a armadilha da centralidade, situação em que a organização concede benefícios de forma unilateral, sem exigir contrapartida ou engajamento. "Se eu quero fidelidade de cooperado, eu quero conseguir pessoas que queiram estar com a cooperativa, que queiram permanecer por confiança", explicou.

A palestrante propôs a aplicação da Teoria da Autodeterminação para reorganizar essa dinâmica, de modo que a cooperativa exerça papel central na vida do cooperado ao oferecer autonomia, formação e espaços reais de escuta. Thais ainda ressaltou que laços estritamente financeiros são frágeis. "Todas as vezes que a relação for baseada em entregas puramente comerciais, a gente consegue substituir a qualquer momento", alertou.

Experiência e contato pessoal como motores da retenção

Essa mudança de postura no relacionamento se reflete diretamente na percepção de valor e na fidelização do cooperado. Complementando a discussão sobre retenção, Gisele Paula, fundadora do Instituto Cliente Feliz e cofundadora do Reclame Aqui, apresentou dados sobre o impacto financeiro da satisfação dos clientes e dos cooperados.

Gisele destacou que 89% dos clientes e cooperados consideram a experiência anterior antes de uma nova compra, o que indica que a retenção traz retornos mais expressivos do que a



Gisele Paula abordou a importância da experiência dos consumidores.

busca contínua por novos cadastros. A especialista explicou ainda que o cooperado demonstra sinais graduais de afastamento antes de encerrar o vínculo, como a redução das movimentações e a ausência nas atividades. Para evitar essa evasão, a orientação é investir em um atendimento resolutivo, humanizado e com baixo nível de esforço para quem procura a cooperativa.

A palestrante encerrou refletindo sobre a importância do contato pessoal. “O marketing vai atrair, mas o que vai fidelizar mesmo o nosso cooperado vai ser a experiência que ele tem dentro de casa. O futuro é digital, mas nunca foi tão humano”, completou.

Transformação social e eficiência na prática

As metodologias de experiência e escuta ganham forma concreta quando aplicadas à realidade de cooperativas de diferentes portes e regiões. No painel mediado por Jessyca Bolzan, coordenadora social da Gerência de Desenvolvimento de Cooperativas do Sistema OCB, as cooperativas Arteza e Cocamar mostraram como a gestão focada em pessoas gera desenvolvimento local e eficiência operacional.

Ângelo Mácio, presidente da Arteza, relatou a trajetória da cooperativa de curtidores e artesãos criada em 1998 para combater o êxodo rural no Cariri paraibano. Atualmente, a entidade reúne 80 cooperados, gera 500 empregos diretos e indiretos e processa 25 mil peles por mês. Para garantir o pertencimento das próximas gerações, a Arteza apoia o programa Cooperjovem nas escolas do município. “A gente sempre diz no individualismo: você sozinho pode ir muito longe. Mas você unido se torna mais forte e vai mais longe ainda”, declarou.

João Sadao e Ângelo Mácio apresentaram os casos práticos da Cocamar e da Arteza na gestão de experiência e pertencimento.





Marcelo Minutti durante o bate-papo “Como criar um plano de comunicação para os cooperados”.

“Comunicação estratégica não é sobre falar mais. É sobre construir significados, conquistar confiança e mobilizar comportamentos que gerem participação e negócios.” – MARCELO MINUTTI

Representando a Cocamar, o gerente de Cooperativismo e Experiência do Cliente, João Sadao, apresentou o modelo usado para monitorar a jornada de mais de 20 mil cooperados. A cooperativa aplica pesquisas periódicas de NPS e estrutura reuniões de governança para transformar diagnósticos em planos de ação. “Quanto melhor for a experiência do cooperado, maior será a satisfação do produtor. Quanto maior a satisfação, a tendência é que ele faça mais negócios, o que, para nós, no nosso contexto, é a fidelização”, explicou. O gestor também reforçou a necessidade de cuidar da base atual. “Tão importante quanto trazer novos cooperados para dentro da nossa cooperativa é tapar os buracos, é garantir que eles não vão embora”, apontou.

Comunicação estratégica e gestão de significados

Encerrando as apresentações da sala temática, o professor Marcelo Minutti falou sobre como criar um plano de comunicação voltado aos cooperados. Ele definiu a comunicação estratégica como o alinhamento consciente dos significados que geram confiança e mobilizam o público.

Em um contexto de atenção escassa, Minutti explicou que a reputação de uma organização se consolida na junção de três dimensões, que são a experiência prática vivida pelo cooperado, a conduta do discurso institucional e a narrativa propagada pela sociedade. O alinhamento desses pilares garante a legitimidade da marca e transforma o cooperado em promotor ativo do negócio.

Uma comunicação que aproxima

As diferentes discussões mostraram que fortalecer a comunicação envolve mais do que ampliar canais ou aumentar a frequência das mensagens. Da gestão de reputação à experiência cotidiana, as apresentações convergiram para a ideia de que a comunicação cooperativista se sustenta na confiança, no vínculo e na coerência entre o que a cooperativa diz e o que ela pratica.

Assim, a comunicação deixa de ser uma função de apoio para se tornar parte da própria forma como a cooperativa constrói relações, preserva sua identidade e transforma o propósito cooperativo em diferencial competitivo. 



Legado e sucessão:
cultivando a
continuidade das
cooperativas

Cultura, memória e preparo de novas lideranças sustentam a continuidade das cooperativas

A programação da Semana de Competitividade 2026 dedicou uma sala temática inteira a uma pergunta fundamental para o futuro do cooperativismo: o que garante que uma cooperativa continue de pé quando seus fundadores já não estiverem lá. Na trilha Legado e Sucessão, lideranças e especialistas mostraram que a resposta não está apenas na escolha de quem assume um cargo, mas na construção deliberada de cultura, memória e novas lideranças ao longo de décadas.

Cultura: código-fonte da sucessão

A escritora e palestrante Dafna Blaschkauer abriu a trilha tratando da relação entre cultura, liderança, desempenho e continuidade das organizações. Com 25 anos de carreira em empresas como Nike, Apple e Microsoft, ela defendeu que estratégias podem ser copiadas de uma empresa para outra, mas a cultura, não: ela nasce das escolhas e dos comportamentos que se repetem no dia a dia.

Para Dafna, a cultura funciona como um “código-fonte invisível”, presente na forma como as organizações lidam com erros, crises, decisões e relações internas. Por isso, a sucessão não deveria ser tratada como um simples preenchimento de cargo, mas como um processo de preparação para manter viva a identidade da cooperativa.

Ela citou como exemplo a transição de Steve Jobs para Tim Cook na Apple, preparada com anos de antecedência, em contraste com a saída de Mark Parker da presidência da Nike, quando um sucessor vindo de fora, sem vínculo com a cultura da marca, tomou decisões desalinhadas com a identidade que sustentava o negócio. “Liderar é sobre transformar potencial em potência”, resumiu.

Legado que sustenta o futuro

A preservação da história cooperativista foi o tema do painel que reuniu Heloisa Lopes, presidente da Casa Cooperativa, e Alberto Oppata, presidente da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (Camta).

Heloisa apresentou o trabalho da Casa Cooperativa na preservação do Sítio Histórico do Cooperativismo de Linha Imperial, em Nova Petrópolis-RS, onde nasceu, em 1902, o cooperativismo de crédito no Brasil e na América Latina, por iniciativa do padre suíço Theodor Amstad. O espaço, que completa 15 anos, é o único local brasileiro entre os 31 reconhecidos como Patrimônio Cultural Mundial Cooperativo pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI).

Larissa Zambiasi
apontou caminhos de
como planejar sucessão
nas cooperativas.

“Legado não é o que deixamos parado no passado. É o que continua em movimento nas mãos de quem vem depois.” – HELOISA HELENA LOPES



Heloisa Helena Lopes, Jessyca Bolzan e Alberto Oppata em painel sobre preservação de legado.

A iniciativa transforma esse legado em experiências educativas para cooperativas, estudantes e visitantes, e inspira o Legado Coop, evento previsto para maio de 2027, com expectativa de reunir mais de 1,5 mil participantes. “Legado não é o que deixamos parado no passado. É o que continua em movimento nas mãos de quem vem depois”, defendeu.

A trajetória da Camta, apresentada por Oppata, mostrou como passado e futuro podem se conectar na prática. Fundada por cerca de 500 imigrantes japoneses que chegaram à Amazônia em 1929, a cooperativa passou por ciclos de fracasso até encontrar na pimenta-do-reino, e depois na crise provocada pela fusariose da pimenta, o impulso para desenvolver o Sistema Agroflorestal de Tomé-Açu (Safta).

Hoje, com grande participação de brasileiros sem laços com a cultura japonesa no quadro social, a transmissão de cultura e história virou um desafio central, ao ponto de a cooperativa registrar sua trajetória em livro após dez anos de pesquisa e entrevistas. “Assim como a agrofloresta não depende de uma única espécie, a cooperativa não pode depender de uma única geração”, afirmou.

Preparar quem vem depois

A formação de novas lideranças foi o foco da apresentação “Como planejar a sucessão nas cooperativas?”, conduzida por Larissa

Zambiasi, da CooperConcórdia. Produtora de leite, sucessora familiar e cooperativista, Larissa partiu da própria experiência – hoje é a única jovem e uma das poucas mulheres no conselho da cooperativa de crédito em que também é cooperada – para discutir um desafio presente em muitas organizações: garantir a renovação do quadro social e dos espaços de liderança.

Um dos dados apresentados reforçou a importância do tema: apenas 13% dos cooperados possuem menos de 30 anos, segundo o AnuárioCoop 2025. Para Larissa, a sucessão precisa fazer parte da estratégia de desenvolvimento da cooperativa, em vez de ser tratada como um momento isolado e defendeu até a troca do termo “sucessão” por “continuidade”, mais bem aceito por lideranças que associam a primeira palavra à ideia de serem afastadas do cargo.

Nesse processo, ela contrapôs dois caminhos: cooperativas que acompanham o envelhecimento do quadro social e esperam que os jovens estejam “prontos”, e organizações que criam oportunidades de desenvolvimento, pertencimento e participação, formando lideranças ao longo do tempo. “A ideia é que a cooperativa acompanhe o cooperado em diferentes fases da vida e ofereça espaços reais de participação”, completou, citando ainda o Geração C, iniciativa do Sistema OCB que desde 2019 estimula a criação de comitês de jovens nas cooperativas.

Sucessão na prática

A discussão ganhou dimensão prática com Bruno Rangel, diretor-presidente da Coplana, e Tiago Schmidt, presidente do Conselho de Administração da Sicredi Pioneira. Bruno contou que a Coplana passou a investir em governança e formou, em 2002, o Núcleo Jovem, para identificar e preparar filhos e netos de produtores interessados no cooperativismo. Rangel participou desse processo desde 2012, quando ainda cursava Engenharia Agrônoma, até

Tiago Schmidt, Rodolfo Jordão e Bruno Rangel discutiram a preparação para sucessão.



chegar à presidência em 2020. Para ele, a sucessão exige preparação contínua e oportunidades para que os jovens conheçam a organização, seus valores e responsabilidades. “Quando damos confiança e mostramos que ele é importante para a cooperativa e para a sociedade, começamos a formar uma liderança baseada em princípios”, afirmou.

Tiago Schmidt ampliou essa perspectiva ao defender que a sucessão deve alcançar diferentes instâncias da governança. “Não é só o presidente que precisa ser sucedido em uma cooperativa. Temos que pensar na sucessão do conselho e nas diferentes estruturas de liderança e representação”, destacou.

Na Sicredi Pioneira, cooperativa de 123 anos hoje sob seu sétimo presidente, parte desse trabalho ocorre por meio dos coordenadores de núcleo, cooperados que aproximam a base da gestão. Desde 2018, a escolha desses coordenadores passou a considerar também características comportamentais e envolvimento com a comunidade, ampliando a presença de jovens, mulheres e diferentes segmentos econômicos. “Sucessão não pode ser uma pauta obscura. Na sucessão, a gente precisa dar transparência”, defendeu Schmidt.

Encontrando propósito para sucessão

A discussão avançou para a dimensão familiar e produtiva com Gabriela Olinda de Paiva, produtora rural da Coopexvale, a Cooperativa de Produtores e Exportadores do Vale do São Francisco, que reúne 20 negócios familiares ligados à produção de uvas na região.



Gabriela Olinda evidenciou a importância do propósito no processo de sucessão.



Não esperar a necessidade aparecer para buscar um sucessor, mas formar hoje as pessoas que poderão dar continuidade ao cooperativismo amanhã.” – GABRIELA OLINDA

Na palestra “Sucessão com propósito: cultivando lideranças para as próximas gerações”, ela apresentou um estudo sobre sucessão familiar em empresas produtoras de uva de Petrolina (PE), que apontou diferenças de opinião entre gerações e dificuldades na tomada de decisão entre os principais obstáculos do processo. “Não esperar a necessidade aparecer para buscar um sucessor, mas formar hoje as pessoas que poderão dar continuidade ao cooperativismo amanhã”, resumiu.

Com esse propósito, a Coopexvale estruturou sua “sucessão com propósito” em quatro frentes: preservar a cultura da cooperativa, garantir a renovação das lideranças, mitigar conflitos sucessórios e fomentar o engajamento entre gerações, ações que já envolveram mais de 70 cooperados e familiares e levaram cinco jovens aos conselhos da cooperativa.

Sustentabilidade em busca da perpetuação

A sucessão ganhou uma perspectiva ainda mais ampla na palestra de Marcus Nakagawa, professor e especialista em sustentabilidade. Ele relacionou a continuidade das cooperativas à capacidade de incorporar governança e visão de longo prazo à gestão. Para Marcus, pensar em sustentabilidade significa também discutir perenidade, preparar quem conduzirá a organização no futuro e definir o legado que será transmitido às próximas gerações.

Nesse processo, aspectos ambientais, sociais e de governança precisam estar integrados às decisões e aos processos da cooperativa. Marcus associou essa visão aos próprios princípios cooperativistas, como gestão democrática, participação econômica, educação, formação e interesse pela comunidade. “O ESG não é um departamento e também não pode ser tratado como uma moda. Ele é transversal, faz parte da gestão e da gestão de riscos”, salientou.

Essa abordagem permite conectar os resultados do presente à capacidade de enfrentar transformações, reduzir riscos e assegurar a continuidade da organização. “Não basta pensar apenas nos resultados de hoje. É preciso ter governança, controles e políticas, mas também promover conversas maduras sobre quem vai conduzir a organização no futuro e qual legado queremos deixar”, concluiu – encerrando a trilha com a mesma ideia que a percorreu do início ao fim: a perenidade do cooperativismo é um trabalho permanente entre gerações.

Experiências colaborativas transformaram os conteúdos das trilhas em atividades práticas sobre juventude, educação, comunicação e preservação da memória

Labs incentivam participantes a fortalecer a cultura cooperativista

Transformar conhecimento em ação foi a proposta dos Labs da Semana de Competitividade 2026. Realizados no segundo dia do evento, os quatro espaços de atividades práticas e colaborativas convidaram os participantes a olhar para desafios presentes no cotidiano das cooperativas e a construir caminhos aplicáveis em suas organizações.

Os laboratórios integraram as trilhas de Governança Cooperativa; Educação Cooperativista; Comunicação e Experiência; e Legado e Sucessão. Com metodologias participativas, as atividades colocaram os participantes no centro da busca por soluções para fortalecer e disseminar a cultura cooperativista, abordando temas como engajamento da juventude, aprendizagem, relacionamento com cooperados e preservação da história e do legado do movimento.

Mais do que acompanhar conteúdos, os participantes foram convidados a experimentar novas formas de pensar e de solucionar problemas. As propostas partiram de situações que fazem parte da realidade das cooperativas e buscaram converter as reflexões em ferramentas e caminhos aplicáveis ao dia a dia das organizações.

Engajamento de jovens

Na trilha Governança Cooperativa, Tai Barroso e Matheus Cardoso, da Awelle, conduziram o Lab “Como construir um plano de ação para engajamento de jovens”. A atividade partiu de um desafio que mobiliza o cooperativismo: atrair as novas gerações e, sobretudo, criar condições para que elas permaneçam ativamente envolvidas com as cooperativas.

Para avançar na discussão, os participantes conheceram dados sobre o perfil da juventude brasileira e refletiram sobre as mudanças nas expectativas profissionais e pessoais que interferem na forma como os jovens se relacionam com as organizações. Estabilidade financeira, qualidade de vida, oportunidades de participação e novas perspectivas de desenvolvimento estão entre os elementos que precisam ser considerados na construção de estratégias para esse público.

“Engajar e manter os jovens ativos é um dos principais desafios. Para construir uma estratégia que realmente funcione, além

O Lab de Governança Cooperativa discutiu como aproximar a juventude do cooperativismo.





de criar comitês, núcleos ou programas específicos, precisamos entender quem é esse jovem, o que ele busca e quais oportunidades de participação estamos oferecendo dentro da cooperativa”, explicaram os especialistas.

A atividade mostrou que pensar no engajamento da juventude exige olhar para além da atração de novos participantes. É preciso considerar as condições oferecidas para que eles encontrem espaço, oportunidades e formas efetivas de participação dentro das cooperativas.

O Lab de Educação Cooperativista abordou o design de experiências de aprendizagem.

Novas experiências de aprendizagem

Na trilha Educação Cooperativista, Kasuo Yassaka e Willians Pressi, da Yassaka, conduziram o Lab “Design de experiência de aprendizagem”. A proposta foi provocar os participantes a repensarem não apenas o conteúdo ensinado, mas também a maneira como o conhecimento é construído.

A atividade começou com uma reflexão sobre experiências educacionais que marcaram a trajetória dos próprios participantes. A partir dessas lembranças, o grupo avançou para uma discussão sobre as diferenças entre o modelo tradicional de ensino e a abordagem andragógica, voltada à aprendizagem de adultos.



O laboratório trouxe muitas experiências sobre uma forma diferente de trabalhar a educação dentro da cooperativa, principalmente com o modelo andragógico.” – VANESSA REGINA ROCHA

“Quando falamos em experiência de aprendizagem, o mais importante é como as pessoas vão participar desse processo. O conhecimento ganha força quando parte da experiência, promove troca e permite que o participante coloque aquilo em prática”, destacaram os monitores.

A proposta foi colocada em prática durante o próprio Lab. Os participantes realizaram atividades para despertar a curiosidade, ouvir o grupo, conectar os conteúdos à realidade, promover interação, experimentar soluções e revisar os aprendizados. Assim, a metodologia discutida foi também vivenciada ao longo da atividade.

Vanessa Regina Rocha, assessora de Pessoas e Cultura no Sicredi Integração Bahia, afirmou que o Lab apresentou novas possibilidades para a educação dentro das cooperativas. “Colocamos a mão na massa realmente. O laboratório trouxe muitas experiências sobre uma forma diferente de trabalhar a educação dentro da cooperativa, principalmente com o modelo andragógico. Consegui ter um novo olhar para trabalhar”, declarou.

Estratégia para chegar aos cooperados

Na trilha Comunicação e Experiência, Bruno Peres, da Arca.buzz, conduziu o Lab “Como criar um plano de comunicação eficiente com os cooperados”. Os participantes foram convidados a analisar a realidade de suas próprias cooperativas e a estruturar um planejamento com público-alvo, posicionamento, objetivos, canais e conteúdos.

O exercício buscou aproximar o planejamento da realidade de cada organização e mostrar como diferentes decisões precisam estar conectadas para que a comunicação seja eficiente.

“Uma comunicação eficiente começa quando a cooperativa entende com quem quer falar, o que deseja comunicar e qual resultado pretende alcançar. Quando público, posicionamento, mensagem e canais estão alinhados, a comunicação ganha propósito, fortalece a identidade da cooperativa e cria uma relação mais próxima com os cooperados”, destacou Peres.

A proposta reforçou a comunicação como instrumento estratégico para ampliar a conexão com os cooperados. Ao entender

“Uma comunicação eficiente começa quando a cooperativa entende com quem quer falar, o que deseja comunicar e qual resultado pretende alcançar.” – BRUNO PERES



melhor seus públicos e alinhar todas as áreas, as cooperativas conseguem traduzir seus princípios e valores em uma comunicação capaz de gerar identificação e fortalecer o relacionamento.

No Lab de Comunicação e Experiência, os participantes aprenderam a estruturar um planejamento de comunicação.

Memória como patrimônio

Na trilha Legado e Sucessão, o Lab “Como fazer um projeto de memória institucional” convidou os participantes a olhar para a história das próprias cooperativas. Conduzida por Carolina Kuk, Maria Rosa Crespo e Thaís Pelligrinelli, da Raiz Projetos, a atividade utilizou a dinâmica “Construindo a memória coop” para apresentar caminhos para a criação de projetos de memória institucional.

Durante o exercício, os participantes responderam a 12 perguntas orientadoras para identificar os primeiros passos necessários à construção de um projeto para suas cooperativas. A proposta mostrou que preservar a história exige mais do que reunir documentos: é necessário identificar, organizar e dar significado aos registros que ajudam a contar a trajetória das organizações.

Documentos, fotografias, objetos, registros institucionais e relatos de pessoas foram apresentados como elementos capazes de preservar experiências importantes para as próximas gerações. Esses materiais ajudam a recuperar histórias de fundadores,

cooperados, dirigentes e colaboradores e podem se transformar em referências para compreender a identidade construída ao longo do tempo.

“Construir um projeto de memória exige mais do que guardar documentos ou fotografias. É identificar as histórias que ajudam a explicar quem somos, organizar esse patrimônio e criar condições para que ele continue acessível e faça sentido para as próximas gerações”, explicaram as especialistas.

Do conhecimento à prática

Os quatro Labs partiram de desafios diferentes, mas tiveram em comum a proposta de colocar os participantes no centro do processo de construção. Juventude, educação, comunicação e memória foram trabalhadas a partir de atividades que aproximaram os conteúdos da realidade das cooperativas.

A experiência também mostrou que fortalecer a cultura cooperativista depende de diferentes frentes: criar espaços para a participação das novas gerações, repensar as formas de aprendizagem, estabelecer relações mais próximas com os cooperados e preservar as histórias que ajudam a construir a identidade das organizações.

Ao transformar reflexão em experimentação, os Labs complementaram a programação das trilhas temáticas e deram aos participantes a oportunidade de levar os aprendizados para além das salas do evento.

O Lab de Legado e Sucessão foi dedicado a resgatar histórias das cooperativas e a pensar como renová-las para os próximos passos.



SEMANA
COM
TIVIDA



Comitê editorial reunido no lançamento do livro "Raízes e Fundamentos do Cooperativismo – volume 1. Legado".

As raízes do coop reunidas em livro



Livro une teoria e
prática com textos
de especialistas e
estudos de caso



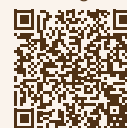
Compreender de onde veio para saber para onde vai. É essa a proposta de “Raízes e Fundamentos do Cooperativismo – volume 1. Legado” livro lançado pelo Sistema OCB no primeiro dia da Semana de Competitividade 2026. Primeiro título da Trilogia Cultura Cooperativista, a obra reconstrói a trajetória do movimento desde suas origens mais antigas até a configuração atual e reúne, em uma única publicação, mais de 360 anos de experiências de cooperação.

O lançamento ocorreu durante a palestra “As raízes do coop e a memória institucional”, conduzida por Carolina Kuk, fundadora da Raiz Projetos e Pesquisas de História, com a participação de Débora Ingrisano, gerente de Desenvolvimento de Cooperativas do Sistema OCB, e Eduardo Queiroz, gerente de Relações Institucionais da entidade. Na apresentação, Débora resumiu o espírito do projeto. “O livro nasce de uma grande responsabilidade: transmitir a cultura cooperativista para as milhões de pessoas que fazem parte desse movimento. Ao revisitar nossa trajetória, buscamos compreender os valores e princípios que nos trouxeram até aqui e mantê-los vivos para as próximas gerações”, afirmou.

Cinco capítulos, uma trajetória

Organizada em cinco capítulos, a publicação percorre diferentes momentos da evolução do cooperativismo. O primeiro resgata as experiências de cooperação ao longo da história, passando pelas raízes filosóficas do movimento, pelas primeiras iniciativas cooperativas e pela experiência de Rochdale, na Inglaterra,

Acesse o QR Code
e confira o livro
na íntegra



“Ao revisitar
nossa trajetória,
buscamos
compreender os valores e
princípios que nos trouxeram
até aqui e mantê-los vivos
para as próximas gerações.”
– DÉBORA INGRISANO

Todos os participantes
receberam um
exemplar da obra.



reconhecida como marco do cooperativismo moderno. O capítulo acompanha ainda a expansão do modelo pelo mundo até sua chegada ao Brasil.

Na sequência, a obra se debruça sobre o desenvolvimento do cooperativismo brasileiro. Ganham destaque a organização institucional do movimento, a atuação das lideranças que contribuíram para consolidá-lo e a evolução da legislação voltada ao setor. É também nesse trecho que o livro apresenta o papel do Sistema OCB na representação e no fortalecimento das cooperativas em todo o país.

O terceiro eixo da obra é a própria cultura cooperativista, definida como o jeito de pensar, se relacionar e agir no cooperativismo, orientado pelos nossos valores e princípios. Aqui, o livro defende que ela vai além do domínio dos sete princípios ou da adoção de boas práticas de gestão. Trata-se de um conjunto de valores, símbolos, formas de relacionamento e comportamentos que orientam o cotidiano das cooperativas e sustentam sua identidade.

A preservação da memória aparece como outro tema central. A publicação mostra que cuidar da memória é um ato estratégico, capaz de fortalecer a reputação e a identidade das organizações, e por isso incentiva iniciativas que mantenham viva a trajetória de cada cooperativa.

O capítulo final reúne as principais correntes de pensamento que influenciaram a formação do cooperativismo e relaciona esses fundamentos aos desafios enfrentados hoje pelo setor, reforçando a ideia de que conhecer as origens é condição para seguir inovando sem perder a essência.

Escrito a muitas mãos

Além do resgate histórico, o lançamento evidenciou o processo coletivo por trás da obra. Ao entregar os primeiros exemplares ao público, Débora Ingrisano chamou ao palco todos os integrantes do comitê editorial – formado por membros das OCEs e das Confederações – que apoiaram a produção do livro. O gesto traduziu, na prática, o mesmo sentido que a publicação busca retratar: o de que a cultura cooperativista é uma construção feita por muitas pessoas, em diferentes contextos e ao longo de gerações.

Para o presidente do Conselho de Administração do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, a obra amplia o acesso a um conteúdo fundamental para dirigentes, lideranças, cooperados, pesquisadores e todos os que desejam aprofundar seu entendimento sobre o modelo. Segundo ele, ao reunir conhecimento histórico, reflexão conceitual e referências sobre cultura em um só volume, o livro representa mais um passo na valorização da memória institucional do cooperativismo brasileiro.

Com a trilogia, que terá ainda volumes dedicados à educação cooperativista e à sucessão, o Sistema OCB aposta na ideia que atravessa toda a obra. Preservar a própria história é uma forma de fortalecer o presente e, sobretudo, de preparar o que o movimento ainda vai construir. 

Tania Zanella, presidente executiva do Sistema OCB, durante o encerramento da Semana de Competitividade 2026.

Rede conecta profissionais das cooperativas ao Sistema Cooperativista Nacional para transformar os aprendizados em ações dentro das cooperativas

Comunidade CulturaCoop: estratégia que continua depois do evento

O encerramento da Semana de Competitividade 2026 trouxe uma novidade pensada para durar além dos três dias de programação. Ao fim do evento, o Sistema OCB lançou a Comunidade CulturaCoop, rede que vai conectar profissionais das cooperativas de todo o Brasil, com a missão de manter viva, no cotidiano das cooperativas, a discussão sobre cultura cooperativista iniciada em Brasília.

A proposta é criar um espaço permanente de troca, que reúna materiais, comunicados, experiências e boas práticas e aproxime quem terá a tarefa de levar os lançamentos do portfólio sistêmico para suas organizações. A iniciativa segue uma lógica semelhante à da comunidade criada anteriormente para os profissionais de comunicação do Sistema OCB, e nasce com o objetivo de transformar um evento pontual em um processo contínuo.



De dentro para fora

O lançamento da rede está diretamente ligado ao desafio que a presidente executiva do Sistema OCB, Tania Zanella, apresentou no encerramento, o de fortalecer o orgulho de ser cooperativista dentro das próprias organizações para, a partir daí, ampliar a percepção da sociedade sobre o modelo. Para ela, o crescimento do movimento precisa vir acompanhado de uma conexão cada vez maior entre cooperados, cooperativas e os princípios que diferenciam o cooperativismo.

O tamanho desse desafio aparece no ritmo de crescimento das cooperativas brasileiras, que hoje somam 29 milhões de cooperados. Diante desse cenário, Tania destacou a necessidade de fazer com que cada vez mais pessoas compreendam não só os serviços prestados pelas cooperativas, mas o próprio modelo do qual fazem parte.

É nesse ponto que a Comunidade CulturaCoop se apresenta como ferramenta prática, capaz de aproximar pessoas, compartilhar referências e apoiar a aplicação dos conceitos discutidos ao longo da Semana. Em vez de encerrar a conversa com o fim do evento, a rede pretende dar a ela um endereço permanente.

Um movimento que começa agora

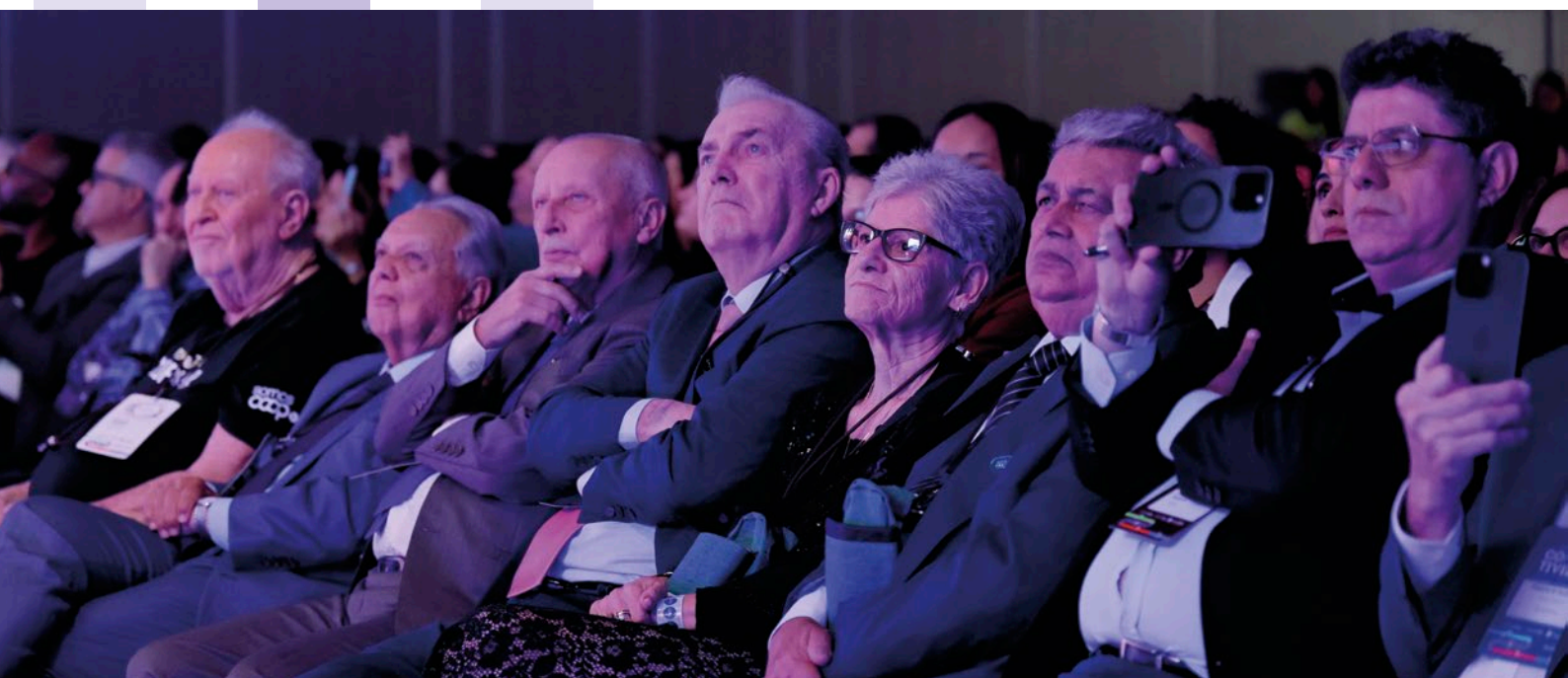
Durante o anúncio, Tania reforçou que os participantes terão papel central na continuidade da agenda de cultura cooperativista. Os agentes de cultura das Organizações Estaduais do Sistema OCB foram chamados ao palco e receberam a missão de levar aos estados e às cooperativas os conceitos, as ferramentas e as ações trabalhados durante o evento. “Esse futuro não termina aqui. Quando vocês pegarem as malas, voltarem para suas famílias e iniciarem amanhã as atividades nas cooperativas, é que começará efetivamente o trabalho”, destacou.

A rede foi desenhada justamente para manter essa mobilização ativa depois do encerramento. Por meio da troca constante entre os participantes, a comunidade pretende apoiar quem estará à frente da construção da cultura cooperativista nas diferentes regiões e organizações, permitindo que uma boa prática aplicada em um estado inspire iniciativas em outro. “Vocês vão entrar nessa comunidade que vai conectar todos nós. A ideia é chamar todos para essa grande revolução da cultura cooperativista nas nossas cooperativas”, afirmou Tania.

Mais do que um canal de comunicação, a Comunidade CulturaCoop tem como objetivo fazer com que os conteúdos debatidos, as experiências compartilhadas e os conceitos apresentados na Semana encontrem espaço no dia a dia das cooperativas. Como resumiu a presidente executiva, o sucesso desse movimento passa pelos padrinhos, madrinhas e agentes que agora terão a responsabilidade de replicar o plano de trabalho em todo o país. “O trabalho começa agora!”

“Primeiro temos que trabalhar internamente, desdobrar o orgulho de ser cooperativista, para depois conversar e abrir as mentes e os corações dos brasileiros para o movimento.” – TANIA ZANELLA

Lançamento celebra a memória do movimento como parte do fortalecimento da cultura cooperativista



Documentário
compartilha
trajetória de
**pioneiros do
cooperativismo**



Margaret Garcia, pioneira do Ramo Trabalho, Produção de bens e Serviços, é homenageada em um dos momentos mais emocionantes da cerimônia.

No primeiro dia da Semana de Competitividade, o Sistema OCB lançou o documentário “Pioneiros do Cooperativismo Brasileiro”. A iniciativa integra o Ano CulturaCoop e resgata as memórias de lideranças fundamentais para a estruturação do movimento no país, conectando o passado ao presente e projetando o futuro.

A produção transforma histórias de vida em patrimônio e legado, como parte de um conjunto mais amplo de estratégias de preservação da história, que inclui também o registro de memória oral. Com isso, o Sistema OCB demonstra que trabalhar o legado no cooperativismo não é somente um papel cultural, mas também uma estratégia de sustentabilidade e suporte à governança, capaz de estimular a continuidade institucional sem perder a identidade do movimento.

O registro mostra como a cooperação se desenvolveu em diferentes regiões e ramos de atuação e serve para inspirar dirigentes, profissionais e educadores. “Pioneiros do Cooperativismo Brasileiro registra diferentes capítulos de uma trajetória coletiva. São histórias de liderança, organização e participação que ajudam a contar como o cooperativismo ganhou espaço no Brasil e chegou à dimensão que tem hoje”, destacou o presidente do Conselho de Administração do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. Projetos de memória, dentre os quais o documentário é uma das ferramentas, servem para preservar o que dá coerência à cultura cooperativista, orientar decisões e alimentar processos educacionais capazes de garantir a continuidade do movimento. Para o Sistema OCB, investir nesse tipo de iniciativa não significa apenas revisitar o passado, mas também projetar o futuro e fortalecer a permanência de um modelo de organização baseado em desenvolvimento, participação e impacto social.

Após a exibição, os pioneiros receberam placas em reconhecimento às suas contribuições. Quatro líderes foram lembrados por sua atuação nacional e estadual: Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura; Ronaldo Scucato, de Minas Gerais; Malaquias Oliveira, de Pernambuco; e Américo Utumi, que teve participação essencial na organização paulista e na articulação que antecedeu a promulgação da Lei Nacional do Cooperativismo, em 1971.

Também foram homenageados os pioneiros de cada ramo do cooperativismo: José Aroldo Gallassini (Agropecuário), Hercílio Schmitt (Consumo), Moacir Krambeck (Crédito), Jânio Stefanello (Infraestrutura), Nilson Luiz May (Saúde), Margaret Garcia (TBPS) e Dorival Bartzike (Transporte).

Pioneiros do cooperativismo acompanham a exibição do documentário.

Confira o documentário:



Curso conecta trajetória do movimento, preservação do legado e fortalecimento da cultura nas cooperativas



CapacitaCoop: história, memória e cultura cooperativista reunidas em nova trilha

Compreender o passado para fortalecer o presente e construir o futuro: essa é a proposta da trilha História, Memória e Cultura Cooperativista, lançada na CapacitaCoop. A formação reúne três cursos de três horas cada, com nove horas de conteúdo conceitual e prático.

Voltada a cooperados, dirigentes, conselheiros, colaboradores e profissionais de cooperativas, a trilha apresenta as raízes históricas do movimento, mostra como a memória pode fortalecer o legado das organizações e discute o papel da cultura cooperativista na construção de relações, identidade, engajamento e desenvolvimento coletivo.

O primeiro curso percorre a trajetória do cooperativismo desde suas origens como prática social até sua consolidação como modelo institucional, passando pelas correntes de pensamento e experiências internacionais que impulsionaram o movimento moderno e pelo processo de institucionalização no Brasil, além dos principais símbolos do cooperativismo e seus significados.

O segundo curso coloca a memória no centro da discussão: apresenta os projetos de memória das cooperativas, os diferentes



Participante na dinâmica de trilhas de aprendizagem da CapacitaCoop

Acesse a trilha no site da CapacitaCoop



tipos de documentos que compõem esse patrimônio e seus usos estratégicos para a gestão, a cultura organizacional e o relacionamento com cooperados, além de caminhos práticos para iniciar projetos próprios.

Já o terceiro curso aborda a cultura como base simbólica e prática do cooperativismo, analisando sua relação com a memória e sua aplicação no fortalecimento do engajamento, da governança, da comunicação e da geração de valor nas cooperativas.

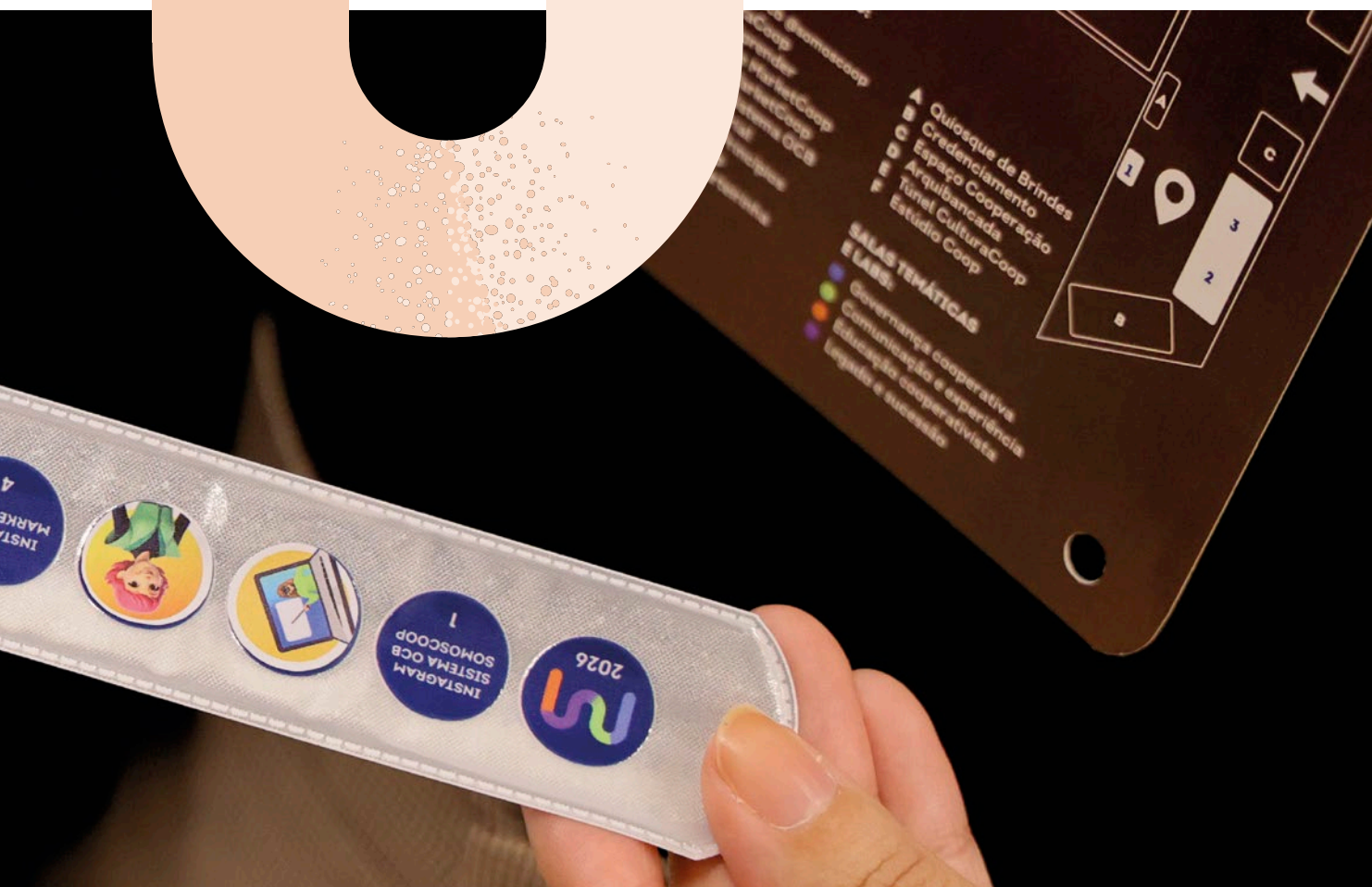
A formação é aberta a qualquer pessoa cadastrada na plataforma CapacitaCoop. Ao concluir os três cursos e ser aprovado na avaliação final, o participante responde a uma pesquisa de satisfação e recebe, de forma automática e gratuita, o certificado digital.

A novidade também ganhou uma ativação durante o evento, criada para apresentar a CapacitaCoop a quem ainda não conhecia a plataforma. Inspirada no jogo de paciência dos computadores, a dinâmica convidava o público a organizar 20 cartas, cada uma correspondente a um curso, nas quatro temáticas disponíveis. Ao concluir o desafio, os participantes eram direcionados por QR Code à trilha História, Memória e Cultura Cooperativista. 

Participantes vivenciaram experiências gamificadas para apresentar as soluções voltadas ao desenvolvimento das coops



**Vivência coop
na prática:**
ativações
gamificadas
e espaços



Pulseira que os inscritos receberam para participarem das ativações gamificadas.

Além das palestras e atividades práticas, a Semana de Competitividade 2026 proporcionou uma experiência gamificada, com ativações que garantiam selos trocados por brindes no Quiosque de Brindes SomosCoop, conforme a pontuação acumulada.

Ao realizar o credenciamento e retirar os kits, os participantes recebiam pulseiras com dez tarefas a cumprir durante o evento. Para Cleide de Fátima, gestora administrativa da Coagrill (MG), a diversidade das experiências ampliou a vivência do evento: “Durante esses três dias, tivemos a oportunidade de vivenciar o cooperativismo de diversas formas. Além de todo o conteúdo, pudemos conhecer empresas que trabalham com produtos cooperativistas, participar das atividades e fazer a carteirinha de cooperativista”, contou. Vamos conhecer as ativações?

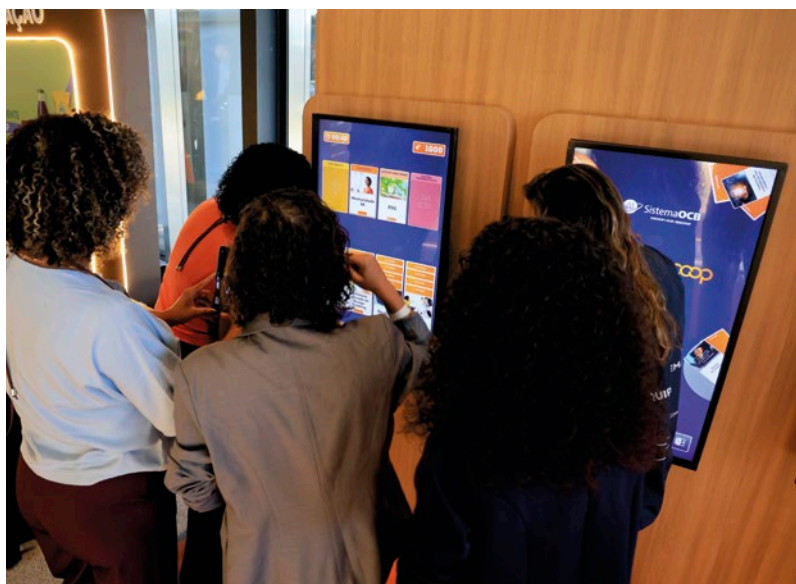
Instagram

A primeira ativação era seguir o perfil do Instagram do Sistema OCB (@sistemaocb) e do SomosCoop (@somoscoop), em um totem digital entre o estande de retirada dos kits e a loja de brindes.

QR Codes de cada perfil facilitavam o acesso, incentivando os participantes a acompanhar as notícias do cooperativismo e da Semana de Competitividade em primeira mão.

CapacitaCoop

A CapacitaCoop, plataforma de ensino à distância do Sistema OCB, reúne cursos para cooperados e colaboradores que desejam se aperfeiçoar no cooperativismo.



Cooperadas participando da ativação da CapacitaCoop.

Inspirada no jogo de paciência do computador, a dinâmica desafiou os participantes a organizar 20 cartas de cursos em quatro áreas temáticas da plataforma, em até um minuto.

O jogo, porém, era só a porta de entrada: para o selo, bastava escanear o QR Code ao final da partida e se matricular na trilha História, Memória e Cultura Cooperativista.

A dinâmica também apresentou a plataforma a participantes que ainda não a utilizavam, já que a inscrição na trilha exigia cadastro prévio no sistema da CapacitaCoop. Para Wesley Faustino Martins Lopes, presidente da Corema, do Pará, a ativação dialogou com um dos desafios centrais do movimento: preparar novas gerações para o protagonismo do cooperativismo. “É até difícil escolher entre todos os espaços, mas a CapacitaCoop chamou muito a minha atenção. Precisamos estar preparados e capacitados para fortalecer o cooperativismo com essa nova geração que está chegando”, afirmou.

Jogar+Aprender: Onde está Eliza?

A plataforma gratuita Jogar+Aprender, do Sistema OCB, reúne jogos e recursos pedagógicos para apoiar o ensino do cooperativismo entre crianças e jovens, de forma lúdica, interativa e multissensorial.

Para o selo, bastava concluir uma de três experiências disponíveis:

- **Onde está Eliza?:** buscar elementos cooperativistas em cenários virtuais em um totem.
- **Jogo da memória:** combinar cartas com os recursos da solução.
- **Mapa-múndi:** localizar objeto sorteado ligado à história do cooperativismo.

MarketCoop

O estande do MarketCoop apresentou a plataforma oficial de marketplace do cooperativismo, que ajuda as cooperativas a avaliar sua maturidade digital e a cadastrar e divulgar seus produtos. No local, os participantes também puderam viver uma experiência de compra simulada por celular ou totem.

Para pontuar, o participante tinha duas chances de selo: seguir o perfil @marketcoopbr no Instagram e concluir a simulação de compra, adquirindo simbolicamente o próprio selo, sem valor envolvido.



Estande MarketCoop.

Parede de Soluções

O espaço apresentou os principais dados do portfólio sistêmico por meio dos eixos: AnuárioCoop, AvaliaCoop, CulturaCoop, GestãoCoop, NegóciosCoop, ESGCoop, InovaCoop e RepresentaCoop, além da CapacitaCoop e do SomosCoop, já detalhados em outras ativações.

Para o selo, bastava usar o QR Code do painel para acessar a página de informativos do Sistema OCB e assinar uma das newsletters.



Participante recebendo o selo da ativação Parede de Soluções.

Sala Sensorial

Diferente das demais, a Sala Sensorial pedia reflexão e silêncio. Concebida para tratar de inclusão, equidade e diversidade, reuniu em 15 minutos estímulos visuais e auditivos, dados de mercado e painéis interativos.



Caminhada do Privilégio.

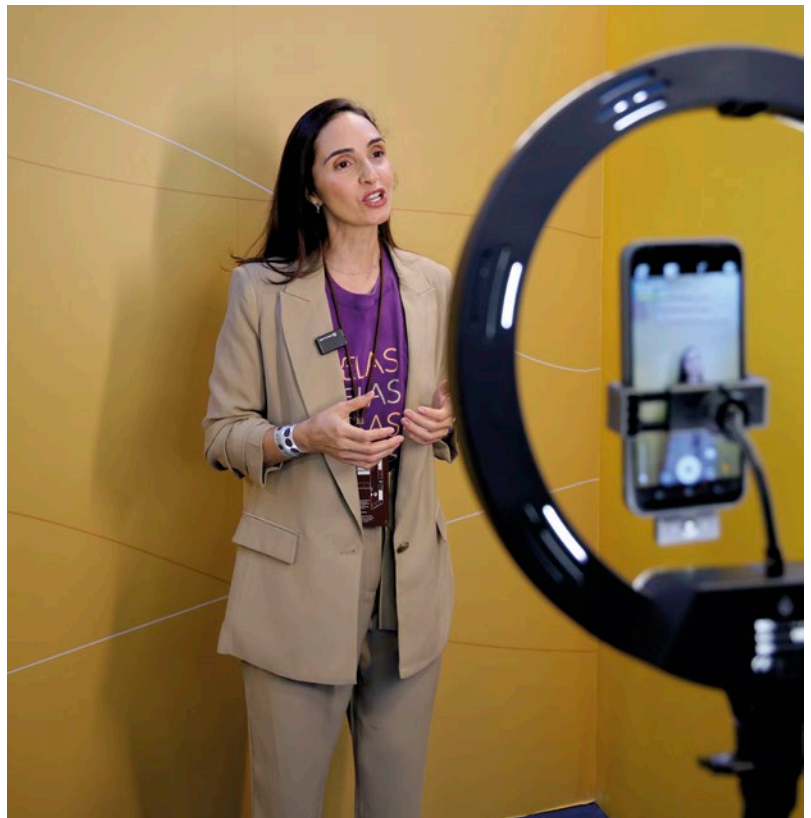
Na última etapa, a Caminhada do Privilégio, os participantes usavam fones de ouvido para assumir identidades como refugiados e pessoas com deficiência e, ao ouvir o comando, se moviam por um tabuleiro humano, visualizando a desigualdade de oportunidades.

Para Cleide de Fátima, a Sala Sensorial foi uma das experiências que mais chamaram sua atenção. “Foi uma experiência muito diferente e que vale a pena manter como surpresa para quem ainda vai vivenciá-la”, afirmou. A sala também marcou a participação de Vinícius Monte, coordenador pedagógico da Coopeduque (PA). Para ele, as reflexões podem repercutir nas cooperativas: “Trazer isso para a cooperativa faz com que outras pessoas possam saber que elas também podem estar nesses espaços”, avaliou. Ao final, os visitantes eram recebidos pela equipe e, para garantir o selo, preenchiam uma pesquisa de satisfação na saída.

Praça dos Princípios

A Praça dos Princípios convidou os congressistas a refletir sobre suas cooperativas em cabines temáticas, identificadas por cores diferentes e dedicadas aos sete princípios do cooperativismo.

Para o selo, era preciso gravar, em uma das cabines, um vídeo de 30 segundos a um minuto sobre o princípio escolhido e como a cooperativa o vivencia, e publicá-lo nos stories do Instagram, marcando o perfil do Sistema OCB.



Cabine do 5º princípio: Educação, formação e informação.

SomosCoop

Para divulgar o carimbo SomosCoop, a organização preparou um espaço de engajamento: bastava tirar uma foto com o carimbo gigante e publicá-la nas redes sociais.

O espaço também simulou uma ponta de gôndola com produtos de cooperativas que já usam o carimbo, além de exibir propagandas oficiais da campanha.



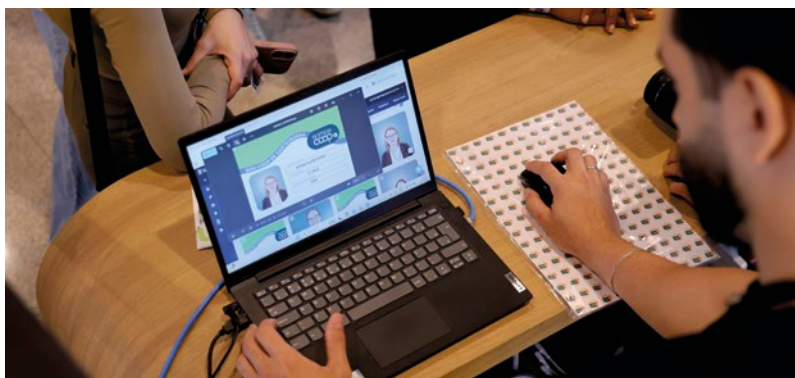
Gôndola de produtos com o selo SomosCoop.

Coop de Carteirinha

Um dos estandes mais procurados foi o Coop de Carteirinha, criado para materializar o orgulho de fazer parte do cooperativismo.

Bastava tirar uma foto na hora e preencher um formulário com nome, cooperativa e ano de ingresso. Em poucos minutos, a organização entregava a carteirinha personalizada, com o adesivo para a pulseira.

Segundo Clarissa Gomes, analista de Performance Digital do Sistema OCB, a ativação emitiu carteirinhas tanto para quem descobriu o cooperativismo em 2026 quanto para veteranos, como um participante que ingressou no movimento em 1962. Ao todo, foram emitidas 705 carteirinhas durante o evento.



Produção das carteirinhas coop.



Cooperadas com sua carteirinha.

Túnel CulturaCoop

O fortalecimento da memória, da identidade e da cultura cooperativista também foi tema do Túnel CulturaCoop, que convidou os participantes a uma imersão pela história do movimento cooperativista.

Logo na entrada, a mensagem “CulturaCoop: conectando passado e presente para cultivar o futuro” antecipava a proposta do espaço. Estruturada em quatro arcos, a caminhada relembrava momentos importantes do setor, como os Pioneiros de Rochdale e o Padre Theodor Amstad, até chegar ao presente, ponto de partida para o futuro do cooperativismo.



Túnel CulturaCoop.

Espaço Cooperação

O Espaço Cooperação funcionou como ambiente de degustação, no qual os participantes conheceram a qualidade dos produtos cooperativistas.

Puderam experimentar, por exemplo, os cafés da COCAPEC, o leite em pó da CCGL e o leite integral da Barra Mansa, além de acessar, via QR Code, os sites das cooperativas produtoras. 



Espaço Cooperação com produtos de cooperativas para degustação.

Participantes foram convidados a traduzir, em poucas palavras, o significado dos princípios do cooperativismo



Praça dos Princípios:
os pilares do coop em vídeo

Na Praça dos Princípios, a cultura cooperativista ganhou voz por meio dos próprios participantes. A iniciativa tinha como propósito fortalecer os fundamentos do cooperativismo e evidenciar a importância da atuação institucional alinhada às bases do movimento.

A proposta era simples: transformar conceitos em vozes, percepções e experiências sobre o cooperativismo. Para isso, os visitantes eram convidados a utilizar uma das cabines instaladas no local e gravar um vídeo de 30 segundos a um minuto, compartilhando, com suas próprias palavras, o que aquele princípio significava para eles.

Cada participante realizava a gravação na cabine disponível. Enquanto aguardava na fila, um totem com QR Code oferecia acesso a informações sobre os sete princípios do cooperativismo, permitindo que os participantes, caso desejassem, revisitassem os conceitos antes da gravação. “O objetivo é que a gente fortaleça os princípios cooperativistas entre os cooperativistas que estão aqui”, explicou Letícia Silva, colaboradora da área Social do Sistema OCB.

Os vídeos também fizeram parte da jornada gamificada do evento. Após a gravação, os participantes recebiam o conteúdo e eram convidados a compartilhá-lo em seus perfis do Instagram, marcando o Sistema OCB e apresentando a publicação à equipe da ativação para concluir a etapa.

Para Márcio Sant’Ana, que conduzia a ativação, foi emocionante acompanhar os depoimentos dos participantes. “Alguns chegavam confiantes e davam um belíssimo depoimento. Outros chegavam mais tímidos, mas nós deixamos o participante mais seguro; assim o medo desaparecia e outro belo depoimento vinha à tona”, contou.

O resultado foi um mosaico de relatos, reunindo participantes de todas as regiões do Brasil conectados pelo propósito de cooperar. “A gente queria criar um espaço em que os princípios do cooperativismo não fossem apenas apresentados, mas ganhassem voz”, disse Aline Anne Braga, que também conduzia a experiência.

Os registros produzidos foram reunidos em um vídeo que ganhou um momento especial na programação: a exibição na plenária. O conteúdo levou para o público um retrato coletivo das diferentes vozes que passaram pela Praça dos Princípios.

“Em meio a um evento dedicado à cultura cooperativista, a Praça dos Princípios teve um papel crucial: refletir sobre como esses princípios estão presentes em suas próprias vidas”, refletiu Marcela Carvalho, coordenadora da Praça dos Princípios.

“A cultura cooperativista se fortalece no dia a dia, por meio de quem escolhe cooperar. São sete princípios, milhares de pessoas e um só movimento. Na Praça dos Princípios, cada voz ajudou a fazer esses princípios ecoarem ainda mais longe”, concluiu Marcela.

“A cultura cooperativista se fortalece no dia a dia, por meio de quem escolhe cooperar. São sete princípios, milhares de pessoas e um só movimento.”
– MARCELA CARVALHO

CULTURACOOOP: CONECTANDO PASSADO E PRESENTE PARA CULTIVAR O FUTURO



Túnel CulturaCoop: uma viagem no tempo

O espaço apresentou a evolução histórica, os princípios e a importância da memória e da educação para a perenidade do cooperativismo

Conectar as origens do movimento cooperativista aos desafios do presente foi a proposta do Túnel Cultura-Coop. Focado na cultura cooperativista, o espaço foi composto por quatro arcos coloridos representando os valores do cooperativismo, o poder da memória compartilhada, a responsabilidade de manter a cultura viva e o futuro do coop.

O percurso teve início na conceituação das bases doutrinárias que regem o movimento. Os painéis apresentaram valores éticos, como transparência, honestidade, responsabilidade social e preocupação com o próximo, e valores fundamentais, compostos por solidariedade, igualdade, equidade, autorresponsabilidade, democracia e autoajuda.

Integrados aos sete princípios do cooperativismo, esses elementos responderam ao desafio de crescer sem perder a essência, funcionando como uma teia invisível que une histórias, pessoas e propósitos entre passado, presente e futuro.

A preservação da memória institucional ocupou a segunda etapa da exposição. O conteúdo demonstrou que o legado do cooperativismo se consolida à medida que é reconhecido e compartilhado. O trecho resgatou marcos como a fundação da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale, em 1844, na Inglaterra, e a trajetória do Padre Theodor Amstad, patrono do cooperativismo brasileiro.

Na sequência, a educação cooperativista foi apresentada como o mecanismo permanente de transmissão, renovação e atualização da cultura. O espaço destacou a contribuição teórica dos precursores do movimento, incluindo Charles Fourier, Robert Owen, Louis Blanc, Philippe Buchez, Friedrich Wilhelm Raiffeisen e Franz Hermann Schulze-Delitzsch, além de ressaltar a preservação do patrimônio cultural das cooperativas.

A caminhada encerrou-se com uma reflexão sobre a identidade e a perenidade do cooperativismo. A mensagem final foi que o amanhã do movimento depende das atitudes e escolhas praticadas diariamente na gestão e na convivência cooperativa. 

Estande apresentou o *marketplace*, ofereceu simulações de compra, distribuiu cupons de desconto e expôs produtos que já comercializam na plataforma

MarketCoop: a vitrine digital do cooperativismo

Pegar o celular, simular uma compra em poucos toques e sair com um cupom de desconto: quem passou pelo estande do MarketCoop pôde vivenciar a experiência do marketplace cooperativista. Além de ampliar a visibilidade da plataforma e estimular os acessos ao site, a ativação buscou captar novas cooperativas e mostrar a elas que é possível ingressar no mercado digital com o suporte e o acompanhamento do Sistema OCB.

No espaço, o público conheceu a plataforma oficial de marketplace do cooperativismo, desenvolvida para conectar produtos de cooperativas de diferentes ramos a consumidores de todo o Brasil, ampliando as possibilidades de comercialização nos mercados regional e nacional.

Para receber dois selos na pulseira, o participante precisava seguir o perfil do MarketCoop no Instagram e simular uma compra pelo celular ou em um dos totens disponíveis no estande. Ao concluir a experiência, recebia um cupom de desconto para realizar uma compra real no MarketCoop.

Além de conhecerem a jornada de compra por meio da simulação, os participantes também puderam conferir alguns dos



Participantes vivenciaram experiência de compra digital e conheceram produtos de cooperativas de diversas regiões do país.

produtos comercializados pelas cooperativas na plataforma. Por lá, eles encontraram chapéus e bolsas da Arteza, bordados e artesanatos da Bordana, cafés da Cocapec, Cocatrel e Cafesul e erva-mate para tererê da Cotriel, dentre outros.

Como ingressar no MarketCoop

Para ingressar no MarketCoop, a cooperativa deve, inicialmente, responder ao Diagnóstico de Negócios – Mercado Digital, que avalia seu nível de maturidade e identifica se ela está preparada para realizar vendas no ambiente digital.

Entre os aspectos analisados estão a regularidade do registro no Sistema OCB e a capacidade de realizar vendas B2C, ou seja, diretamente ao consumidor final.

Quando considerada apta, a cooperativa inicia o processo de integração à plataforma, com acompanhamento e suporte operacional do Sistema OCB. Esse apoio inclui orientações para o cadastro da cooperativa e de seus produtos, estratégias de divulgação e auxílio na gestão das vendas on-line. 

Jogar+Aprender: aprendizado lúdico e multissensorial



Participantes testaram o jogo digital "Onde está Eliza?" nos totens interativos.

Espaço apresentou jogos educativos e painel interativo com elementos do cooperativismo

O espaço Jogar+Aprender colocou a educação cooperativista em destaque durante a Semana de Competitividade. A solução reúne metodologias pedagógicas, jogos e materiais educativos para facilitar o ensino da cultura e dos valores do movimento a crianças e jovens.

No estande, os participantes vivenciaram três dinâmicas pedagógicas. A conclusão de qualquer uma das experiências garantia o selo ao participante.

No totem digital e interativo, o jogo “Onde está Eliza?” desafiou o público a localizar elementos do ecossistema cooperativo em cenários virtuais com diferentes níveis de dificuldade. No grande mapa-múndi, os participantes sorteavam fichas e localizavam referências a momentos históricos, ramos e princípios do cooperativismo.

Já nas mesas, os participantes jogaram o jogo da memória. Era preciso ligar cartas com recursos da plataforma aos cards que continham a explicação e o QR Code dos respectivos conteúdos.

O objetivo central do estande foi apresentar essas ferramentas a educadores, comunicadores e gestores para que repliquem os materiais em escolas e cooperativas educacionais de suas regiões. Para auxiliar na disseminação da solução, o Sistema OCB distribuiu no último dia do evento um kit com jogos impressos e materiais didáticos que orientam a utilização deles em estratégias educativas. 



Participantes recebendo kit com os jogos da solução Jogar+Aprender.

SomosCoop e Soluções do Sistema OCB:

identidade e ferramentas do coop brasileiro

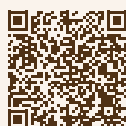


Participantes garantindo uma foto com a Parede de Soluções do Sistema OCB.

Ativações apresentaram a campanha do carimbo SomosCoop e o catálogo de serviços para o desenvolvimento do coop



Confira o Guia
do Portfólio de
Soluções do
Sistema OCB:



A Semana de Competitividade 2026 também trouxe valorização de marca e suporte para o desenvolvimento e a gestão das cooperativas. Tanto no estande do SomosCoop quanto na Parede de Soluções do Sistema OCB, os participantes encontraram iniciativas voltadas ao fortalecimento e ao desenvolvimento do cooperativismo.

Carimbo SomosCoop

No estande do SomosCoop, o objetivo era incentivar os agentes de cultura que ainda não utilizam o carimbo em suas cooperativas a conhecerem a campanha. A estrutura contou com a exibição contínua do vídeo institucional e a montagem de uma gôndola em modelo de ponto de venda de supermercado com itens que já usam o carimbo.

O estande também convidava o público a tirar uma foto com o carimbo gigante do movimento. A ativação compôs a campanha que também contou com vídeos dos influenciadores Ed Gama e Mari Krüger fantasiados de carimbo SomosCoop nas redes sociais.

Ao publicar a foto no Instagram marcando a página oficial do SomosCoop, o participante garantia o selo da ativação, além de ganhar a fotografia impressa na hora.

Parede de Soluções do Sistema OCB

O espaço dedicado à Parede de Soluções do Sistema OCB organizou em um painel os eixos de atuação da entidade e o catálogo de serviços oferecidos ao setor. O local destacou os principais indicadores de desempenho do último ano, como os dados do AnuárioCoop e os 28 mil diagnósticos executados pelo programa AvaliaCoop.

Para concluir a tarefa da gamificação e garantir o selo correspondente na pulseira, os participantes utilizaram o celular para ler o QR Code instalado em um totem digital e se inscrever na página de informativos do Sistema OCB. Já no QR Code do painel, os participantes podiam acessar o Guia do Portfólio de Soluções e baixá-lo. 



Sala Sensorial: diversidade e empatia na prática



Participantes refletindo sobre os dados apresentados.

Ativação combinou dados, painéis reflexivos e a caminhada do privilégio para debater inclusão e equidade

Representação dos perfis citados.



A Sala Sensorial trouxe uma imersão focada em diversidade, equidade e inclusão para os participantes da Semana de Competitividade 2026. Conduzida por integrantes do comitê jovem Geração C, do comitê de mulheres Elas pelo Coop e pela equipe da OCB, a experiência recebeu grupos de dez pessoas por vez em um circuito silencioso de 15 minutos.

Antes de iniciar o circuito, os responsáveis orientavam os participantes a deixar seus pertences em uma mesa, colocar o celular no silencioso e respirar profundamente. “O propósito dela é ser uma sala silenciosa”, explicou Divani Ferreira, analista de Desenvolvimento de Cooperativas do Sistema OCB, uma das responsáveis por coordenar a ativação.

A primeira etapa do espaço apresentou indicadores curados sobre a presença de mulheres no cooperativismo, liderança LGBTQIA+ e desemprego causado pelo etarismo. A intenção foi apresentar estatísticas reais combinadas a imagens que ilustram os perfis abordados.

Em seguida, os participantes leram painéis com a provocação “O que você faria?”, que abordavam vieses inconscientes na contratação e na gestão envolvendo profissionais negros, jovens, pessoas idosas, refugiados e pessoas com deficiência. No verso de cada estrutura estavam nomes de referências globais associados a cada marcador social.

Confira os manuais

Manual de Implantação de Comitês de Mulheres nas Cooperativas:



Manual de Implantação e Funcionamento de Comitês de Jovens em Cooperativas:



“ O propósito dela é ser uma sala silenciosa. ”
- DIVANI FERREIRA

A esquerda, cadeira de rodas com provocação sobre deficiências motoras.

Equipados com fones de ouvido, participantes assumiram papéis de perfis diversos para vivenciar a dinâmica no tabuleiro.

A sala também continha a reflexão sobre deficientes físicos em um totem: “Você seria capaz de aceitar o desafio de passar um dia utilizando uma cadeira de rodas?”. Ao lado, uma cadeira de rodas.

A fase era a caminhada do privilégio. Utilizando fones de ouvido e fichas com histórias de personagens fictícios criados com apoio de inteligência artificial, os participantes avançavam ou permaneciam estáticos em um tabuleiro de acordo com instruções no telão. Os comandos abordavam temas como acesso a ensino privado, saúde, segurança pública e episódios de discriminação, evidenciando como a desigualdade altera a linha de partida na sociedade.

Ao final da dinâmica, o público passava por um espaço de acolhimento guiado pelos monitores do evento. Para garantirem o selo, os participantes precisavam responder a uma pesquisa de satisfação.

A equipe também disponibilizou dois QR Codes para o download do Manual de Implantação de Comitês de Mulheres nas Cooperativas e do Manual de Implantação e Funcionamento de Comitês de Jovens em Cooperativas. 



Videocast narra projetos
inspiradores, dos desafios
aos resultados



Estúdio coop:
histórias que inspiram



Ederson Madruga narra iniciativa da Certaja Soluções.

Com o objetivo de amplificar mensagens e promover conexões, o Sistema OCB montou uma estrutura especial no coração do evento: o Estúdio Coop. Ao longo de três dias, o espaço produziu 20 entrevistas com representantes de cooperativas de todo o país, que compartilharam iniciativas e experiências ligadas aos temas discutidos na programação.

Em cada episódio, o entrevistado narrou a trajetória de um projeto de sua cooperativa – de temas como educação, governança, comunicação e sucessão – percorrendo o contexto que motivou a iniciativa, os desafios enfrentados na implementação e os resultados já colhidos.

Para Rhayana Quintas, analista de comunicação do Sistema OCB, o Estúdio Coop vai muito além de uma produção de conteúdo realizada durante o evento. “A proposta é dar visibilidade às boas práticas e experiências que podem inspirar outras cooperativas e transformar esses conhecimentos em conteúdos dinâmicos, acessíveis e interessantes para quem vive o cooperativismo no dia a dia”. Os conteúdos produzidos poderão ser acessados no site do Sistema OCB.

Os episódios reuniram cooperativas de diferentes ramos, portes e regiões do Brasil, trazendo casos reais de como cada organização diagnosticou seus desafios e colocou soluções em prática. O objetivo é aproximar o conteúdo da realidade de quem atua no dia a dia das cooperativas, transformando o Estúdio Coop em um espaço para conhecer, na prática, como o cooperativismo brasileiro tem enfrentado seus principais desafios.

“A proposta é dar visibilidade às boas práticas e às experiências que podem inspirar outras cooperativas.” – RHAYANA QUINTAS

Diego Boelter grava sobre o projeto SmartCoop.



A PROGRAMAÇÃO DO ESTÚDIO COOP

Alberto Oppata, da CAMTA, apresentou a jornada de profissionalização da gestão e de preparo de novas lideranças para sustentar quase cem anos de história.

Ana Paula Sales, do Sicoob Meridional, narrou a criação do Comitê Mulher, que capacitou lideranças femininas e elevou o número de delegadas na cooperativa.

Ângelo Mácio, da Arteza, contou como o trabalho cooperativo com o couro transformou Cabaceiras (PB), gerando renda, pertencimento e retraindo jovens na região.

Bruno Rangel, da Coplana, contou como o Núcleo Jovem, criado após uma reforma no estatuto, forma lideranças desde 2002 e já rendeu à cooperativa presidentes formados dentro do próprio programa.

Claudia Maria Moraes, da CCO Nacional, contou como a união de cooperativas de catadores em uma central gerou novos contratos e mais renda para seus cooperados no Distrito Federal.

Diego Boelter, da Cotripal, trouxe a SmartCoop, plataforma digital que une cooperativas gaúchas para profissionalizar a gestão rural e aproximar os jovens da sucessão no campo.

Ederson Madruga, da Certaja Energia, narrou como a criação de núcleos regionais foi incorporada ao estatuto, aumentou a participação dos cooperados e fortaleceu a identidade cooperativista.

Fernanda Paiva, do Instituto Sicoob, mostrou como o Programa Cooperativas Mirins forma jovens líderes e leva educação cooperativista a comunidades indígenas, ribeirinhas e a APAEs em todo o país.

Dr. Gualter Ramalho, da Unimed do Brasil, mostrou a Essência Unimed, modelo que substitui missão, visão e valores por crenças e propósitos compartilhados entre as mais de 300 cooperativas do sistema.

Iandra Mendes, da Cocatrel, apresentou o Grupo Cafeína, que reúne mais de 2 mil mulheres cooperadas e se tornou também um pilar de negócios, com linha própria de café exportada para 25 países.

Itamar Vodzicki, do Cresol Instituto, apresentou seus projetos de educação financeira e cooperativista em escolas, que já impactaram mais de 159 mil crianças e jovens em todo o país.

João Sadao, da Cocamar, mostrou como a metodologia de Customer Experience elevou o NPS de 59% para 79,9%, colocando a jornada do colaborador no centro da experiência do cooperado.

Julio Cesar Pollaria, da Aurora Coop, apresentou seu rebranding, que separou a marca institucional Aurora Coop da marca comercial Aurora para reforçar o cooperativismo como diferencial competitivo.

Magno Braz, da Coopersino, apresentou o projeto Educoop, que leva diagnósticos técnicos e capacitação em gestão para profissionalizar a governança das cooperativas educacionais do Mato Grosso.

Maria Leticia Toledo, da Cotrijal, explicou o Programa Brotinho, que aproxima crianças da cultura do campo desde os 4 anos com livros e espaços sensoriais que despertam o pertencimento.

Paulo César Dias, da Comigo, apresentou o programa Viva Comigo, que usa jogos e dinâmicas para disseminar cultura e ética entre colaboradores, já com mais de 2 mil pessoas capacitadas.

Rogério Machado, da Fundação Sicredi, apresentou o Programa Crescer, que já formou mais de 1,1 milhão de pessoas em educação cooperativista e financeira.

Thais Cristina, da Cooper, mostrou como a criação de núcleos regionais gerou pertencimento entre os cooperados e hoje forma a maioria dos membros do Conselho Fiscal.

Tiago Schmidt, da Sicredi Pioneira, mostrou como uma cooperativa de 123 anos une tradição e renovação, formando lideranças que assumem a autogestão sem medo da sucessão.

Vanusa Cristina, da Complem, apresentou o “Jeito Coop de Atender”, que reestruturou sua estratégia de atendimento para que o produtor rural se sinta cooperado, não cliente.

Representantes de cooperativas compartilham insights e experiências sobre o evento



Aprendizados na bagagem

A Semana de Competitividade recebeu cooperativas de todos os estados brasileiros para uma imersão em temas estratégicos de cultura cooperativista. Foram dias intensos de trocas, conexões e reflexões que reforçaram a importância de preservar o legado do cooperativismo como base para pensar o presente e construir o futuro do movimento.

Ao ouvir os participantes, o que se viu foi uma pluralidade de desafios, mas também o alinhamento na vontade de evoluir. As experiências compartilhadas mostram como cada cooperativa pode adaptar os aprendizados à sua realidade, seja valorizando a memória de quem construiu o movimento, seja fortalecendo a cultura e a sucessão em suas organizações.

Os depoimentos a seguir reúnem os aprendizados que os participantes levam de volta para aplicar em suas cooperativas. Confira as respostas para a seguinte pergunta:

“Qual o principal aprendizado que você leva da Semana de Competitividade 2026 para a sua cooperativa?”

ACRE



“Levo tanto a importância dos princípios quanto da cultura cooperativista. No nosso estado, ainda há pessoas que são cooperadas e dizem que não são, ou não sabem que são. Então, o principal aprendizado é reforçar esse entendimento e a importância da cultura cooperativista para os nossos cooperados e para a região como um todo.”

Sebastião Aquino –
COOPERXAPURI

ALAGOAS



“Vou levar a provocação de que precisamos resgatar a nossa história e a nossa identidade para avançar, para sermos mais competitivos e perenes. Para olhar para a frente, é preciso ter esse olhar para trás, para reconhecer, honrar e valorizar, em uma lógica de não repetir a mesma coisa, mas de se transmutar.”

Karina Lira – SICREDI EXPANSÃO

AMAPÁ



“Além de o tema ser muito pertinente atualmente, os assuntos tratados aqui nos ajudam a levar os princípios para dentro da cooperativa. Vou levar muito conhecimento para compartilhar com os cooperados e dirigentes, com o objetivo de tornar a nossa cultura cooperativista ainda mais visível.”

Francis Silva – COOPERATIVA
AGROEXTRATIVISTAS

AMAZONAS



“As palestras sobre sucessão e sobre o processo de formação da cultura cooperativista foram essenciais. Vamos levar tudo o que aprendemos para trabalhar, principalmente, com os jovens que estão chegando à cooperativa e que serão responsáveis pela continuidade do modelo de negócios.”

Zuza Cavalcante –
COOPERATIVA COOINE

CEARÁ



“Esse evento trouxe muito conhecimento, especialmente nas áreas de governança, fidelização do cooperado e fortalecimento da cultura. Amei todos os palestrantes, em especial a palestra da Thais Jerônimo. Vamos compartilhar esses conteúdos não só com os cooperados, mas também com os nossos colaboradores.”

Eleni Monteiro – COOMTOCE

ESPÍRITO SANTO



“Precisamos estar em constante movimento e atualização, trocando experiências e conhecendo outras cooperativas e realidades. O que podemos aprender com elas para aplicar no nosso cotidiano? Viver fechado é um limitador de crescimento. Quando vemos tantas iniciativas legais de outras cooperativas, percebemos o quanto ainda temos para fazer e aprender.”

Cristiane Gaspari – SELITA

BAHIA



“Entendemos que não vai ser fácil implantar tudo o que precisamos para melhorar a gestão da nossa cooperativa, especialmente diante de alguns dados que vimos nas pesquisas apresentadas. Mas saio daqui com muita bagagem e uma responsabilidade muito grande. Precisamos olhar para o passado da cooperativa para não perdermos a essência.”

Valdirene Oliveira –
COOPSERTÃO

DISTRITO FEDERAL



“O maior aprendizado é a promoção da cultura como impulsionadora das comunidades onde a cooperativa atua. É papel de todas as lideranças difundir essa cultura dentro e fora da cooperativa, criando um ecossistema em que todos entendam realmente a importância e as oportunidades que o cooperativismo traz para as comunidades.”

Thays Ferreira – CNTCOOP

GOIÁS



“A mensagem mais importante para mim é que estar no cooperativismo significa valorizar as pessoas. São elas que constroem e levam o conhecimento para as cooperativas, formando um legado, e esse legado é feito de pessoas.”

Maria Abadia – COOPERBELGO

MARANHÃO



“Aqui eu pude entender novas formas de fortalecer o sentimento de pertencimento e a participação dos cooperados. Vou levar ideias para transformar os princípios do cooperativismo em ações práticas, tanto na comunicação com os cooperados quanto na relação com a comunidade.”

Jéssica Santos – UNIMED MARANHÃO DO SUL

MATO GROSSO DO SUL



“Foi uma experiência ímpar de aprendizado, conexão e troca. Os cases e conhecimentos compartilhados reforçaram a força da cultura cooperativista como direcionadora do nosso movimento. Saímos com novos aprendizados e o compromisso de disseminá-los.”

Maria Vitória Honorato – COPASUL

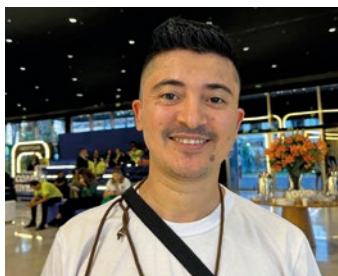
PARÁ



“A cultura precisa estar envolvida em tudo, especialmente na integração de novos cooperados. Não tem como dar errado se o cooperado entra na cooperativa sabendo o que é a cultura cooperativa e por que ela existe. Quando ele entende isso desde o início, passa a participar com mais consciência e nos ajuda a preservar o legado.”

Wesley Lopes – COREMA

MATO GROSSO



“Ficou muito evidente a importância de fortalecer a cultura cooperativista, algo que já é latente no nosso estado e no segmento educacional. Com a cultura implantada dentro das cooperativas, fica mais fácil trabalhar a gestão, a governança e o pertencimento do cooperado.”

Magnó Braz – COOPERSINO

MINAS GERAIS



“Levo muito aprendizado e gostei bastante da diversidade de participantes. É um evento muito necessário para engajar as cooperativas, especialmente nos assuntos de ESG. Gostei da abordagem sobre o legado do cooperativismo e sobre como foram formadas as primeiras cooperativas. Afinal, não podemos esquecer o passado de forma alguma.”

Musse Matuck – UNIMED CIRCUITO DAS ÁGUAS

PARAÍBA



“Acredito que um dos maiores ensinamentos é propagar a cultura cooperativista para a juventude. Vim ao evento com esse pensamento, sobre como podemos divulgá-la ainda mais entre os mais jovens, começando pelos aprendizes e estagiários, para que eles se tornem multiplicadores.”

Luana Figueiredo – SICREDI EVOLUÇÃO

PARANÁ



“A troca entre cooperativas é muito válida, porque conhecemos realidades diferentes e trocamos conhecimento. No dia a dia, tão focados no que fazemos, esquecemos o quanto o cooperativismo impacta a sociedade. Como sou de uma cooperativa educacional, vejo o quanto a intercooperação importa. As grandes cooperativas são essenciais para as pequenas crescerem em cada estado.”

Renata Nascimento –
COOPERATIVA EDUCACIONAL
DA LAPA

PERNAMBUCO



“Para disseminar o cooperativismo, não podemos nos acomodar. Quanto mais a gente fizer, ainda será pouco diante da grandiosidade do movimento. Como trabalho com educação, esse papel é de suma importância, porque os alunos podem levar o cooperativismo às suas famílias e, consequentemente, à sociedade.”

Elaine Ferreira – COOENGE

PIAUÍ



“Levo de tudo um pouco, em especial a conexão com outras cooperativas e a diversidade de público que temos aqui. Algumas palestras me marcaram, mas principalmente a do Bruno Peres, que mostrou que uma comunicação eficiente começa quando a cooperativa entende com quem quer falar e o que deseja alcançar.”

Washington Cunha – COOCAIS

RIO GRANDE DO NORTE



“Saio daqui com a missão de fazer com que todos entendam o quão maravilhoso é o nosso modelo de negócios no cooperativismo. Mostrar às pessoas o que essa união e essa colaboração significam é o que mais me inspira e me faz querer disseminar esse modelo ainda mais.”

Michelly Ribeiro –
COOPANEST-RN

RIO GRANDE DO SUL



“Carrego os aprendizados sobre cultura cooperativista, em especial os desafios que temos no ramo Crédito apresentados pelas pesquisas. É o ramo de maior crescimento, o que aumenta o desafio de avançar mantendo a proximidade, a essência e a cultura cooperativista.”

Karelina Bueno – SICREDI

RIO DE JANEIRO



“Durante esses dias, aprendemos cada vez mais sobre a força do cooperativismo e a importância de implementar uma cultura cooperativista. Cada pessoa que está aqui representando a sua cooperativa tem o dever e a honra de levar os aprendizados, reforçar o nosso legado e carregar o SomosCoop nas veias, sendo o resultado de cada ação que realizamos na cooperativa.”

Paola Souza – UNIMED
NOVA FRIBURGO

RONDÔNIA



“Foi muito produtivo o evento, tive vários insights a cada palestra que assisti. Vou levar o resultado de uma pesquisa robusta e sugestões de ações práticas. O tema tocou num ponto essencial para o cooperativismo diante de um cenário de muita transformação tecnológica: cultivar a cultura cooperativista. Fortalecer essa identidade é o que nos diferencia das empresas comuns, e garante relevância para o futuro.”

Adevania Silveira –
SICOOB CREDISUL

RORAIMA



“A cada ano, o Sistema OCB aprimora a forma de abordar o cooperativismo. É impressionante o quanto esse olhar sobre a cultura cooperativa faz diferença dentro da cooperativa que a gente está à frente. O que estou levando é a certeza de que precisamos implantar a cultura para dar continuidade ao cooperativismo.”

Igleison Gomes – UNITAP

SANTA CATARINA



“O aprendizado que vou levar é como disseminar a cultura cooperativista dentro da minha cooperativa. Por meio deste evento, conseguimos acessar ferramentas e metodologias para levar essa cultura a todos os cooperados.”

Juliane Guerreiro – UNIMED
GRANDE FLORIANÓPOLIS

SÃO PAULO



“O maior aprendizado é que precisamos colocar a cultura cooperativista sempre nas nossas pautas. No dia a dia, acabamos deixando esse tema de lado diante de outras prioridades e esquecemos que manter os princípios e valores claros para todos é fundamental. Não podemos esquecer que somos uma cooperativa.”

José Alves de Souza Neto
– UNIODONTO DO BRASIL

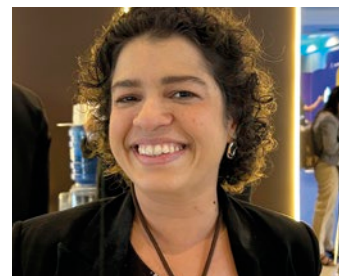
SERGIPE



“O principal aprendizado foi em relação à memória. De tudo o que vimos aqui, ela talvez seja o mais importante, porque, sem memória, não se constrói o futuro. A base precisa estar bem documentada, bem registrada e viva.”

Josué Araújo – CERCOS

TOCANTINS



“O entendimento mais forte sobre essa semana é essa capacidade de uma cooperativa ser forte, eficiente, inovadora e relevante no mercado, sem deixar de lado os princípios e valores do cooperativismo.”

Geiciane Silveira
– SICOOB TOCANTINS

Gestão de resíduos, compostagem e compensação de emissões marcaram a operação da Semana de Competitividade 2026

Um evento sustentável e inclusivo

A sustentabilidade esteve presente nos debates da Semana de Competitividade e também na forma como o próprio evento foi realizado. Ao longo dos três dias de programação, práticas de gestão de resíduos, redução de impactos ambientais e um receptivo pensado para a acessibilidade fizeram parte da operação da Semana, que reuniu cerca de 800 cooperativistas de todo o país.

Equipe de recepção:
acolhimento e
diversidade.



No período, foram coletados 338 quilos de resíduos secos, dos quais 60% foram encaminhados para reciclagem. Os resíduos orgânicos também tiveram destinação adequada, uma vez que 100% do material gerado durante o evento foi enviado para compostagem.

Compensação de carbono

A Semana de Competitividade foi realizada como um evento carbono neutro. Ao todo, foram contabilizadas 133 toneladas de CO₂ equivalente associadas às emissões da programação. Esse volume foi compensado por meio de créditos de carbono certificados, gerados pelo Projeto REDD+ RESEX Jacundá, em Rondônia. Além de contribuir para a compensação das emissões, a iniciativa está relacionada à conservação da floresta e à geração de benefícios para a comunidade local.

“Quando falamos em cultivar uma cultura cooperativista, abordamos as escolhas que fazemos todos os dias. A sustentabilidade precisa sair do discurso e estar presente na forma como organizamos nossos negócios, nossos eventos e nossas relações com a comunidade. A Semana mostrou que é possível transformar esse compromisso em prática, e esse é um caminho que precisa continuar depois que o evento termina”, destacou Alex Macedo, coordenador de Meio Ambiente do Sistema OCB.

Receptividade para todos

A preocupação com a inclusão também esteve presente na recepção dos participantes. O evento contou com um receptivo inclusivo, no qual pessoas com deficiência integraram a equipe responsável por dar as boas-vindas aos participantes. Com isso, a Semana de Competitividade colocou em prática a diversidade, uma das características da identidade cooperativista.

Sustentabilidade no cotidiano

Durante os três dias, os participantes também foram convidados a fazer parte do processo de gestão de resíduos. A comunicação orientou o público a observar as lixeiras e fazer a separação correta antes do descarte, transformando uma ação cotidiana em parte da experiência cooperativista vivida durante o evento.

A iniciativa se alinha aos princípios e valores que estiveram no centro das discussões da Semana de Competitividade 2026. Ao abordar o futuro do cooperativismo, os participantes debateram como manter a identidade do movimento diante das transformações econômicas, sociais e ambientais. Desse modo, tanto a gestão sustentável quanto o receptivo inclusivo reforçaram que esse compromisso não fica só no discurso. 

“ A Semana mostrou que é possível transformar esse compromisso em prática, e esse é um caminho que precisa continuar depois que o evento termina” – ALEX MACEDO



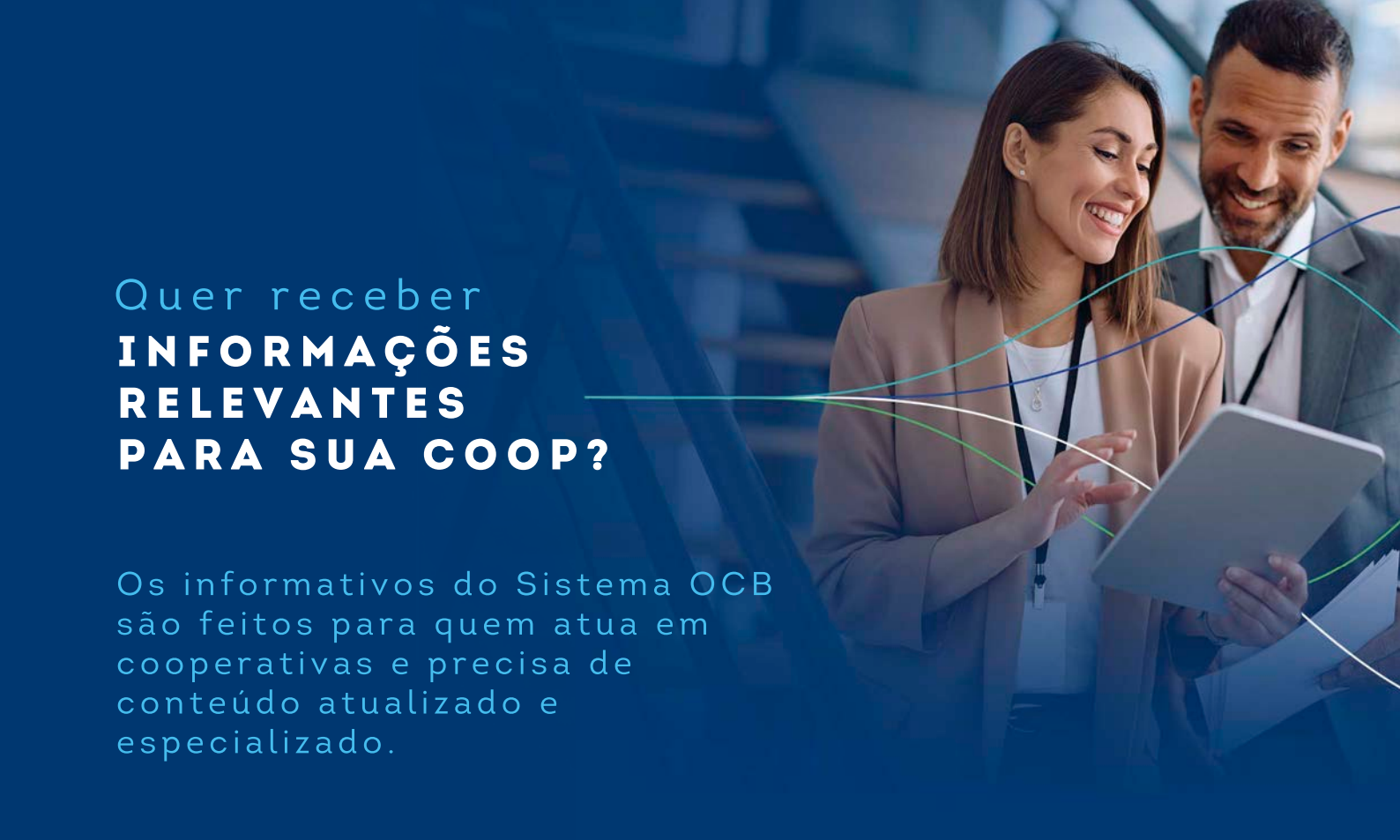
Gente que





coopera





Quer receber **INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA SUA COOP?**

Os informativos do Sistema OCB são feitos para quem atua em cooperativas e precisa de conteúdo atualizado e especializado.

panorama do coop



Análises sobre os cenários político, sindical, trabalhista e tributário e notícias do cooperativismo que foram destaque na semana.

impulso do coop



Conteúdos sobre inovação e competitividade, além de análises do cenário econômico e seus impactos para o cooperativismo.

direito no coop



Análises jurídicas e decisões que impactam o coop, além de conteúdos sobre direito societário, tributário, ambiental e proteção de dados.

saber **cooperar**



Informativo que apresenta as histórias e trajetórias do cooperativismo no Brasil e no mundo.



Assine agora
<http://in.coop.br/informativos>



SistemaOCB
CNCOOP | OCB | SESCOOP

APRENDA COM A MAIOR PLATAFORMA DE ENSINO A DISTÂNCIA DO COOPERATIVISMO

A CapacitaCoop é a **plataforma de ensino a distância do cooperativismo brasileiro**, com conteúdos desenvolvidos para apoiar a formação contínua de cooperados, dirigentes, colaboradores e de todos que desejam crescer junto com o movimento.

Desenvolva novas competências, amplie seus conhecimentos e fortaleça o cooperativismo.



+ de 290
cursos on-line



+ de 200 mil
inscritos

Acesse
capacita.coop.br
e comece agora:



capacita**coop**



SistemaOCB
CNCOOP | OCB | SESCOOP

somos
coop»

ESCOLHA
CONSCIENTE

ESCOLHA O COOP

SABE O QUE
NOSSAS BOAS
ESCOLHAS FAZEM?

Elas geram grandes impactos.
E é assim quando você escolhe
produtos e serviços de cooperativas.
O dinheiro fica na comunidade.
O trabalho é valorizado. E o
crescimento é compartilhado.
Estamos juntos por escolhas
que fazem a diferença.



Saiba mais

somos.coop.br

